



INSTITUTO SUPERIOR  
DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
E POLÍTICAS  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

***Perceções das pessoas com mais de 65 anos, não institucionalizadas, sobre a institucionalização em Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas***

**Maria João do Nascimento Plácido Costa**

**Orientadora:** Professora Doutora Carla Marina da Cunha Ribeirinho

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Gerontologia Social

*Lisboa*  
*2025*



INSTITUTO SUPERIOR  
DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
E POLÍTICAS  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

# Perceções das pessoas com mais de 65 anos, não institucionalizadas, sobre a institucionalização em Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas

***Maria João do Nascimento Plácido Costa***

*Orientadora:* Professora Doutora Carla Marina da Cunha Ribeirinho

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Gerontologia Social

Júri:

Presidente:

Doutora Stella Margarida de Oliveira António Bettencourt da Câmara,  
Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da  
Universidade de Lisboa;

Vogais:

Doutora Carla Marina da Cunha Ribeirinho, Professora Auxiliar do Instituto  
Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, na  
qualidade de Orientadora;

Doutora Patrícia Alexandra Candeias Necá, Professora Auxiliar Convidada do  
Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa.

*Lisboa*  
*2024*

## Agradecimentos

Quero deixar algumas palavras de gratidão para todos aqueles que, de forma direta ou indireta, contribuíram para este percurso e que me ajudaram a chegar aqui.

À minha mãe, que foi o meu pilar incansável ao longo de todo o percurso, que me motivou vezes sem conta e me encorajou a seguir sempre em frente.

Ao meu pai e avó, as estrelas que diariamente brilham para mim e me guiam no caminho certo.

Aos meus irmãos e família, que sempre tiveram um ombro disponível para os meus desabafos e uma palavra amiga para me apoiar.

A todos os meus amigos, que me apoiaram e incentivaram a seguir em frente, a ser mais e melhor e a lutar por aquele que é o meu caminho.

À minha professora orientadora, Dra. Carla Ribeirinho, por todos os conhecimentos transmitidos, por todo o apoio e incentivo incansável ao longo de todo este percurso.

A todos, o meu obrigada.

## Resumo

A sociedade contemporânea caracteriza-se por uma elevada proporção de população mais velha, podendo a institucionalização em ERPI ser uma resposta adequada para aqueles que necessitam da prestação de cuidados.

A institucionalização é geradora de mudanças e transformações no contexto de vida e respetivo quotidiano da pessoa mais velha, influenciada por fatores pessoais, sociais, económicos e culturais.

Assim sendo, foi definido como objetivo da presente dissertação compreender como é percebido o processo de institucionalização em ERPI, pelas pessoas com mais de 65 anos, não institucionalizadas. Foi adotada uma abordagem qualitativa, com recurso a entrevistas semiestruturadas realizadas a 15 pessoas com 65 e mais anos que nunca tenham estado institucionalizadas, tendo posteriormente sido desenvolvida uma análise de conteúdo categorial temática de modo a categorizar os dados recolhidos.

A investigação desenvolvida tornou possível identificar uma perceção positiva generalizada face à ERPI em função das vantagens e expectativas associadas. Foi também possível assinalar determinadas desvantagens e receios, os quais podem influenciar negativamente essa perceção.

Esta investigação permitiu ainda aferir que os principais motivos que geram a institucionalização da pessoa mais velha são a necessidade de acompanhamento, em resultado da deterioração do estado de saúde, da incapacidade ou ausência da rede familiar e de situações de solidão.

**Palavras-Chave:** Envelhecimento; Institucionalização em ERPI; Perceção da Institucionalização.

## Abstract

Contemporary society is characterized by a high percentage of older people, and institutionalization in ERPI (ERPI – “Estrutura Residencial para Pessoas Idosas” (Residential Care Homes)) may be a suited response for those who need care.

Institutionalization leads to changes in the older person's life context and daily routine, influenced by different factors such as personal, social, economic, and cultural.

Therefore, the purpose of this research was to understand how the process of institutionalization in ERPI is perceived by people over 65 years old who are not institutionalized. The research method was based on a qualitative approach, using semi-structured interviews conducted to 15 people aged 65 or older who have never been institutionalized. Afterwards, a thematic categorical content analysis was developed to categorize the collected data.

The research made it possible to identify a generally positive perception of ERPI based on the advantages and expectations associated with it. Moreover, it highlighted certain disadvantages and concerns, which may negatively influence this perception.

In addition, the research assessed that the main reasons for the institutionalization of older people are the need for supervision due to deteriorating health, incapacity or absence of family support and situations of loneliness.

**Keywords:** Aging; Institutionalization in ERPI; Perception of Institutionalization.

## **Siglas**

AVD- Atividades da Vida Diária

CD- Centro de Dia

ERPI- Estrutura Residencial para Pessoas Idosas

INE- Instituto Nacional de Estatística

IPSS- Instituição Particular de Solidariedade Social

NUTS- Nomenclaturas das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos

SAD- Serviço de Apoio Domiciliário

SS- Segurança Social

## Índice

Resumo.....	III
Abstract .....	IV
Siglas.....	V
Índice de Figuras .....	VII
Índice de Gráficos.....	VII
Introdução.....	8
Capítulo 1 - Envelhecimento Individual e Coletivo .....	11
1.1. Envelhecimento Individual .....	11
1.1.1. Teoria do Curso de Vida .....	14
1.1.2. Teoria Ecológica do Envelhecimento .....	14
1.2. Envelhecimento Demográfico .....	15
1.3. Gerontologia e Gerontologia Social .....	17
Capítulo 2 - Políticas Sociais para o Envelhecimento .....	20
2.1. A ERPI no Quadro das Políticas Sociais de Envelhecimento.....	24
2.2. A Institucionalização em ERPI .....	25
2.3. Preditores da Institucionalização em ERPI .....	27
2.4. Perceções da Institucionalização em ERPI .....	28
Capítulo 3 - Procedimentos Metodológicos.....	33
3.1. Pergunta de Partida, Objetivo Geral e Objetivos Específicos .....	33
3.2. Modelo de Análise.....	33
3.3. Modalidade e Abordagem da Investigação.....	34
3.4. Técnica de Recolha de Dados.....	35
3.4.1. Participantes na Investigação.....	36
3.5. Processo de Recolha de Dados.....	36
3.6. Processo de Análise de Dados.....	37
Capítulo 4- Apresentação e Análise dos Resultados da Investigação .....	39
4.1. Apresentação dos Resultados por Dimensões .....	39
4.1.1. Caracterização sociodemográfica .....	39

4.1.2. Experiência em ERPI .....	41
4.1.3. Causas da Institucionalização em ERPI e Validade Atribuída.....	43
4.1.3.1. Motivos da Institucionalização.....	43
4.1.3.2. Validade dos Motivos de Institucionalização .....	45
4.1.4. Perceção da Institucionalização .....	45
4.1.5. Institucionalização em ERPI.....	50
Capítulo 5 - Discussão de Resultados da Investigação.....	55
Considerações Finais .....	60
Referências Bibliográficas .....	63

### **Índice de Figuras**

Figura 1: Modelo de Análise.....	34
----------------------------------	----

### **Índice de Gráficos**

Gráfico 1: Nº de Respostas Sociais em Portugal- 2022.....	24
Gráfico 2: Capacidade das Respostas Sociais em Portugal-2022.....	25
Gráfico 3: Idade dos entrevistados .....	39
Gráfico 4: Sexo dos entrevistados.....	40
Gráfico 5: Estado Civil dos entrevistados.....	40
Gráfico 6: Escolaridade dos entrevistados.....	41
Gráfico 7: Situação Profissional dos entrevistados .....	41

### **Apêndices**

Apêndice A- Guião da Entrevista.....	74
Apêndice B- Declaração de Consentimento Informado.....	76
Apêndice C- Grelha de Análise de Conteúdo.....	77

## Introdução

A presente investigação tem como tema central a institucionalização em ERPI, sendo o seu objetivo compreender e analisar de que forma é percecionado este processo, pelas pessoas com 65 e mais, que nunca tenham estado institucionalizadas.

O processo de envelhecimento traduz a evolução e desenvolvimento das sociedades contemporâneas, em resultado dos avanços científicos e tecnológicos e respetivas transformações sociais, geradora de desafios para o indivíduo, para a sociedade e respetiva ciência, para o qual se torna fundamental o desenvolvimento de políticas públicas direcionadas ao envelhecimento (Daniel, 2009; Ferreira, 2013; Azeredo, 2016; Silva et al., 2021). São reconhecidos dois tipos de envelhecimento, o envelhecimento individual, que se assume como irreversível e que o indivíduo vivencia no decorrer do seu percurso de vida e o envelhecimento demográfico, diz respeito ao aumento da proporção de população com 65 e mais anos na respetiva sociedade em que se insere (Ávila et al., 2018).

No âmbito da União Europeia, Portugal é um dos países onde o envelhecimento demográfico se deu de forma mais acelerada sendo que, em 2022, representava o 2º país mais envelhecido, precedendo a Itália (Eurostat, 2024). Portugal caracteriza-se por uma sociedade envelhecida, na qual a população com 65 ou mais anos, em 2022, representa cerca de 23,8% do total de população (PORDATA, 2024).

Numa sociedade contemporânea caracterizada pela elevada proporção de população mais velha, a institucionalização em Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas (ERPI) constitui uma resposta frequentemente procurada por pessoas mais velhas que precisam de cuidados, uma vez que, em resultado do aumento da dependência e das transformações demográficas, é registado um aumento na procura das respostas sociais que garantam a prestação de cuidados (Daniel, 2009; Ribeirinho et al., 2024).

A ERPI tem como objetivo assegurar, de forma formal, a prestação de cuidados e satisfação das necessidades da população mais velha, especialmente dos que se vêem impossibilitados de desempenhar de forma independente as AVD's (Duarte, 2014; Daniel et al., 2019).

A representação da ERPI na sociedade contemporânea resulta do percurso histórico deste tipo de instituições, o que pode gerar receios em relação à institucionalização, no

entanto têm vindo a ser desenvolvidos esforços e iniciativas pela sociedade e respetivas instituições, para que esta seja compreendida como uma instituição onde são asseguradas as necessidades individuais (Daniel, 2009).

A institucionalização é, frequentemente, resultado da combinação de diversos aspetos e não apenas de fatores isolados, contudo, torna-se possível identificar preditores que podem originar esse processo. Este é influenciado por diversos fatores, nomeadamente fatores biológicos, psicológicos, familiares e sociais.

A perceção acerca da institucionalização em ERPI's é resultado de uma forma de pensar, socialmente construída, acerca da institucionalização enquanto processo. A aceitação deste gera uma perceção positiva, uma vez que a pessoa mais velha reconhece que as transformações biopsicossociais do processo de envelhecimento podem, em determinado momento, gerar a necessidade de institucionalização, como forma de assegurar a prestação de cuidados. Por outro lado, uma perceção negativa resulta dos estereótipos negativos associados ao envelhecimento e da representação negativa sobre as ERPI's (Dhlamini-Siband et al., 2017).

Para a realização da investigação foi definida como técnica de recolha de dados a realização de entrevistas semiestruturadas aplicada a pessoas 65 ou mais anos, que nunca tenham estado institucionalizadas. Obteve-se uma amostra de 15 participantes, residentes no município de Alcobaça.

A presente dissertação divide-se em cinco capítulos, o primeiro, Envelhecimento Individual e Coletivo, inclui o envelhecimento individual e respetivas teorias de suporte, teoria do curso de vida e teoria ecológica do envelhecimento, o envelhecimento demográfico e ao enquadramento da Gerontologia enquanto disciplina e, conseqüentemente a Gerontologia Social. O segundo capítulo, Políticas Sociais para o Envelhecimento, analisa a ERPI no quadro das políticas sociais para o envelhecimento, a institucionalização em ERPI, os preditores do processo de institucionalização e, por fim, as perceções do processo de institucionalização.

O terceiro capítulo, Procedimentos Metodológicos, visa apresentar a pergunta de partida, o objetivo geral e específico, respetivamente, da presente investigação, identificar o modelo de análise, a modalidade e abordagem definida, bem como a técnica de recolha de dados e respetivos participantes da investigação e processo de

recolha de dados, por fim, é apresentado o processo de análise de dados definido para a realização da investigação.

O quarto capítulo, Apresentação e Análise de Resultados na Investigação foca-se na apresentação dos resultados por dimensões e respetivos indicadores, sendo que foram definidas como dimensões de análise de dados a caracterização sociodemográfica, experiência em ERPI, causas da institucionalização, perceção da institucionalização e institucionalização. O quinto capítulo, por sua vez faz referência à discussão dos resultados obtidos com a realização da investigação.

Por fim, serão apresentadas as considerações finais do trabalho e as referências bibliográficas que lhe serviram de base.

## Capítulo 1 - Envelhecimento Individual e Coletivo

O processo de envelhecimento traduz a evolução e desenvolvimento das sociedades contemporâneas. São reconhecidos dois tipos de envelhecimento, o envelhecimento individual e o envelhecimento demográfico. O envelhecimento individual assume-se como um processo irreversível, que o indivíduo vivencia no decorrer do seu percurso de vida, já o envelhecimento demográfico diz respeito ao aumento da proporção de população com 65 e mais anos na sociedade em que se insere (Ávila et al., 2018).

O estudo do envelhecimento foca-se nas duas tipologias do processo, nomeadamente a dimensão social, a dimensão micro e macro da sociedade e a dimensão individual (Ávila et al., 2018). Os desafios gerados distinguem-se consoante o foco do envelhecimento, se individual ou demográfico, contudo, estes processos não podem ser totalmente dissociados entre si (Azeredo, 2016).

### 1.1. Envelhecimento Individual

O envelhecimento decorre num determinado período histórico, numa sociedade e numa determinada época de desenvolvimento (Quaresma & Ribeirinho, 2016), inicia-se aquando o nascimento do ser humano e decorre ao longo de todo o percurso de vida, caracteriza-se pelas transformações biopsicossociais e pode ser compreendido pela visão biológica, socioeconómica e financeira (Neto & Corte-Real, 2008; Cavalcanti, 2013; Martins et al., 2021).

É um processo individual que afeta todos os indivíduos, sem distinção, assume-se como natural, universal e irreversível e decorre a ritmos diferentes para cada indivíduo, resultando das experiências de vida (Fechine & Trompieri, 2012; Barreto, 2022) e das transformações e desenvolvimentos da sociedade (Quaresma & Ribeirinho, 2016), englobando fatores biológicos, sociais, familiares e culturais, assim sendo, assume-se como um processo biopsicossocial (Souza et al., 2020). O envelhecimento é heterogéneo, difere entre os indivíduos, e resulta do percurso de vida e das experiências vividas por cada indivíduo, uma vez que as transformações resultantes são percecionadas de forma distinta entre indivíduos (Rosenberg, 2022).

O envelhecimento decorre em três níveis, distingue-se envelhecimento primário, envelhecimento secundário e envelhecimento terciário. O envelhecimento primário decorre de forma natural no percurso de vida, que ocorre com todos os indivíduos, dá-

se de forma gradual e gera determinadas transformações em função da idade, não relacionadas com a existência de doença, no qual se procura compreender a influência dos fatores genéticos e moleculares no processo (Freire & Resende, 2008; Birren & Schroots, 1996; Ávila et al., 2018). O envelhecimento secundário diz respeito às transformações individuais resultantes da influência de fenómenos e ações aleatórias que ocorrem ao longo do percurso de vida, incluindo a presença de doenças que extrapolam o processo natural de envelhecimento, no qual se procura identificar a causa, prevenir, diagnosticar e tratar determinadas doenças (Birren & Schroots, 1996; Ávila et al., 2018; Freire & Resende, 2008). O envelhecimento terciário, por sua vez, inclui a perda de capacidades no âmbito físico e cognitivo, resultantes das consequências do envelhecimento (Freire & Resende, 2008; Birren & Schroots, 1996).

Para a compreensão do processo de envelhecimento é fundamental considerar a relação e influência dos fatores cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais, sendo que esta resulta do contexto em que a pessoa se insere (Schneider & Irigaray, 2008).

O envelhecimento assume-se como complexo, dinâmico e social, o que dificulta a sua compreensão, contudo, Beauvoir descreve-o como

Um fenómeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. Acarreta consequências psicológicas: determinadas condutas, que são consideradas típicas da idade avançada. Tem uma dimensão existencial como todas as situações humanas: modifica a relação do homem no tempo e, portanto seu relacionamento com o mundo e com a sua própria história. (Beauvoir, 2005 citado em Paratela e Correa, 2012, p. 8)

Na perspetiva biológica, o envelhecimento refere-se a um processo de perdas e transformações físicas e mentais, no qual o indivíduo passa por processos degenerativos e pelo aumento da vulnerabilidade, a chamada senescência (Jardin et al., 2006; Schneider & Irigaray, 2008; Paúl, 2005; Câmara, 2015). Este inclui mudanças e perdas nas células, nas moléculas, nos tecidos e no organismo da pessoa (Souza et al., 2020), esperando-se que, com o avançar da idade, a pessoa sofra alterações a nível da estatura (e.g. em média dá-se a perda de um centímetro por década), no âmbito da pele (e.g. esta tende a tornar-se menos resistente e elástica), a nível da visão (e.g. espera-se uma

perda da mesma), a nível auditivo (e.g. também sofrerá diminuição, sendo que, na maioria dos casos não gera consequências graves) e, por fim, também ao nível cognitivo (e.g. o cérebro sofrerá redução de volume, o que limita a preservação das funções cognitivas até ao fim da vida) (Costa & Pereira, 2005 citados em Schneider & Irigaray, 2008). Todas estas transformações acentuam a necessidade permanente de adaptação da pessoa mais velha (Paratela & Correa, 2012).

O envelhecimento social relaciona-se com o estatuto social do indivíduo, com o desempenho dos papéis sociais e com a interação social estabelecida no decorrer do processo (Schneider & Irigaray, 2008; Câmara, 2015). A idade social do indivíduo é influenciada pelas características individuais, bem como pelo desempenho de determinados papéis sociais. Na perspetiva social, o envelhecimento é gerador de transformações no desempenho de papéis sociais expectáveis para o indivíduo, pela sociedade, uma vez que estes variam em função do fator idade. Assim sendo, é esperado que a pessoa mais velha atue consoante aquilo que a sociedade determina para a mesma. A dimensão social caracteriza a pessoa mais velha em função da cultura, género, estatuto social e condições de vida, que poderão contribuir para a desigualdade entre indivíduos no envelhecimento (Schneider & Irigaray, 2008).

Na perspetiva psicológica, o envelhecimento gera transformações na capacidade cognitiva da pessoa mais velha e influencia a capacidade de adaptação à sua circunstância e ao contexto em que se insere, deste modo, o envelhecimento psicológico diz respeito à capacidade da pessoa mais velha tomar decisões e adaptar-se ao processo de senescência (Paúl, 2005; Câmara, 2015). Esta capacidade de adaptação a novos contextos é influenciada pela aprendizagem, memória, inteligência, estratégia e controlo emocional e perceção, influenciando o potencial de atuação individual, contudo, é esperado que, em resultado das transformações geradas pelo envelhecimento, haja perdas nas capacidades e competências referidas (Schneider & Irigaray, 2008; Souza et al., 2020).

Assim sendo, torna-se fundamental identificar e promover estratégias que auxiliem o processo em si e respetivos efeitos, bem como adotar uma abordagem multidisciplinar, focada no envelhecimento e nos desafios gerados pelo mesmo, onde sejam considerados os diferentes contextos do indivíduo (Jardin et al., 2006; Freire & Resende, 2008; Fehine & Trompieri, 2012). Sendo o envelhecimento um desafio da sociedade

contemporânea e com tendência de agravamento é fundamental desenvolver a intervenção profissional qualificada de forma a promover a aceitação das transformações resultantes deste (Santos et al., 2015; Souza et al., 2020).

### **1.1.1. Teoria do Curso de Vida**

O curso de vida compreende-se “como um fenómeno a vários níveis, que vão desde percursos estruturados através de instituições e organizações sociais, até às trajetórias sociais dos indivíduos e aos seus percursos de desenvolvimento” (Elder, 1994, p. 5). O percurso de vida é contínuo e cumulativo, tornando-se fundamental para a sua compreensão a inclusão dos contextos em que este decorre (Hendricks, 2012).

A Teoria do Curso de Vida surge nas primeiras décadas do século XX, ganhando maior destaque após a década de 60, em resultado das transformações sociais e do aumento do envelhecimento demográfico (Mitchell, 2003; Blanco, 2011), sendo compreendido como um processo contínuo, no qual as forças da sociedade influenciam as transformações individuais e a tomada de decisões, por parte do indivíduo, relativamente à trajetória de vida (Elder, 1994; Rosenberg, 2022).

A abordagem do curso de vida foca-se no estudo e compreensão do trajeto de cada indivíduo ou de determinadas coortes, considerando a influência dos acontecimentos históricos, das transformações económicas, socioculturais e demográficas, na qual os acontecimentos mais representativos guiam e direcionam a trajetória do percurso de vida dos indivíduos (Mitchell, 2003; Blanco, 2011; Komp-Leukkunen, 2023).

Esta teoria surge no âmbito da Gerontologia Social como o intuito de estudar o processo de envelhecimento, considerando as dimensões e influências decorrentes das experiências de vida e da influência das transformações da sociedade no envelhecimento, na qual se assume como uma mais valia para a disciplina uma vez que considera diversos aspetos e abordagens ao processo (Rosenberg, 2022). A abordagem do curso de vida permite estabelecer ligações entre o contexto histórico-cultural, as mudanças na sociedade e as experiências dos indivíduos (Mitchell, 2003).

### **1.1.2. Teoria Ecológica do Envelhecimento**

O contexto em que a pessoa se insere constitui uma das questões abordadas pela Gerontologia desde a década de 70 do séc. XX, na qual a teoria ecológica do

envelhecimento se destaca pela sua aplicabilidade no âmbito prático e teórico da intervenção desenvolvida pela Gerontologia Ambiental (Moore, 2014).

A perspectiva ecológica do envelhecimento considera a velhice uma fase influenciada pelo ambiente físico no qual se insere a pessoa mais velha. Neste sentido, o ambiente físico, ainda que contribua para determinadas limitações do envelhecimento, pode também contribuir para o bom envelhecimento (Wahl et al., 2012).

O estudo da Gerontologia Ambiental foca-se no estudo do contexto da pessoa mais velha considerando três dimensões fundamentais: ambiente doméstico privado, papel da morbidade nos ambientes e decisões residenciais. O ambiente doméstico privado, denominado o contexto tradicional, inclui as relações estabelecidas pelo indivíduo. O papel da morbidade nos ambientes diz respeito ao contexto institucional bem como novas tipologias de habitação. As decisões residenciais incluem as mudanças entre casas, entre instituições ou entre casa e instituição (Wahl & Weisman, 2003).

São identificados como desafios que se colocam ao ramo da Gerontologia a compreensão da atuação da pessoa mais velha face aos desafios e oportunidades em resultado da transformação das capacidades da pessoa, a identificação das relações estabelecidas entre a dimensão objetiva e subjetiva do meio em que se insere a pessoa mais velha e a compreensão da influência da relação estabelecida entre a pessoa-ambiente para o decorrer do processo de envelhecimento (Wahl & Oswald, 2010).

Por fim, a teoria ecológica do envelhecimento visa compreender as transformações que ocorrem no indivíduo, no decorrer do processo de envelhecimento, influenciadas pelo âmbito social e ambiental. A teoria é adotada com o intuito de compreender a adaptação do cuidador à prestação de cuidados à pessoa mais velha, compreender o seu estado de saúde, bem como permitir aos gerontólogos compreender a influência do lugar para o bem-estar da pessoa mais velha (Alkema & Alley, 2006; Moore, 2014).

## **1.2. Envelhecimento Demográfico**

O envelhecimento populacional traduz a evolução e crescimento das sociedades, em resultado dos avanços científicos e tecnológicos e das transformações sociais, contudo acarreta inúmeros desafios para o indivíduo, para a sociedade e para a ciência, o que torna fundamental o desenvolvimento de soluções, por parte das sociedades, para os

desafios que emergem, nomeadamente políticas públicas direcionadas ao envelhecimento (Daniel, 2009; Ferreira, 2013; Azeredo, 2016; Silva et al., 2021).

O aumento exponencial da proporção de população com 65 e mais anos, ainda que influenciado pelo aumento da esperança de vida é essencialmente resultado da quebra da natalidade, do casamento em idades avançadas, da emancipação da mulher e sua inserção no mercado de trabalho e do acréscimo e divulgação dos métodos contraceptivos (Martins, 2002; Silva et al., 2021). As transformações na estrutura populacional resultam da quebra progressiva da natalidade, na qual deixa de ser assegurada a substituição de gerações, do crescimento da proporção de população mais velha e do aumento da esperança de vida devido à melhor qualidade de vida e da melhoria nas condições sociais, tecnológicas, científicas e de saúde (Martins, 2002).

A nível europeu, são mais os receios do que as oportunidades que o envelhecimento demográfico gera, deste modo, o processo representa um vasto conjunto de desafios para a sociedade, traduzindo-se em diversas dimensões. No âmbito da saúde surge a emergência de novas complicações com o avançar da idade, nomeadamente doenças crónico-degenerativas e multimorbilidade. No âmbito social, a heterogeneidade dos recursos e necessidades da população, a fragilidade da pessoa mais velha e complexidade e necessidade de assegurar a prestação de cuidados e, por sua vez, no âmbito económico devido à diminuição da população em idade ativa e consequentemente a diminuição da mão de obra, o aumento das despesas sociais e de saúde em função da pressão exercida nos regimes de pensões, sendo assim é fundamental reorganizar a sociedade e o seu funcionamento perante este cenário (Martins, 2002; Azeredo, 2016).

No âmbito da União Europeia, Portugal é um dos países onde o envelhecimento demográfico se deu de forma mais acelerada. Considerando o indicador proporção de população mais velha com 65 e mais anos, Portugal representa o 2º país mais envelhecido, precedendo a Itália (Eurostat, 2024), caracterizando-se por ser uma sociedade envelhecida, na qual a população com 65 ou mais anos, em 2022, correspondia a 2 484 783 pessoas, representando cerca de 23,8% do total de população (PORDATA, 2024).

A elevada proporção da população com 65 e mais anos traduz-se nos indicadores de envelhecimento, nomeadamente no índice de envelhecimento e no índice de

dependência de idosos. O índice de envelhecimento assume-se como um indicador que traduz a relação que se estabelece entre a população com 65 e mais anos e a população jovem, com idades entre os 0-14 anos, que em 2022 registava 183,5 pessoas com 65 e mais anos por 1000 jovens (0-14). No que diz respeito ao índice de dependência de idosos este faz referência à relação estabelecida entre a população com 65 e mais anos e a população em idade ativa, 15-64 anos, que em 2022, registava 37,6% por cada 100 pessoas em idade ativa (PORDATA, 2024).

Considerando as Nomenclaturas das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS), tipo II em Portugal -Norte, Centro, Área Metropolitana de Lisboa, Alentejo, Algarve, Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira- no ano de 2022 é na Região Centro que a população com 65 e mais anos tem uma representatividade superior, correspondendo a 27,7%. Em contrapartida é na Região Autónoma dos Açores que a população com 65 ou mais anos tem menor representatividade, correspondendo a um total de 16,9% (PORDATA, 2024).

O fenómeno do envelhecimento demográfico contribui para o aumento dos estudos que visam compreender o processo de envelhecimento e respetiva influência para a sociedade no âmbito político, económico, social e de saúde (Silva et al., 2021). Assim sendo, o envelhecimento demográfico característico da sociedade contemporânea, torna fundamental a entreaajuda intersectorial e internacional, como forma de desenvolver uma intervenção conjunta face aos desafios emergentes (Azeredo, 2016).

### **1.3. Gerontologia e Gerontologia Social**

O fenómeno de envelhecimento, sentido a nível mundial, gerou a emergência da disciplina da Gerontologia, após a segunda metade do século XX, uma vez que o aumento da proporção de população com 65 e mais anos gera desafios no âmbito político, económico, social, cultural e humano (Pereira & Pimentel, 2012; Batista, 2019).

O termo Gerontologia surge com Metchnikoff (1903) definindo-a como “um campo multi e interdisciplinar que procura descrever e explicar as mudanças que ocorrem no processo de envelhecimento através de marcadores socioculturais, psicológicos, biológicos e genéticos” (citado em Batista, 2019, p. 28). Atualmente, compreende-se por Gerontologia a “ciência que estuda o envelhecimento em todos os seus aspetos, tanto biológicos, como psicológicos e sociológicos, tendo em conta, também, a evolução

histórica e os factores relativos à pessoa idosa” (Millán- Calenti, 2006 citado em Câmara, 2015).

Após a II Guerra Mundial, com o aumento da esperança de vida, a necessidade de compreender e aprofundar conhecimentos relativamente à pessoa mais velha, ao processo de envelhecimento e influência do percurso de vida no mesmo ganhou importância (Batista, 2019) em resultado do avanço da medicina, que contribuiu para o aumento da esperança de vida. Também se verificou o desenvolvimento da investigação acerca dos fatores que interatuam no processo de envelhecimento, das consequências do envelhecimento para a sociedade e assistiu-se à criação de associações de Gerontologia. A Gerontologia pode dividir-se em Gerontologia Clínica, Gerontologia Social e Gerontologia Experimental, sendo que estas contribuem para o estudo e compreensão do envelhecimento e respetivos fenómenos associados (Câmara, 2015).

A Gerontologia surge com a vontade de compreender os desenvolvimentos que acontecem na vida adulta e na velhice, sendo, para tal, fundamental ultrapassar o modelo meramente biológico e reconhecer que o desenvolvimento humano acontece para lá da infância e da juventude e que engloba fatores psicológicos e sociais (Batista, 2019). A disciplina assume como objetivos compreender a limitação na vida independente da pessoa mais velha, em resultado das dificuldades funcionais, compreender a influência dos aspetos biológicos, cronológicos e sociais no envelhecimento enquanto processo que decorre ao longo da vida, bem como a influência da idade no comportamento social (Paúl, 2005).

O foco da disciplina, o envelhecimento, caracteriza-se pela sua complexidade, em virtude da sua multidimensionalidade e respetivas dinâmicas, por sua vez geradoras de transformações no envelhecimento individual e mundial. Neste sentido, é esperado que os gerontólogos, na sua intervenção, compreendam e integrem a perspetiva social, compreendam a dimensão histórico-crítica do processo de envelhecimento, possuam competências teórico-críticas, teórico-operativas e ético-políticas, demonstrem adaptabilidade à mudança e aos diversos contextos, possuam conhecimento da dimensão interdisciplinar da Gerontologia de modo a adequar as ações e formações, foquem a intervenção na pessoa mais velha, bem como compreender e explicar a limitação na vida da pessoa mais velha em resultado das dificuldades funcionais e a influência dos fatores biopsicossociais no envelhecimento (Câmara, 2015).

No século XX, a contradição entre a luta e a garantia dos direitos sociais questiona determinados pressupostos da Gerontologia, contudo, a Gerontologia Social assume como foco o estudo dos diversos aspetos envolvidos no processo de envelhecimento, tendo como objetivo a promoção da melhoria da qualidade de vida (Keller & Peruzzo, 2017).

A Gerontologia Social segue os mesmos objetivos da Gerontologia, contudo, concentra-se sobretudo no âmbito social do envelhecimento e na influência dos fatores sociais, políticos, culturais, legais, económicos e psicológicos no processo, de forma individual, ultrapassando a dimensão biológica e tradicional do mesmo (Netto, 2013; Câmara, 2015), e assumindo como foco a perspetiva demográfica e sociocultural do envelhecimento (Keller & Peruzzo, 2017). Esta “estuda o impacto das condições sócio-culturais e ambientais no processo de envelhecimento e na velhice, as consequências sociais desse processo e as ações sociais que podem otimizar o processo de envelhecimento” (Paúl, 2005, p. 276).

O estudo desenvolvido pela disciplina visa compreender e identificar fatores que influenciam o envelhecimento, contribuindo para a qualidade de vida, procurando alcançar a manutenção da autonomia e bem-estar físico, social e psicológico da pessoa mais velha (Paúl, 2005).

A intervenção dos profissionais em Gerontologia Social tem como objetivos estudar, avaliar e intervir junto da problemática social do envelhecimento humano em simultâneo com a promoção e desenvolvimento de ações, políticas sociais, educacionais e de saúde e programas comunitários que promovam a estabilidade das pessoas com 65 e mais anos e evitem a vulnerabilidade social (Ramalho & Ramalho, 2014).

Assim sendo, a Gerontologia Social surge como uma disciplina mais abrangente no estudo da temática, promovendo a compreensão do processo como uma problemática pública e social (Keller & Peruzzo, 2017).

## Capítulo 2 - Políticas Sociais para o Envelhecimento

As transformações sentidas na sociedade, no pós II Guerra Mundial, em simultâneo com o aumento da proporção de população mais velha, questionam o princípio da universalidade, acessibilidade e disponibilidade dos recursos para as pessoa mais velhas. Neste sentido, assume-se como fundamental o desenvolvimento de políticas e estratégias que contrariem a promoção da vulnerabilidade da pessoa mais velha (Quaresma & Ribeirinho, 2016).

A visão do envelhecimento como um problema gera a emergência de inúmeros desafios à sociedade, nomeadamente no que diz respeito à sustentabilidade de programas, pensões e complementos, contudo, a visão do envelhecimento como um desafio social contribui para a mobilização de meios, recursos e esforços para o mesmo (Martins, 2016). Atualmente, o envelhecimento constitui um dos principais desafios da Agenda Política do Estado, a nível mundial, razão pela qual diversos países reformam as suas políticas como forma de promover o bem-estar e qualidade de vida da pessoa mais velha (Capucha, 2014), tendo em vista a promoção da dignidade, autonomia e qualidade de vida.

O Plano de Ação do Envelhecimento Ativo e Saudável (Resolução do Conselho de Ministros, nº14/2024), aprovado em janeiro de 2024, tem como base seis pilares fundamentais que promovem a articulação das políticas entre os diversos setores da sociedade, são eles:

- Saúde e bem-estar;
- Autonomia e vida independente;
- Desenvolvimento e aprendizagem ao longo da vida;
- Vida laboral saudável ao longo do ciclo de vida;
- Rendimentos e economia do envelhecimento
- Participação na sociedade;

O Plano de Ação do Envelhecimento Ativo e Saudável surge com o propósito de promover a atividade e o empenho entre a cidadania sénior, desenvolvido pelo programa do XXIII Governo Constitucional.

A Comissão Europeia foca-se, entre os diversos propósitos, na promoção de hábitos de vida saudáveis, promoção da participação no mercado de trabalho, criação de

oportunidades no processo de reforma e na satisfação das necessidades identificadas na população sénior e no processo de envelhecimento.

O aumento da esperança de vida em Portugal não se acompanhou de uma melhoria expressiva do indicador que avalia o bem-estar e a qualidade de vida após os 65 anos, no qual Portugal possui valores inferiores aos da média da União Europeia. Após identificação das causas, importa atuar e preparar uma sociedade em constante mutação e progressiva evolução no seu envelhecimento. (Resolução do Conselho de Ministros, nº 14/2024, p. 33)

Assim sendo, o Plano de Ação assume-se como o impulso que se espera para transformar a sociedade portuguesa, tendo em vista a promoção das condições de vida necessárias à população e promovendo a qualidade de vida, sendo o foco a população (Resolução do Conselho de Ministros, nº14/2024).

No âmbito nacional, a expansão das respostas direcionadas a esta população resulta da vontade de aumentar a abrangência de população envolvida (Gil, 2020) na qual são desenvolvidas iniciativas para a participação da pessoa mais velha na sociedade em resultado da responsabilidade de organizações como as autarquias, organizações de cultura, de formação e de artes (Quaresma & Ribeirinho, 2016).

A prossecução de uma política de envelhecimento, entrosada nas políticas sociais, incide especificamente na garantia de rendimentos, (preventiva e contrária a processos de empobrecimento), na promoção de bons níveis de saúde, nomeadamente pelo investimento na prevenção das doenças crónicas e das incapacidades, na oferta de formação ao longo da vida, bem como na participação e valorização das capacidades e potencialidades das pessoas em situação de pré e pós-reforma, potenciando a capacidade de projectar o futuro em fases mais avançadas do ciclo de vida. (Quaresma & Ribeirinho, 2016, p. 39)

Ainda que as políticas sociais abranjam diversas áreas, focam-se sobretudo no âmbito da Saúde e da Segurança Social, nomeadamente através de pensões, complementos e

subsídios, programas/ medidas e respostas sociais (Carvalho & Almeida, 2014; Bento, 2020).

Considerando as pensões, complementos e subsídios destinadas à população envelhecida, no âmbito da Segurança Social, estas distinguem-se em três dimensões, reforma, dependência e morte. No que diz respeito à reforma, podemos identificar a pensão de velhice, pensão social de velhice, complemento solidário para idosos, benefícios adicionais de saúde e RPC-Certificados de reforma. No âmbito da dependência insere-se o subsídio por assistência de 3ª pessoa e complemento por dependência e, por fim, considerando a morte, inclui-se a pensão de viuvez e a pensão de sobrevivência (Carvalho & Almeida, 2014; Segurança Social, 2024).

No que diz respeito aos programas e medidas destinados à população com 65 e mais anos podemos identificar o Programa de Alargamento da Rede de Equipamentos Sociais (PARES), Programa de Apoio ao Investimento em Equipamentos Sociais (PAIES), Linha Nacional de Emergência Social (LNES), Programa de Cooperação para o Desenvolvimento da Qualidade e Segurança das Respostas Sociais, Programa de Conforto Habitacional para Pessoas Idosas (CHPI) e Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados (RNCCI), política desenvolvida entre o âmbito da saúde e a Segurança Social (António, 2013).

As Respostas Sociais destinadas à população com 65 e mais anos emergem na sociedade com a introdução do Estado Social, representando um conjunto de “respostas de apoio social para pessoas idosas, que têm como objetivos promover a autonomia, a integração social e a saúde” (Segurança Social, 2024). Considerando as respostas sociais destinadas à população idosa, podemos identificar sete tipos de respostas, Serviço de Apoio Domiciliário, Centro de Convívio, Centro de Dia, Centro de Noite, Acolhimento Familiar, Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas e Centros de Férias e Lazer (Segurança Social, 2024). No entanto, são as ERPI's, Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário as que apresentam uma maior representatividade (Bento, 2020).

Entende-se por ERPI

uma Resposta Social, desenvolvida em equipamento, destinada a alojamento colectivo, num contexto de “residência assistida”, para pessoas com idade correspondente à idade estabelecida para a reforma, ou outras em situação de maior risco de perda de

independência e/ou de autonomia que, por opção própria, ou por inexistência de retaguarda social, sem dependências causadas por estado agravado de saúde do qual decorra a necessidade de cuidados médicos e paramédicos continuados ou intensivos, pretendem integração em estrutura residencial, podendo aceder a serviços de apoio biopsicossocial, orientados para a promoção da qualidade de vida e para a condução de um envelhecimento sadio, autónomo, activo e plenamente integrado. (Instituto da Segurança Social [ISS], 2007, p. 2)

Uma ERPI rege-se por princípios fundamentais, nomeadamente princípios de qualidade, respeito e humanização pela individualidade da pessoa e respetiva promoção dos direitos individuais, pela intervenção interdisciplinar, avaliação global das necessidades da pessoa, promoção da autonomia, independência e participação das pessoas mais velhas e responsabilização individual e familiar/ representante legal na elaboração do plano de cuidados, promoção da qualidade de vida, assegurar o princípio da autodeterminação e a privacidade e intimidade da vida privada e familiar (Portaria nº 349/ 2023). Com o intuito de incentivar e promover a qualidade de vida, autonomia e bem-estar da pessoa mais velha, a ERPI deve promover o treino cognitivo e motor, de forma a retardar as perdas do processo de envelhecimento (Marques et al., 2010).

Compete às ERPI's assegurar uma diversidade de serviços no cuidado e tratamento à pessoa mais velha, nomeadamente serviços de alimentação e nutrição, considerando as necessidades identificadas, cuidados de higiene pessoal, tratamento de roupas, higiene dos espaços, atividades de animação sociocultural e lúdico-recreativas, auxílio e promoção na execução de atividades da vida diária (AVD), cuidados de enfermagem e, quando prescritos, a administração de fármacos, atividades ocupacionais e de lazer, promoção do convívio, interação social e assegurar o apoio psicossocial (Portaria nº67/2012; Calanzani et al., 2014; Portaria nº349/2023). Os cuidados assegurados pelas instituições destinadas às pessoas mais velhas assentam na adequação e adaptação às necessidades identificadas na população alvo.

As políticas sociais para o envelhecimento visam promover a coesão na sociedade e a relação intergeracional, deste modo, o foco das políticas sociais deve estar nas necessidades humanas (Carvalho & Almeida, 2014).

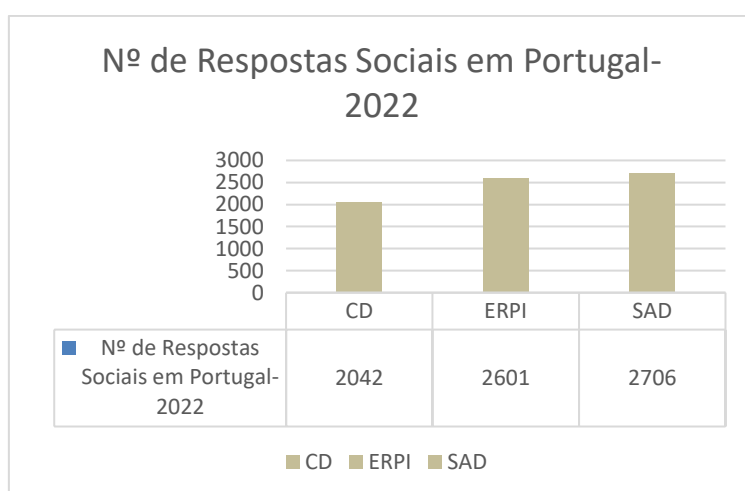
## 2.1. A ERPI no Quadro das Políticas Sociais de Envelhecimento

O aumento da esperança de vida, em simultâneo com o potencial agravamento do estado de dependência e vulnerabilidade das pessoas mais velhas gera a emergência de desafios para a sociedade, o que se manifesta na necessidade de reestruturação da organização política e familiar (Crispim, 2021).

Este aumento gera um crescimento no total da população necessitada da prestação de cuidados formais. As respostas sociais direcionadas à prestação de cuidados à pessoa mais velha “têm uma função social indiscutível, por vezes vital, na organização e no funcionamento da sociedade” (Vieira, 2003 citado em Neto & Corte-Real, 2008, p.3). Procuram responder ao aumento da população com 65 e mais anos e são desenvolvidas com o intuito de satisfazer as necessidades populacionais (Marques et al., 2010).

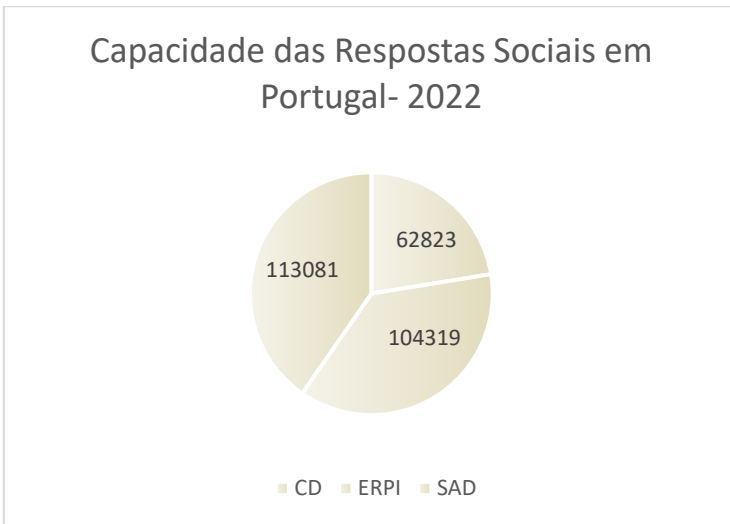
A ERPI assume-se como uma instituição que visa assegurar, de forma formal, a prestação de cuidados à pessoa mais velha que, com o avançar na idade, não consegue desempenhar de forma autónoma as atividades de vida diárias, permitindo uma vivência positiva, sem a representação negativa que as instituições possuem na sociedade (Duarte, 2014; Daniel et al., 2019). A ERPI distingue-se das restantes respostas sociais em resultado dos serviços que assegura, sendo, diversas vezes, considerada uma solução adequada para as necessidades dos indivíduos.

**Gráfico 1-** Nº de Respostas Sociais em Portugal- 2022



**Fonte:** Elaboração Própria

**Gráfico 2-** Capacidade das Respostas Sociais em Portugal-2022



Fonte: Elaboração Própria

Em 2022, entre Centro de Dia (CD), ERPI e Serviço de Apoio Domiciliário (SAD), a ERPI assumia-se como a segunda Resposta Social em Portugal com maior capacidade para acolher pessoas com 65 e mais anos, sendo também a segunda resposta social com mais infraestruturas a nível nacional. Considerando a taxa de ocupação, em 2022, a ERPI é a resposta social com maior representatividade, correspondendo a 91,8%, em seguida surge o SAD com 67,1% e o CD com 53,1%, dando conta de menores níveis de procura (Carta Social, 2024).

Segundo o portal da Carta Social, existiam, em 2022, a nível nacional, 2601 ERPI's, conforme o gráfico 1, com capacidade para admitir 104 319 pessoas com 65 e mais anos, segundo o gráfico 2, sendo que entre o ano de 2000 e 2022 a capacidade das ERPI aumentou, aproximadamente, 96,4% o que demonstra a tendência de crescimento da resposta social (Carta Social, 2024). Em Portugal, em 2021, registavam-se 2 436 949 pessoas com 65 e mais anos, o que corresponde a 23,4% do total de população portuguesa (Pordata, 2024). A capacidade da resposta social referida corresponde a, aproximadamente, 4,28% da população com 65 e mais anos, neste sentido compreende-se que, em Portugal, a rede de ERPI's é insuficiente face à proporção de população necessitada da prestação de cuidados, o que gera a falta de vagas disponíveis nesta resposta social (Daniel, 2009; Gil, 2022).

## **2.2. A Institucionalização em ERPI**

O processo de institucionalização em ERPI é complexo e gerador de mudanças e transformações no contexto e quotidiano da pessoa mais velha (Ribeirinho et al., 2024). Este pode ser facilitado quando preparado com antecedência, geralmente em

articulação com a rede familiar, com a própria instituição e com a pessoa mais velha, o que pode favorecer uma maior aceitação do mesmo por parte da pessoa mais velha (Lee, 1997; Daniel et al., 2019). Segundo Faria & Carmo (2015) a tomada de decisão da institucionalização pode ser:

- *Preferencial* - a pessoa mais velha toma a sua própria decisão, considerando a ERPI como a resposta mais adequada à situação em que se encontra;
- *Estratégica* - a decisão de institucionalização foi preparada ao longo do percurso de vida pelo próprio;
- *Relutante* - a pessoa mais velha recusa o internamento em ERPI, vendo-se forçado pela rede de suporte familiar à institucionalização;
- *Passiva* - surge quando a necessidade de prestação de cuidados implica a necessidade de institucionalização.

A institucionalização pode assumir-se como um processo que visa enfrentar os limites da prestação de cuidados informais, assim como a prevenção do agravamento das situações de dependência (Marques et al., 2010), constituindo um desafio para o indivíduo, uma vez que acarreta uma transformação no seu quotidiano e nas rotinas pessoais (Carmo et al., 2013). Na integração em ERPI, a pessoa mais velha pode sentir a perda de identidade e a ausência do respeito pela diferença interindividual, em resultado da partilha de normas, rotinas e hábitos, como tal, é fundamental que, na adaptação à vida em ERPI, o indivíduo tenha de reconstruir a sua individualidade e identidade, como forma de se fazer reconhecer (Duarte, 2014).

O processo de institucionalização assume como princípio fundamental a promoção dos direitos e deveres desta população alvo, assim como a promoção da interação social e o respeito pela cidadania individual (Crispim, 2020). Compete à dinâmica institucional atuar em conformidade com as necessidades biopsicossociais do indivíduo, como forma de promover a satisfação e qualidade de vida e, sempre que possível, promover a manutenção da independência e o superior interesse da pessoa, uma vez que, na ausência das condições de bem-estar, participação e autodeterminação, a intervenção pode contribuir para situações de dependência (Quaresma & Ribeirinho, 2016; Mariano et al., 2020; Barreto, 2022).

A ERPI visa assegurar a prestação de cuidados formais à pessoa mais velha promovendo a sua qualidade de vida, no entanto, a inserção e readaptação da pessoa mais velha a

um novo espaço, pode assumir-se como um processo desgastante e, por vezes, gerador de situações de stress (Löfqvist et al., 2013). Cabe à instituição auxiliar a adaptação da pessoa mais velha, identificando-se fatores que facilitam a sua adaptação, como o sentimento de pertença, a localização e organização institucional, a flexibilidade e autonomia na tomada de decisão das rotinas, a qualidade dos cuidados prestados, a possibilidade de personalização do espaço individual, a privacidade e a interação estabelecida entre utentes, utentes-colaboradores e instituição-utente-rede familiar (Cooney, 2012; Faria & Carmo, 2015; Bangerter et al., 2016; Wada et al., 2020).

### **2.3. Preditores da Institucionalização em ERPI**

A institucionalização em ERPI surge muitas vezes como uma necessidade para a pessoa mais velha, contudo, a maioria das pessoas não a tiveram em conta e foram procurando soluções que promovessem e permitissem a sua permanência no domicílio (Guedes, 2008).

A institucionalização é, frequentemente, resultado da combinação dinâmica de diversos aspetos e não apenas de fatores isolados, contudo, torna-se possível identificar preditores que podem originar esse processo. Este é influenciado por diversos fatores, nomeadamente fatores biológicos e psicológicos, fatores familiares e fatores sociais.

No âmbito dos fatores biológicos e psicológicos surgem as patologias no âmbito cognitivo e funcional, nomeadamente Alzheimer, Parkinson e demências não identificadas. No âmbito das pessoas mais velhas com demência, o agravamento das condições de saúde contribui para o processo, em simultâneo com a complexidade dos cuidados a prestar no domicílio, limitando a capacidade de viver de forma independente (Melanie et al., 2010; Lini et al., 2016). Deste modo, a utilização dos serviços de saúde pela pessoa mais velha é, essencialmente, pautada pela ausência e deterioração do estado de saúde, necessidade da prestação de cuidados ou em situações de dependência (Akambigo & Wolinsky, 2004; Cavalcanti, 2013; Crispim, 2021).

Considerando a dimensão individual e familiar podemos identificar como preditores do processo a não existência de cônjuge, não possuir filhos, pertencer a famílias numerosas, a ausência da rede familiar no quotidiano da pessoa mais velha, tal como a presença de conflitos na estrutura familiar, a ausência de recursos económicos e habitacionais, a ausência de suporte e cuidado informal e os baixos níveis de

escolaridade (Akambigo & Wolinsky, 2004; Tier et al., 2004; Guedes, 2008; Cavalcanti, 2013; Faria & Carmo, 2015; Lini et al., 2016; Medeiros et al., 2020).

Considerando os fatores no âmbito social, podemos identificar o isolamento e a solidão sentida pela pessoa mais velha como preditores do processo, pois geram a ausência de interação e participação social do indivíduo na vida em comunidade, a caracterização sociodemográfica, a perda das relações sociais e emocionais estabelecidas com a vizinhança (Akambigo & Wolinsky, 2004; Faria & Carmo, 2015; Fernández-Carro, 2016).

A compreensão e identificação dos preditores do processo de institucionalização em ERPI é fundamental à adoção de estratégias que permitam identificar as necessidades (Lini et al., 2016), tornando essencial que as ERPI's promovam a qualidade de vida dos seus utentes (Medeiros et al., 2020).

#### **2.4. Perceções da Institucionalização em ERPI**

“A percepção é o processo de organizar e interpretar os dados sensoriais recebidos para desenvolver a consciência de si mesmo e do ambiente” (Davidoff, 1983 citado em Matos & Jardimino, 2016, p. 26). Assume-se como processo de acumulação e compreensão de informação e de dados, de forma a compreender, analisar e explicar o contexto em que cada pessoa se insere, constituindo uma relação entre a pessoa e determinado acontecimento, através do qual se adquire o conhecimento de determinada realidade, o que explica que o mundo é compreendido através da interpretação que se tem do mesmo (Smith, 2014; Matos & Jardimino, 2016). A conceção da percepção varia em função das características sociodemográficas individuais, uma vez que pessoas com idades diferentes e com graus de escolaridade distintos desenvolvem percepções diferentes entre si (Smith, 2014).

Na sociedade tradicional foram criados asilos que, com o passar do tempo tornaram a prática da institucionalização mais frequente para aqueles que, por determinados fatores, não eram aceites na sociedade (Caldas & Pamplona, 2013). Na Europa, as ERPI's surgem com uma representação negativa, em resultado das preocupações existentes para com os custos da prestação de cuidados, da qualidade dos mesmos e ao desempenho da equipa de profissionais (Calanzani et al., 2014).

A representação da ERPI na sociedade contemporânea é influenciada pelo seu percurso histórico, acarretando uma conotação negativa e geradora de receios sobre a

institucionalização, contudo procura-se na sociedade a compreensão da ERPI como uma instituição onde são asseguradas as necessidades individuais, onde se partilham experiências de vida. O aumento da procura de ERPI's, em resultado das necessidades sentidas pela família em assegurar a prestação de cuidados, gera uma mudança na perceção (Daniel, 2009; Carmo et al., 2013; Ribeirinho et al., 2024). Assim sendo, ainda que a institucionalização em ERPI constitua uma das soluções mais procuradas para quem não tem capacidade de viver de forma autónoma ou de permanecer no domicílio, esta é ainda muitas vezes rejeitada em resultado do seu percurso histórico (Bessa & Silva, 2008).

A perceção acerca da institucionalização em ERPI é resultado de uma forma de pensar, socialmente construída, acerca da institucionalização. A aceitação do processo gera uma perceção positiva, uma vez que a pessoa mais velha reconhece que as transformações biopsicossociais gerados pelo envelhecimento, em determinado momento, podem gerar a necessidade de institucionalização, como forma de assegurar a prestação de cuidados. Por outro lado, uma perceção negativa resulta dos estereótipos negativos associados ao processo de envelhecimento e da representação negativa sobre as ERPI's (Dhlamini-Siband et al., 2017).

A institucionalização pode ser representada por perceções positivas e negativas. Com base em dados obtidos num estudo do Barómetro Sénior da Rede de Universidades da Terceira Idade (2009), citado em Jacob (2012), num total de 1500 idosos 26,8% referem ter uma boa perceção sobre as ERPI's, 27,4% referem ter uma má perceção das mesmas e 33,5% referem ter uma opinião razoável. As opiniões acerca da ERPI diferem entre a população. Se aproximadamente 31% a 40% da população refere ter boa opinião acerca das mesmas, cerca de 21% a 27% referem que a sua opinião tem sido influenciada negativamente pelos meios de comunicação social (Kff, 2001 citado em Miller et al., 2017). A representação em relação à ERPI varia consoante diversas dimensões. Ao longo do tempo, as representações neutras e negativas, respetivamente, têm sido as que mais prevalecem (Miller et al., 2017).

A prestação de cuidados formais em ERPI assume-se como um processo que tem vindo a ganhar visibilidade na sociedade contemporânea, contudo constata-se que as pessoas mais velhas preferem ainda permanecer no seu domicílio (Crispim, 2021). O estudo desenvolvido por Calanzani et al. (2014) visa analisar a preferência acerca dos locais

escolhidos para o fim de vida, sendo esta influenciada por fatores como as condições individuais, experiências de vida e valores pessoais. A escolha da ERPI varia consoante o país e valores culturais em que cada pessoa se insere, sendo que, quando questionadas as pessoas mais velhas sobre o local de preferência para o fim de vida, a ERPI foi a menos referida (Calanzani et al., 2014).

O conceito de *ageing in place* surge com o propósito de promover o envelhecimento de forma positiva através da permanência no domicílio e respetiva comunidade, centrando-se na capacidade de a pessoa mais velha se adaptar às suas limitações e condições resultantes do envelhecimento (Fonseca, 2021; Ribeirinho et al., 2024).

A medida implica a prestação de cuidados informais que assegurem a satisfação das necessidades da pessoa mais velha. O pilar família é dos que mais se tem readaptado e reconstruído na sociedade contemporânea, contudo, as condições oferecidas para as famílias prestadoras de cuidados limitam essa mesma prestação, bem como a falta de disponibilidade das mesmas em virtude da vida pessoal e profissional (Guadalupe & Cardoso, 2017).

Assim sendo, ainda que a família seja o pilar com maior representatividade na prestação de cuidados informais a pessoas mais velhas, as respostas sociais formais assumem-se como essenciais para a prestação de cuidados a pessoas em situação de dependência e/ou com inexistência ou indisponibilidade de prestação de cuidados por parte da rede familiar (Guadalupe & Cardoso, 2017).

A entrada para uma ERPI tem ainda uma conotação negativa na sociedade, associando-se ao fim do ciclo de vida, deste modo, as representações negativas em relação às instituições para pessoas mais velhas influenciam e geram receios sobre esse processo. Gradualmente, a imagem destas instituições tem vindo a mudar, resultado das necessidades sentidas pelas famílias das pessoas mais velhas em assegurar a prestação de cuidados (Daniel et al., 2019). No âmbito dos cuidados prestados pela ERPI e respetiva qualidade, as perceções dividem-se, se por um lado a instituição é percecionada como um local para o fim da vida e de proximidade com a morte, por outro é reconhecida a possibilidade de serem assegurados cuidados e satisfeitas necessidades, tal como a possibilidade de potenciar e promover a interação social (Lee, 1997).

Determinadas pessoas mais velhas percecionam a institucionalização como “(...) perda de liberdade, abandono pelos filhos, aproximação da morte (...)” (Born, 2002 citado em

Santos, 2013, p. 34). São identificados como fatores que justificam a percepção negativa da ERPI a “crenças sobre a qualidade dos cuidados que os residentes recebem, a qualidade de vida dos residentes, os custos dos cuidados e o papel da família na prestação de cuidados” (Lee, 1997, p. 603).

Deve ser tido em conta que a percepção em relação à institucionalização pode ser influenciada pelas experiências que o indivíduo tem em relação a este assunto. Há uma maior capacidade de identificação de aspetos positivos quando a pessoa mais velha conhece a instituição, em resultado do internamento de algum familiar próximo, contudo, quando as experiências resultam de forma indireta através de opiniões ou histórias partilhadas, é mais frequente uma visão negativa (Lee, 1997). Desta forma, verifica-se que a institucionalização em ERPI pode ser acompanhada de percepções positivas e negativas assim como pela capacidade de identificar vantagens e desvantagens do processo.

A institucionalização assume-se como uma solução para muitas famílias, resultado das transformações sentidas no âmbito da sociedade contemporânea, contudo, é muitas vezes compreendida como uma quebra no percurso de vida associada à perda de relações sociais significativas para o indivíduo. Deste modo, sendo um processo caracterizado por uma quebra e mudança de hábitos e rotinas da pessoa mais velha, bem como pelo sentimento de perda de território, pode assumir-se como um processo gerador de angústia e stress (Lee, 1997; Daniel, 2006; Marques et al., 2010; Santos, 2013). Deste modo, é fundamental que a instituição proporcione à pessoa mais velha a adaptação gradual às rotinas e aos espaços institucionais, nomeadamente através da personalização desses espaços (Daniel, 2009; Santos, 2013).

A permanência e admissão em ERPI é desafiada pela percepção de falta de independência e autonomia no interior institucional, em resultado da rigidez nas normas aplicadas ao quotidiano dos utentes (Löfqvist et al., 2013; Dhlamini-Siband et al., 2017). No âmbito da qualidade e representação nos meios de comunicação social, as representações negativas em relação à ERPI são influenciadas por situações de negligência e fraudes (Miller et al., 2017). A baixa oferta de serviços assegurados pela ERPI também contribui para a percepção negativa das instituições, uma vez que ainda se mostra longe da realidade necessária para a população mais velha (Cavalcanti, 2013).

Como anteriormente referido, o processo de institucionalização surge normalmente associado ao fim do ciclo de vida, o que gera sentimentos e percepções negativas que limitam a compreensão deste processo como uma potencial solução adequada à prestação de cuidados (Löfqvist et al., 2013; Calanzani et al., 2014). Deste modo, o estigma existente sobre as instituições para pessoas mais velhas constitui um dos principais entraves para que haja uma percepção positiva do processo de institucionalização. Este estigma é, de forma frequente, influenciado pela imagem e representações partilhadas pelos *media* (Löfqvist et al., 2013).

O processo de institucionalização também pode ser pautado por vantagens e aspetos positivos. A ERPI pode assumir-se como um lugar de segurança e de proteção, sendo que, em determinados casos, as pessoas mais velhas consideram a institucionalização como uma resposta aos seus problemas, pois nem sempre é possível assegurar a sua permanência no domicílio (Mazza & Lefèvre, 2004; Ferreira, 2013).

O processo pode ser sentido pela pessoa mais velha como um ganho, não só pela segurança, mas pela possibilidade de oportunidades, estabilidade e sentimento de proteção, sendo que “(...) consideram que é uma alternativa que lhe garante alguma estabilidade, pois sabem que têm apoio em qualquer circunstância, sentindo-se mais seguros e protegidos a esse nível” (Pimentel, 2005, p. 178).

Este processo pode ser frequentemente influenciado por aspetos positivos, como a possibilidade de estabelecer relações interpessoais e aumento da interação social, evitando situações de solidão, proporcionar momentos de aprendizagem, sentido de maior acompanhamento e receção de cuidados necessários à sua condição (Bessa & Silva, 2008; Ferreira, 2013; Evangelista et al., 2014; Faria & Carmo, 2015).

Como forma de promover e potenciar a percepção da ERPI como uma instituição de conforto torna-se fundamental o estabelecimento de relações de confiança e relações positivas com a instituição (Carmo et al., 2013). A vida institucional pode ser percecionada de forma positiva, nomeadamente quando é tida em conta a oferta de cuidados e considerado o espaço como fonte de segurança (Lee, 1997).

Deste modo, é fundamental promover a compreensão e promoção da ERPI como uma resposta institucional que visa melhorar a qualidade de vida da pessoa mais velha, sendo a institucionalização um processo que visa assegurar a satisfação das necessidades da pessoa mais velha (Daniel, 2009; Duarte, 2014; Daniel et al., 2019).

## Capítulo 3 - Procedimentos Metodológicos

O presente capítulo tem o objetivo de apresentar as opções metodológicas tomadas neste trabalho de pesquisa. Pretende-se identificar a pergunta de partida e os objetivos que guiaram a investigação, assim como o modelo de análise. Além disso, serão apresentadas a modalidade e abordagem definidas, bem como a técnica de recolha de dados e, conseqüentemente, a identificação dos participantes e respetivo processo de recolha de dados, bem como as questões éticas tidas em consideração. Por fim, será abordado o processo de análise de dados, no qual se explicitam os procedimentos utilizados para a sua interpretação.

### 3.1. Pergunta de Partida, Objetivo Geral e Objetivos Específicos

O objetivo geral da investigação, definido como “Analisar as perceções das pessoas com mais de 65 anos, não institucionalizadas, sobre a institucionalização em ERPI” visa identificar e definir o conteúdo do fenómeno a estudar (Marconi & Lakatos, 2003 p. 219).

Formulou-se como pergunta de partida “Quais as perceções das pessoas com mais de 65 anos, não institucionalizadas, sobre a institucionalização em ERPI?”, fundamental para exprimir o objetivo da investigação (Quivy & Campenhoudt, 1995).

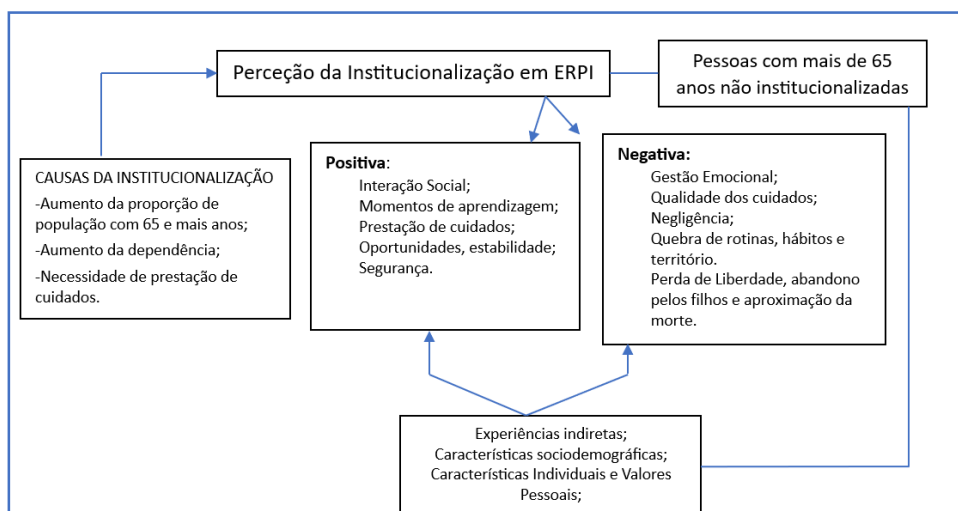
Os objetivos específicos, de carácter mais concreto, foram definidos como:

- Analisar perceções negativas que as pessoas com mais de 65 anos, não institucionalizadas, têm sobre a institucionalização em ERPI;
- Analisar perceções positivas que as pessoas com mais de 65 anos, não institucionalizadas, têm sobre a institucionalização em ERPI;
- Analisar os motivos que influenciam a perceção (positiva ou negativa) da institucionalização em ERPI nas pessoas com mais de 65 anos não institucionalizadas;
- Identificar os motivos que originam, na perspetiva dos entrevistados, a institucionalização das pessoas com mais de 65 anos em ERPI.

### 3.2. Modelo de Análise

O modelo de análise visa traduzir e direcionar a investigação em torno da informação recolhida, serve de ligação entre a temática definida pelo investigador e a clarificação da análise desenvolvida (Quivy & Campenhoudt, 1995).

**Figura 1-** Modelo de Análise



**Fonte:** Elaboração Própria

A presente investigação tem como foco o processo de institucionalização em ERPI's, na qual se procura analisar as percepções que as pessoas com 65 e ou mais anos, não institucionalizadas, possuem acerca do mesmo. Este é resultado de diversas causas, nomeadamente do aumento da proporção de população com 65 e mais anos, do aumento da dependência e da necessidade sentida pela população na prestação de cuidados.

As percepções existentes acerca da institucionalização em ERPI resultam das experiências indiretas, das características individuais e sociodemográficas e valores pessoais. O processo pode ser percecionado de forma positiva em resultado da interação social, momentos de aprendizagem, prestação de cuidados, oportunidades, estabilidade e segurança. Por outro lado, pode ser percecionado de forma negativa em função da gestão emocional, da qualidade de cuidados, negligência, quebra de rotinas e hábitos, perda de liberdade, abandono e aproximação da morte.

### **3.3. Modalidade e Abordagem da Investigação**

A presente investigação insere-se na modalidade exploratória, utilizada quando os estudos desenvolvidos nesse âmbito são considerados escassos. Tem o propósito de nos familiarizar com determinado fenómeno, de modo a aprofundar o conhecimento acerca do mesmo, o que permite a definição de novos conceitos e variáveis relacionadas (Sampieri et al., 2013).

Considerando a abordagem da investigação este insere-se na abordagem qualitativa, uma vez que estas “se baseiam em uma lógica e um processo indutivo (explorar e

descrever, e depois gerar perspectivas teóricas)” (Sampieri et al., 2013, p.33). Na abordagem qualitativa surgem dois conceitos fundamentais, o conceito de diversidade e saturação. O conceito de diversidade faz referência à heterogeneidade entre os participantes da investigação, garantindo que há uma abordagem, o mais global e diversificada possível, do fenómeno que se pretende estudar, em contrapartida, surge o conceito de saturação quando os dados recolhidos já não acrescentam novas informações à investigação (Guerra, 2006).

A abordagem qualitativa é a que melhor se adequa ao objetivo desta investigação, uma vez que permite analisar um determinado problema social, de forma mais aprofundada, considerando o contexto e influências no desenvolvimento da investigação. É fundamental a definição de um conjunto de questões que visam guiar a investigação, na qual compete ao investigador a recolha e interpretação dos dados (Creswell, 2009). Assim sendo, a seleção da abordagem qualitativa tornou possível identificar, de forma diversificada, as perceções que as pessoas com 65 e mais anos, que nunca tenham estado institucionalizadas, possuem sobre a institucionalização em ERPI.

#### **3.4. Técnica de Recolha de Dados**

A realização da investigação teve como suporte, primeiramente, a revisão de literatura realizada, através da busca em diversas fontes, com o intuito de aprofundar e desenvolver o conhecimento na temática da investigação. Esta permitiu, do mesmo modo, formar uma base que auxilie a análise dos dados recolhidos.

Foi adotada como técnica de recolha de dados a entrevista semiestruturada com recurso a um guião (Apêndice A). Esta permite ao entrevistador recolher a informação considerada necessária para o desenvolvimento da investigação, sem estar limitado por perguntas fechadas (Quivy & Campenhoudt, 1995), garantido flexibilidade entre a estrutura definida e os dados que se pretendem recolher, considerando sempre as temáticas definidas. Esta técnica tem como base “um roteiro de assuntos ou perguntas e o entrevistador tem a liberdade de fazer outras perguntas para precisar conceitos ou obter mais informação sobre o tema desejado (isto é, nem todas as perguntas estão determinadas)” (Sampieri et al., 2013, p. 426).

O guião da entrevista é estruturado de forma a guiar a entrevista e procurar a recolha de dados necessários à investigação, como forma de responder aos objetivos da mesma,

neste sentido é essencial clarificar o propósito da investigação e definir as dimensões de análise (Guerra, 2006).

#### **3.4.1. Participantes na Investigação**

Considerando a abordagem da investigação e respetivos objetivos definidos para a mesma, foi definido como técnica de amostragem o tipo de amostragem não probabilística intencional. Esta abordagem permite selecionar a população alvo através de critérios definidos com o intuito de ir ao encontro dos objetivos da investigação, na qual se definiram quais os critérios que definem a inclusão dos participantes selecionados (Bryman, 2012). Em comparação com os procedimentos probabilísticos de amostragem associados a abordagens quantitativas, que privilegiam a possibilidade de generalização, os métodos não probabilísticos de amostragem utilizados em estudos de natureza qualitativa procuram maximizar a identificação de casos ricos e informativos face a recursos limitados privilegiando-se a profundidade, em detrimento da extensão de conhecimento (Patton, 2002) o que implica particular atenção ao risco de extrapolação de inferências para outros contextos.

Foram identificados como critérios para a participação na investigação:

- Ter 65 e ou mais anos;
- Nunca ter estado institucionalizado ERPI;
- Aceitar a participação na investigação de forma voluntária;
- Residir no Município de Alcobaça;

#### **3.5. Processo de Recolha de Dados**

A realização das entrevistas decorreu no Distrito de Leiria, Município de Alcobaça, em resultado da maior acessibilidade no contacto com os entrevistados, selecionados em função da rede de contactos pessoais.

Para a recolha de dados foram identificados os participantes em janeiro de 2024, sendo que a investigadora estabeleceu com cada um deles o primeiro contacto, via telefónica, com o intuito de expor o propósito da investigação e posteriormente agendar as respetivas entrevistas. Participaram na investigação um total de 15 participantes.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de março e junho de 2024, de forma presencial, no domicílio dos entrevistados, tendo-se procedido à gravação de voz, previamente autorizada, através do esclarecimento da Declaração de Consentimento

Informado (Apêndice B). A Declaração de Consentimento Informado assumiu um papel essencial para a investigação na medida em que assegura a partilha de informação ao participante acerca do propósito da investigação e da metodologia definida para a recolha de dados, garantindo a sua concordância na participação na investigação (Novikoff, 2020).

A duração das entrevistas teve, em média, 13 minutos, o que corresponde, aproximadamente, a um total de 03 horas e 15 minutos. A transcrição das entrevistas foi sendo feita à medida que as mesmas foram realizadas.

A realização da entrevista obedece a princípios éticos, quer para o entrevistado, quer para o entrevistador. Neste sentido, para a realização das mesmas é fundamental garantir condições de privacidade ao entrevistado, explicitar os objetivos do estudo, a quantidade e natureza das perguntas e duração da entrevista, garantir o bom acolhimento do entrevistado bem como demonstrar interesse pela temática a desenvolver e respeitar a duração prevista para a realização da mesma (Novikoff, 2020).

Assim sendo, a entrevista corresponde a uma relação estabelecida entre o entrevistador e o entrevistado que assenta na confiança e segurança, sendo essencial cumprir com os princípios da ética comunicacional (Guerra, 2006).

### **3.6. Processo de Análise de Dados**

Foi selecionada como técnica de análise de dados a análise de conteúdo categorial temática, uma vez que permite definir de dimensões e variáveis que explicam a problemática da investigação, através da recolha e análise de dados qualitativos, em virtude da complexidade em que decorre a investigação (Braun et al., 2019; Guerra, 2006).

A temática corresponde a um padrão de significados compartilhados entre determinado grupo (Braun et al., 2019), neste sentido, procura compreender-se qual a perceção acerca da temática do processo de institucionalização em ERPI. Assim sendo, a análise temática aplica-se no âmbito da abordagem qualitativa como forma de identificar os significados atribuídos pelas pessoas a determinados processos, sendo o âmbito da investigação o processo de institucionalização em ERPI.

O processo de análise e tratamento dos dados dividiu-se em diversas etapas. Inicialmente procedeu-se à transcrição integral das entrevistas. Em função da análise

bibliográfica que havia sido realizada em que foram definidas categorias de análise e foi construída a grelha de análise de conteúdo, na qual se foi integrando a totalidade das respostas obtidas em contexto de entrevista. Após a elaboração da mesma foi desenvolvida a apresentação e análise de conteúdo, de acordo com as dimensões definidas. Por fim, foi elaborada a discussão dos resultados obtidos através da inferência com o enquadramento teórico previamente realizado.

## Capítulo 4- Apresentação e Análise dos Resultados da Investigação

O presente capítulo visa apresentar e analisar os resultados obtidos da investigação., onde serão apresentados os resultados por dimensões.

Posteriormente, após a análise dos dados recolhidos, tornou-se possível a definição e identificação de indicadores pertencentes às dimensões definidas. Nos subcapítulos são apresentados os dados em função da dimensão em que se inserem, sendo que, para garantir o anonimato são classificados os entrevistados como E, seguidos pela ordem da realização das entrevistas. Foram remetidos para Apêndice C os registos recolhidos.

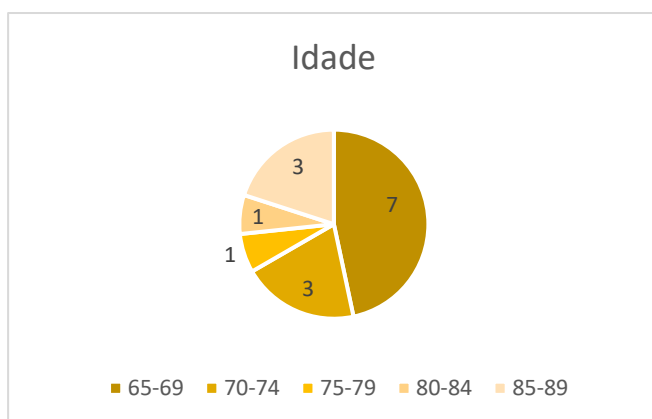
### 4.1. Apresentação dos Resultados por Dimensões

São definidas como dimensões de análise de dados a caracterização sociodemográfica, experiência em ERPI, causas da institucionalização, perceção da institucionalização e institucionalização.

#### 4.1.1. Caracterização sociodemográfica

Considerando o parâmetro *idade* dos participantes na investigação, gráfico 3, as idades compreendiam-se entre os 65 e 85 anos, sendo que a média de idades corresponde a, aproximadamente, 73 anos.

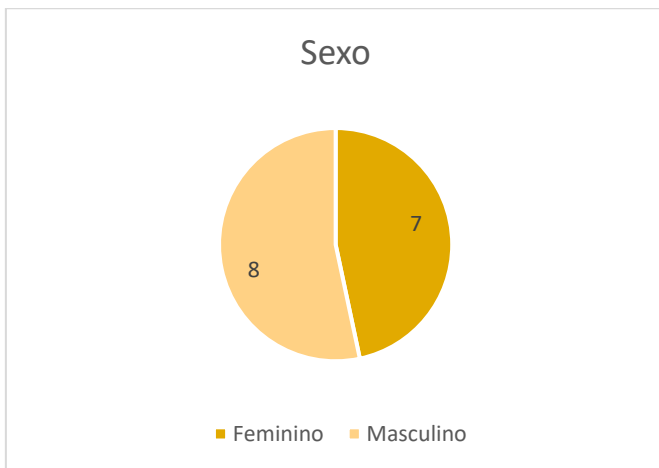
Gráfico 3 - Idade dos entrevistados



Fonte: Elaboração Própria

Em seguida, considerando a variável *sexo*, gráfico 4, do total de entrevistados 46,6%, o que corresponde a 7 participantes, são do sexo feminino e 53,4%, correspondente a 8 participantes, são do sexo masculino.

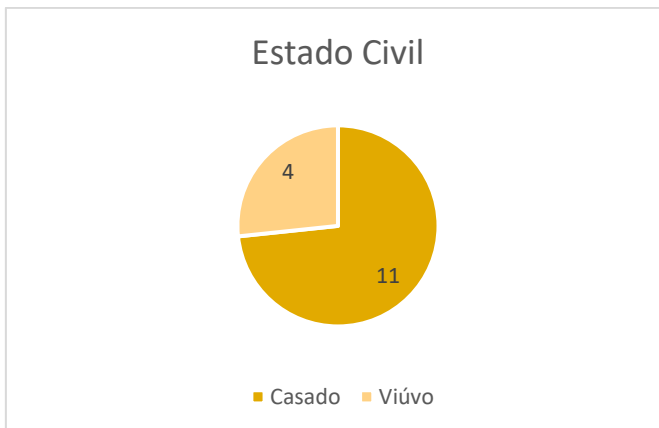
Gráfico 4 - Sexo dos entrevistados



Fonte- Elaboração Própria

No que diz respeito ao *estado civil*, gráfico 5, 11 dos 15 participantes são casados, o que corresponde a 73,3 %, sendo que os restantes 4 são viúvos.

Gráfico 5 - Estado Civil dos entrevistados



Fonte- Elaboração Própria

Considerando a variável *escolaridade*, gráfico 6, os resultados variam entre sem escolaridade e licenciatura, contudo o 4º ano é o que apresenta maior representatividade. Dos entrevistados, 13% (corresponde a 2) não têm escolaridade, 7% (1) têm o 2º ano, 40% (6) têm o 4º ano, 7% (1) têm o 5º ano, 13% (2) têm o 9º ano, 7% (1) têm o 12º ano e 7% (1) têm a licenciatura. É de realçar que um dos participantes não sabe responder qual a escolaridade que tem, em resultado de ter frequentado a escola no ensino estrangeiro.

Gráfico 6 - Escolaridade dos entrevistados



Fonte- Elaboração Própria

Por fim, tendo em conta a *situação profissional* dos participantes, gráfico 7, a maioria dos entrevistados estão reformados, o que se traduz em, aproximadamente, 86,6% dos participantes (13 dos 15), 1 entrevistada é desempregada e 1 entrevistada é professora.

Gráfico 7 - Situação Profissional dos entrevistados



Fonte- Elaboração Própria

#### 4.1.2. Experiência em ERPI

A dimensão *experiência em ERPI* traduz as experiências dos entrevistados em ERPI, de forma direta, através de visita a pessoas institucionalizadas, ou de forma indireta, através da institucionalização de familiares. Esta dimensão visa compreender e analisar a influência da presença em ERPI na perceção da institucionalização.

##### *Experiência Direta*

O indicador *experiência direta* traduz a presença em ERPI através da visita de pessoas institucionalizadas, sendo que 100% (N= 15) dos entrevistados referiram já ter estado

em ERPI, nomeadamente a visitar familiares, amigos, vizinhos ou apenas pessoas conhecidas, proporcionando momentos de convívio.

*Sim já, já visitei, já participei em eventos (E3).*

*Já estive no lar aqui perto, a conferenciar lá com os idosos aqui por causa da nossa zona e tudo isso (E10).*

*Sim, já estive. Também costumo ir a lares aqui na zona onde tenho amigos, fui aqui a um muito perto (E13).*

#### *Experiência Indireta*

O indicador *experiência indireta* traduz a presença em ERPI através da existência de familiares institucionalizados e qual a perceção da experiência. Aproximadamente 73,3% (11) dos entrevistados referem ter tido familiares institucionalizados em lar, nomeadamente os pais, tios, irmãos, entre outros.

*A minha madrinha (...) E um tio do meu marido (E5).*

*Tive uma irmã, e tive e tenho amigos (E11).*

Por outro lado, aproximadamente 36,7% (corresponde a 4) dos entrevistados referem nunca ter tido nenhum familiar institucionalizado.

*Não, nunca lá quis os meus pais, mas no tempo deles também não havia (E2).*

*Não. Só tive uns tios em Centro de Dia (E13).*

Considerando o total dos entrevistados (11) que tiveram familiares institucionalizados, 100% referem que a experiência foi boa e positiva.

*Eu acho que a minha mãe foi bem tratada e tratavam-na muito bem (...) só que muitas vezes os lares também não têm atividades suficientes para os velhinhos (...) De resto, achei que eram bem tratados, têm um médico, têm uma enfermeira, às vezes têm animadora (...) Acho que ela foi bem cuidada, talvez precisassem de mais coisas no lar (E1).*

*Eu gostei, íamos lá visitá-lo, foi sempre bem atendido. Ah quando fazia anos faziam uma festinha nos anos, foi bom, eu gostei (E10).*

*Eu gostei, a pontos que às vezes ia para lá que tempos e estava lá à tarde e dizia que estava ali para me habituar. Aquilo era um ambiente agradável (...) Eu estava lá o tempo que fosse preciso, porque me sentia bem (E11).*

*É ótima, hoje em dia ninguém passava sem os lares. As pessoas hoje já não estão preparadas para terem os pais em casa o resto da vida, como era antigamente (E15).*

Torna-se possível perceber que, a existência de familiares em ERPI e o relato positivo desta experiência, gera uma perceção positiva da institucionalização e da perceção em relação à própria ERPI.

### 4.1.3. Causas da Institucionalização em ERPI e Validade Atribuída

A dimensão *causas da institucionalização* em ERPI visa, em função da opinião dos entrevistados, identificar e analisar quais os motivos que geram este processo, bem como compreender a validade atribuída pelos entrevistados a cada um dos motivos identificados.

#### 4.1.3.1. Motivos da Institucionalização

Visa identificar os motivos que, de acordo com a opinião dos entrevistados, pode gerar a necessidade de institucionalização.

##### *Necessidade de Acompanhamento*

A *necessidade de acompanhamento*, quer na prestação de cuidados quer na prestação de outros serviços à pessoa mais velha, foi identificada como a principal causa indireta que, na opinião dos entrevistados, pode gerar o processo de institucionalização. Entre as diversas respostas é referida a incapacidade de a pessoa mais velha permanecer sozinha em resultado do avançar da idade, da necessidade de prestação de cuidados, da incapacidade dos familiares, da deterioração do estado de saúde, entre outros.

*Chega a uma determinada altura da nossa vida e nós não podemos estar sozinhos, essa é a realidade. (...) Quem não consegue porque a saúde lhe começou a faltar os filhos não têm condições para nos ter, então a única hipótese é o lar. Mas o lar é mesmo para isso, para as pessoas, desde que estejam lá cuidadas, bem tratadas (E1).*

*Eu um dia quando for para mim é precisamente isso, quando eu achar que já não consigo ... estar totalmente independente acho que é preferível ir para um lar do que deixar arrastar (E3).*

*A necessidade de não estarem sozinhas, a companhia, a limpeza, a comida a horas. Terem cuidados de limpeza, de banho, tudo. Sim claro, há pessoas velhinhas que em casa já não conseguem ter cuidados (E5).*

*Porque não têm quem cuide delas, que os filhos andam a trabalhar e pronto, não conseguem zelá-los em casa e põe-nos lá para estarem cuidados (E9).*

*Olha, quando começam a ter imobilidade, problemas de saúde que precisam de assistência permanente, até sobre a alimentação, cuidados de higiene ... e carinho (E10).*

##### *Incapacidade de Acompanhamento da Rede Familiar*

A *incapacidade de acompanhamento da rede familiar* foi referida, em cerca de 66,7% (10) das entrevistas como principal causa da ida para uma ERPI. A indisponibilidade dos familiares, segundo os entrevistados, resulta dos horários e rotinas de trabalho dos mesmos e do quotidiano dos próprios.

*Os filhos não podem ter os pais e os pais não querem sobrecarregar os filhos, e lá estão estimados (E2).*

*Os filhos não querem tomar conta dos pais ou não têm hipótese de cuidar e põe-nos num lar. Há filhos que vão lá vê-los e há outros que nunca mais lá vão ver (E6).*

*Os familiares não terão tempo disponível para os tratar e ... cuidar (E8).*

*Ah, por vezes talvez por falta de assistência familiar, penso eu (E10).*

*(...) os filhos não podem cuidar dos pais, não têm tempo para isso. Tudo trabalha, tudo tem os seus horários e vemos que agora está tudo a correr muito depressa e as pessoas não têm tempo (E12).*

*Em muitos casos é os familiares que não conseguem tomar conta deles, é a maioria dos casos (E13).*

### *Deterioração do Estado de Saúde*

A *deterioração de estado de saúde* é identificada como uma das causas da institucionalização. No total de entrevistas cerca de 40% (6) dos entrevistados identificam o estado de saúde como uma das causas que pode gerar a necessidade de cuidados formais.

*Quem não consegue porque a saúde lhe começou a faltar, os filhos não têm condições para nos ter, então a única hipótese é o lar (E1).*

*Olha, quando começam a ter imobilidade, problemas de saúde que precisam de assistência permanente, até sobre a alimentação, cuidados de higiene ... e carinho (E10).*

*Vários, por exemplo (...) deixarem de andar ou começarem a ter problemas (E15).*

### *Solidão*

A *solidão* foi uma das causas identificadas pelos entrevistados. Cerca de 20% (3) referem que a institucionalização em ERPI poderá ser causada pela solidão sentida pelas pessoas mais velhas que permanecem no domicílio, procurando, com a ida para uma ERPI, aumentar o convívio e interação social

*Para terem ... melhor vida por exemplo, para não estarem na solidão ... que acontece a muitos (E3).*

*(...) acho que é preferível ir para um lar do que deixar arrastar. Vejo que há pessoas com muita aversão aos lares e estão ali sozinhos em casa (E4).*

*(...) para não se sentirem tão isolados em casa (E14).*

### *Inexistência de Rede Familiar*

Apesar da indisponibilidade dos familiares, anteriormente identificada como causa da institucionalização em ERPI, também a falta ou ausência de uma rede familiar na pessoa mais velha foi referida como causa da institucionalização.

*Há vários (...) há utentes que não têm mesmo família (E7).*

#### 4.1.3.2. Validade dos Motivos de Institucionalização

O indicador *validade das causas de institucionalização* teve como objetivo compreender se, na opinião dos entrevistados, as causas identificadas como geradoras do processo de institucionalização em ERPI eram válidas e justificavam o processo.

De acordo com os dados recolhidos, 100% (15) dos entrevistados confirma que as causas identificadas como geradoras do processo de institucionalização são motivos válidos e que justificam o processo, referindo por vezes como sendo a melhor opção para o bem-estar da pessoa mais velha.

*Sim, acho que sim, é muito válido (E2).*

*Eu acho que sim, porque nestes motivos ninguém está a ser obrigado (E7).*

*Sim, eu acho que sim, que é bom (E9).*

*Justificam sim, e quando são bem tratados não há nada melhor (E12).*

*Sim, eu acho que as pessoas estão muito melhor num lar, estão mais acompanhadas (E15).*

No entanto, apesar da totalidade dos entrevistados referir a validade das causas, é identificada alguma ambivalência nas respostas, uma vez que, apesar dos motivos identificados justificarem o processo, é referido que a rede familiar poderia auxiliar e prestar cuidados de forma a promover a permanência da pessoa mais velha no domicílio.

*É assim, se a pessoa precisar de ir, é melhor do que estar sozinha, mas se tiver por exemplo a família, quem tiver, também acho que seja bom (...) (E5).*

#### 4.1.4. Perceção da Institucionalização

A dimensão *perceção da institucionalização* teve como objetivo compreender o que pensam os entrevistados acerca da ERPI, analisar se sentem a necessidade de infraestruturas adicionais desta tipologia a nível nacional, identificar as vantagens e desvantagens do processo de institucionalização em ERPI bem como a influência dos meios de comunicação para a perceção que possuem acerca do tema.

##### *Opinião*

O indicador *opinião* visa compreender o que é que os entrevistados pensam sobre as ERPI's. Segundo os dados recolhidos, a ideia que os entrevistados possuem sobre a ERPI divide-se entre algo positivo e bom, ou seja, algo necessário à pessoa mais velha e algo de teor mais negativo.

Na percepção positiva, as ERPI's são encaradas como boas e positivas devido ao facto de prestarem bons serviços e acompanhamento à pessoa mais velha, assim como de experiências vividas com a institucionalização anteriormente.

*Do que já vi, acho uma coisa boa para quem lá quiser estar (E2).*

*A minha ideia sobre o lar (...) acho que é bom. Principalmente para nós idosos que não temos por exemplo que estar (...) a prejudicar a vida dos nossos filhos ... Não sou contra o lar porque acho que se fizeram para os idosos (E3).*

*(...) Há lares que eu tenho muito boa impressão portanto, eu não encaro o lar como um depósito de idosos, que há lares que são assim, agora aqueles lares que são, que já estão humanizados, e eu sei que há pessoas que até foram elas próprias que quiseram ir para os lares. Sentem-se bem lá e depois há aqueles lares que estão muito bem programados, com atividades, tirar as pessoas da solidão também é muito importante, porque há as pessoas que persistem ficar em casa, mas sentem muita solidão, e o lar combate isso (E4).*

*Acho que os lares é uma coisa boa, porque as pessoas em vez de estarem sozinhas em casa, têm tudo o que precisam num lar, desde a alimentação, a higiene, a medicação, tudo o que é necessário para um idoso (E7).*

*Penso que é uma boa prestação de serviços para os idosos, onde são bem cuidados (E9).*

*Olha, do melhor. Eu penso que é uma coisa indispensável, já não se vivia sem isso (E15).*

Para além de ser percecionada de forma positiva, a ERPI é também percecionada como necessária à pessoa mais velha. Os entrevistados referem que as ERPI's são necessárias, uma vez que prestam cuidados e serviços que visam satisfazer as necessidades das pessoas mais velhas. Apesar do inequívoco reconhecimento da existência destas instituições, os custos financeiros que estas acarretam são também referidos de forma explícita.

*Os lares são precisos, para mim só tem uma coisa: o dinheiro que levam é muito alto para os ordenados que nós temos no nosso país (E6).*

*Olha eu penso que são necessários, porque ... há muito idoso que se não fosse os lares teriam um fim de vida muito triste ... o problema às vezes, segundo eu penso, é a parte financeira. Porque as reformas algumas são baixas e os familiares às vezes também não têm grandes possibilidades e isso é que faz com às vezes as pessoas não vão por causa disso. Pronto, mas acho que eles são necessários (E10).*

*Penso que são precisos. Penso que são muito úteis. A minha irmã, se não fosse isso, teria muita dificuldade em tomar conta dela, partiu as pernas e pronto, eu acho que não hesitarei se tiver necessidade em ir para lá (E11).*

*Eu acho que os lares são precisos, os lares são necessários e dos lares que eu conheço, onde já visitei pessoas em muitos lares, nunca vi nada que fosse mau (E12).*

#### *Necessidade de Infraestruturas Adicionais*

O indicador *necessidade de infraestruturas adicionais* visou compreender se, na percepção dos entrevistados, deveriam existir mais ERPI's a nível nacional. Segundo os

dados recolhidos, aproximadamente 93,3% (14) dos entrevistados consideram que há a necessidade de existência de mais instituições, em virtude do excesso de procura e falta de oferta, do aumento da esperança de vida da população e devido ao facto de inúmeras instituições fecharem por falta de qualidade.

*Não sei se há muitos se há poucos, mas secalhar acho que há poucos, até há muitos que nem são lares. Há lares que nem haviam de existir, tratam mal as pessoas (E2).*

*Sim, porque eu sei que (...) pelo menos ouço falar, que há pessoas que estão meses há espera de vaga para poderem entrar num lar, portanto se isso acontece é porque há falta de lares (...) (E3)*

*Ai, acho que sim, há muito poucos ... Mas lares de qualidade (E4).*

Foi também referido a falta de conhecimento acerca da necessidade de existência de mais instituições, justificado pelo conhecimento de existência de instituições que, em determinados casos, encerram por falta de cuidados são fechadas.

*(...) sei que há muitos, mas não sei se é melhor haver mais ou não, porque há alguns que estão a fechar, não é? Por falta de cuidados (E9).*

*Sim, porque as pessoas estão a durar mais anos, a população está a durar mais anos e ao durar mais anos, precisamos de muito apoio (E12).*

### *Vantagens*

O indicador *vantagens* teve como propósito identificar, na perspetiva dos entrevistados, quais as vantagens do processo de institucionalização em ERPI. Considerando os dados recolhidos, aproximadamente 86,7% (13) dos entrevistados identificam como principal vantagem a prestação de cuidados, nomeadamente higiene, alimentação e acompanhamento.

Para além da prestação de cuidados e acompanhamento, são identificadas como vantagens o acompanhamento psicossocial e sociocultural, sendo referida a importância do desenvolvimento de atividades lúdicas e sociais e, por fim, é identificada como vantagem da institucionalização em ERPI o combate à solidão.

*Eu acho que é, como nós não nos podemos cuidar, precisamos de ser bem tratados, termos higiene, alimentação e também trabalharem um bocadinho connosco, estarmos ativos e fazermos qualquer coisa no lar, porque os lares não são depósitos de velinhos (E1).*

*É como eu estava a dizer, é um sair da solidão também, é o ser bem tratado, portanto haver uma supervisão mesmo a nível de tomada de medicamentos, de saúde, portanto da própria saúde,... e também manter esses lares de qualidade e manter a ocupação das pessoas para elas não se sentirem, quer dizer, não se sentarem à espera que venha a morte, porque há muitos lares que me impressiona (E4).*

*É como eu disse, em zelo, companhia, ... de noite e de dia estarem ... como e que hei-de dizer... não estão tão sozinhos, não estão tão sós (E5).*

*O acompanhamento, carinho, a alimentação, os cuidados de higiene, ... só coisas boas, o apoio contínuo não é? Porque é dia e noite (E10).*

*Então as vantagens é o estar bem cuidado, bem medicado, é em todos os aspetos. Pelo menos os lares que eu conheço, têm médicos, enfermeiros, têm tudo (E13).*

*As coisas boas é as pessoas conviverem umas com as outras, estarem acompanhadas, têm entretenimento, têm ginástica por vezes, jogos de cartas e outras coisas do género. Claro, e tudo isso faz a diferença, ajuda a passar o tempo, as pessoas sentem-se bem (E15).*

### *Desvantagens*

O indicador *desvantagens* visou compreender quais as desvantagens identificadas pelos entrevistados relativamente à institucionalização em ERPI. Considerando os dados recolhidos, foram identificadas como desvantagens uma maior perceção de fim de vida aquando o processo de institucionalização, o processo em resultado de uma tomada de decisão relutante, a ausência e afastamento da rede familiar, a falta de privacidade na ERPI, nomeadamente quando há a partilha de quarto, os custos financeiros resultantes do processo de institucionalização e a inadequação dos cuidados prestados. Foi também referido por um entrevistado a inexistência de desvantagens associadas ao processo.

*As desvantagens é acharmos que estamos no fim, na nossa reta final e que não há outra opção, que é a realidade (...) (E1).*

*Às vezes as pessoas vão para os lares e as famílias, se não continuarem a ter um bom apoio da família, as pessoas também sofrem um pouco. Embora estejam acompanhadas, sentem falta dos familiares. Acho que é a grande desvantagem, é essa. Uma outra desvantagem que pode haver, pronto que eu um dia talvez, se eu for ter a um lar, gostava de ter o meu quarto individual, a privacidade assusta-me um bocadinho mas há lares que asseguram isso. A privacidade das pessoas não é, portanto, um dia eu procurarei um lar que me garanta isso (E4).*

*Acho que as desvantagens ... eu não vejo nenhuma, só se for para aqueles que às vezes não querem ir, mas eu acho que, depois com o hábito, eles até gostam (E7).*

*As desvantagens só se for naqueles lares que não funcionem bem. Portanto os lares têm de ter capacidade para zelar pelos idosos e dar-lhe carinho como eles necessitem, embora alguns sejam difíceis (E10).*

*Eu não sei bem, porque eu ainda não paguei para nenhum, mas creio eu que os preços podem ser elevados para aquilo que as pessoas ganham ou recebem das pequenas reformas. É isso o inconveniente que eu vejo para muitas pessoas (E11).*

*Nos lares não conheço desvantagem nenhuma (E12).*

### *Meios de comunicação*

Este indicador visa compreender de que forma os meios de comunicação influenciam, ou não, a perceção dos entrevistados relativamente à institucionalização em ERPI. Em função dos dados recolhidos, determinados entrevistados referem que os meios de comunicação influenciam a perceção individual, entrevistados que referem que os

meios de comunicação não influenciam a percepção que possuem do processo. Contudo, é também de realçar a existência de respostas ambíguas, em que determinados entrevistados não têm uma percepção clara acerca desta influência, assim como aqueles que consideram o poder de influência dos meios de comunicação no entanto, têm uma opinião contrária à informação que é partilhada.

Foi referido, por diversos entrevistados a influência dos meios de comunicação, no entanto, foi referido que, apesar da influência, consideram que nem tudo é verídico, o que por vezes dificulta a percepção, foi referida a necessidade de partilha de notícias positivas, uma vez que os meios de comunicação apenas partilham experiências negativas.

*Sim servem mas apesar de eu achar que não são todos a mesma coisa, nem todos do mesmo saco (E1).*

*eu acho que sim por aquilo que a gente às vezes vê ...As notícias dizem tanta coisa que às vezes nem sabemos no que acreditar (...) (E2).*

*Ai, sim, sim, mas o triste é a comunicação social transmitir só as más experiências dos lares. Deveriam também fazer reportagens sobre boas experiências dos lares. geralmente são lares particulares, em habitações particulares (E4).*

*Eu acho que sim, mas como eu trabalhei num lar eu não preciso muito da influência da comunicação não é, acho eu. Agora que influencia, há pessoas que influencia, há pessoas que não conhecem (E7).*

*Umaz vezes sim, outras vezes não ... como é que hei-de dizer ... Há notícias boas e outras vezes má (E8).*

Contrariamente aos dados apresentados anteriormente, também foram recolhidas opiniões em como os meios de comunicação não influenciam a percepção do processo de institucionalização em ERPI.

*Nem sempre (E10).*

*Eu acho que há muita coisa de pessoas que não são assim tão boas e fazem coisas a difamar certos sítios, para mim é isso. Eu acho que as críticas que fazem, algumas não têm muito sentido (E12).*

*Não, as notícias não são corretas perante os lares. Porque muitas vezes quando vêm já vêm muito tarde, só vêm quando há queixas ... queixas e mais queixas. Mas isto é só a minha opinião (E14).*

*Não, de maneira nenhuma. Às vezes passam-se casos aqui e acolá mas sei que não têm de pagar todos pela mesma coisa, não é? (E15).*

#### *Exemplos de Notícias nos Meios de Comunicação*

Foi pedido em contexto aos entrevistados que partilhassem exemplos de notícias transmitidas pelos meios de comunicação social sobre as ERPI. Verificou-se que todos os exemplos partilhados fazem referência a notícias negativas acerca das ERPI's.

*Esta última que eu ouvi no telejornal, estavam a maltratar as pessoas de uma forma horróss, quase que estavam subnutridas. Foi a última notícia que eu vi que me impressionou muito (E4).*

*Sim, lembro, só não me recordo do nome, mas uma senhora que até formigas tinha, isso fez-me um bocado de confusão. Não foi aqui perto (E5).*

*Negativa, aquela que passou na televisão que deixaram a senhora cheia de formigas, até foi recente (E7).*

*Então quando os idosos são maltratados na cama e isso assim. Quando não são tratados como deve de ser (E9).*

*Ah, de vez em quando ... vê-se que fecham por falta de condições. Vê-se coisas horríveis e uma vez passou que até estavam cheias de formigas (E13).*

#### **4.1.5. Institucionalização em ERPI**

A dimensão *institucionalização em ERPI* teve como propósito analisar a possibilidade pessoal dos entrevistados relativamente à institucionalização, analisar quais os receios e expectativas em relação a esse eventual processo, em caso negativo analisar qual a preferência de local de prestação de cuidados e, por fim, compreender e analisar qual a perceção dos entrevistados em relação a uma ERPI ideal.

##### *Possibilidade de institucionalização*

O indicador *possibilidade de institucionalização* visou compreender se os entrevistados, já consideraram um eventual processo de institucionalização e quais as razões subjacentes a essa perceção. Aproximadamente 66,7% (10) dos entrevistados consideram a possibilidade de ir para a ERPI, em contrapartida, cerca de 20% (3) dos entrevistados não consideram a institucionalização em ERPI uma possibilidade pessoal. Por fim, cerca de 13,3% (2) dos entrevistados referem que, na atualidade, ainda não pensaram nessa possibilidade e não a consideram para já.

No que diz respeito aos que consideram o ingresso numa ERPI como uma possibilidade, foram identificadas como razões que justificam essa possibilidade, a incapacidade de prestação de cuidados pelos filhos, a incapacidade de permanecerem sozinhos, e a necessidade de acompanhamento, em virtude da deterioração do estado de saúde.

*Sim, eu acho que no fim da minha vida, se eu não tiver condições para estar na minha casa, as minhas filhas não vão ter tempo para mim. Não podem deixar a vida delas, a delas é para continuar e a minha já está feita, e então eu acho que vou para um lar como todas as outras pessoas (...) Mas eu vejo o fim da minha vida num lar como eu acho que todas as pessoas devem começar a pensar nessa realidade (E1).*

*secalhar ainda não, mas eu acho que, um dia, se eu estiver a dar trabalho, eu não me importo em ir para um lar, porque eu acho que se a minha filha não puder cuidar de mim, eu acho que, se ela me puder por num lar, eu acho que é bom (...) se eu puder estar em casa, que tenha o meu juizinho e que esteja bem, ela que me deixe estar, se*

*eu já não puder estar sozinha que precise de uma companhia diária aí sim, eu acho que é preferível (E7).*

*Ah, eu quando, idade já tenho, mas se me vir imobilizado, com muitas dificuldades, não me importo nada de ir. Porque facilito a família e para mim também acho que é, acho que tenho mais facilidade de viver (E10).*

*Sim. Porque se tiver problemas de saúde e assim que começar a não conseguir andar é evidente que também procurarei, porque quero passar uns bocados, não quero estar sozinho em casa (E15).*

Em contrapartida, os entrevistados que referem não considerar a institucionalização em ERPI como uma possibilidade, justificam-no pela vontade de permanecer no domicílio e pela vontade de receber cuidados por parte dos filhos.

*Não, para mim não é, nem penses nisso, deixa-me ficar aqui no meu buraquinho. Deixem-me estar aqui no meu buraquinho. Eu acho que a nossa casa é a nossa casa, o problema é se começamos a dar muito trabalho e elas (filhas) não podem, aí é que está. Não vem a mãe, vêm as netas (E2).*

*Se eu ando a sacrificar-me para criar os meus filhos eles deviam ter em atenção que eu passei fome mais a mãe para os criar, por isso para a minha velhice eles também deviam cuidar de mim (E6).*

*Tenho pensado algumas vezes, ainda não cheguei à altura, penso eu, mas já pensei. Em último caso, por exemplo, se um dia estiver sozinho, o meu filho está na Suíça, poderei estar aqui em casa um tempo com uma pessoa que me assista, ou que me faça limpeza, mas é difícil. Nós aqui estamos bem e perto do hospital, mas não é fácil (E11).*

### *Preferência de cuidados*

O indicador *preferência de cuidados* visou compreender, em caso de não considerarem a institucionalização em ERPI como uma possibilidade, qual a preferência pelo local e cuidador para a prestação de cuidados.

No que diz respeito à preferência do local, identifica-se o domicílio como local de preferência para a receção de cuidados, por outro lado, no que diz respeito à preferência do cuidador, esta difere entre familiares, cuidador informal ou formal.

*Os nossos, se os nossos não poderem que peçam ajuda. Aqui vêm as pessoas ali do lar, vem a casa cuidar das pessoas. Vêm trazer o comer e pronto, se precisarem de alguma coisa, limpeza ou assim também (E2).*

*Ah, se tiver companhia não me importava de ficar em casa, mas para estar sozinha estava bem num lar (...). Portanto, se não pudesse ser os filhos, que eles tivessem possibilidades de ter alguém que me assistisse de noite e de dia. Por exemplo, em conjunto com a minha reforma se eu tivesse possibilidades não me importava que os meus filhos pagassem aqui em casa, com companhia de noite e de dia, se fosse sozinha preferia ir para um lar (E5).*

*Em casa. Pelos meus filhos ou eles a pagarem a alguém que pudesse cá vir. Também podem estar a pagar a alguém para cá vir se eles não poderem vir, para tomarem conta de nós (E6).*

*Pois, quero ver se fico em minha casa mas em último caso tentarei um lar. Uma pessoa ... eu sei lá ... há uma pessoa que nós gostamos dela mas ela nem está preparada, nem pode nem quer tomar conta de uma pessoa, porque é preciso dar-lhe assistência, é preciso higiene, tudo isso. (...) Se eu tivesse capacidade para tomar banho, para fazer a minha atividade isso ia estando aqui em casa, penso eu, agora só uma pessoa sozinha, se esbarra, é complicado. E também há pouca gente que esteja preparado para ficar assim a tomar conta, é por isso que os lares é uma salvação, em caso de haver outros, não é? (E10).*

Considerando os dados recolhidos, tornou-se possível identificar que, apesar de vários entrevistados considerarem a institucionalização em ERPI, em determinados casos é notório que tal só ocorrerá se não tiverem possibilidade de permanecer no domicílio.

### *Expectativas*

Quando questionados sobre as quais seriam as suas expectativas em relação a um eventual processo de institucionalização em ERPI, os entrevistados identificaram a prestação de cuidados, a assistência e o bom trato e carinho, a independência e a promoção da qualidade de vida.

*Espero ser bem tratada e que cuidem de mim, essencialmente que me cuidem de mim no fim da minha vida. Acho que todo o velhinho merece ser cuidado e estimado e acarinhado (E1).*

*Continuar a ter um pouco de independência apesar de me prestarem os serviços que eu necessito, eu necessito ter sempre à noite, por exemplo ir para o meu cantinho, para o meu espaço, é isso que eu irei procurar um dia (E4).*

*Se tiver de ir para um lar, é porque preciso já de apoio ... higiene e outros cuidados ... e espero ser bem recebido e que seja cuidado com carinho e com um bocado de amor também (E10).*

*Não sei, espero ter qualidade de vida mais anos. Ir para um lar deve ser uma necessidade quando eu já não puder, ou a minha cabeça já não funcionar (...) (E12).*

*É que cuidem de mim, com amor e carinho, mais nada (E15).*

### *Receios*

Neste indicador procurou identificar-se quais os receios que os entrevistados possuem acerca da possibilidade de institucionalização em ERPI. A maioria dos entrevistados refere não identificar receios, no entanto é referida alguma preocupação em relação ao tratamento e inadequação dos cuidados, assim como a necessidade de supervisão nas ERPI's.

*Eu acho que vou aceitar bem porque ... eu acho que vou estar na minha casa até eu conseguir mexer-me e orientar, mas chegará o ponto em que vou ter de ir, desde que seja bem cuidada e que me tratem bem (...) (E1).*

*Até ver, nunca tive receio nenhum se pensar nisso (E5).*

*Ah não. É assim eu podia dizer-te que sim porque nós irmos para um lar não é a mesma coisa que irmos para um hospital ou outra instituição, estamos num lado qualquer e*

*temos pessoas ESPETACULARES, temos outras que um dia secalhar até já não é igual ao de ontem, não estão tão meigas, tão carinhosas, porque a gente sabe, mas isso acontece em qualquer sítio e em qualquer instituição. Então é assim, quando nós temos o nosso juízo perfeito talvez seja a pior coisa que nós pensamos (E7).*

*Não, não tenho receio porque se eu vir que alguém me trata lá mal eu digo ((risos)) se tiver capacidade para isso (E10).*

*Sim porque eu acho que os lares deviam ser mais vigiados, por assistentes sociais, por pessoas enfim ligadas aos hospitais ou serviços de saúde, penso eu, não sei. Não assisto aos serviços interiores mas penso que poderia alguém ... de fora, inclusive o serviço passar de vez em quando, é o que eu penso para vários serviços (E11).*

*Não. Acho que hoje, se as pessoas tiverem a cabeça a funcionar, acho que é a coisa mais natural. Quem é que hoje consegue ter um pai em casa? É muito difícil, e complicado, a vida hoje passa, nós andamos sempre a correr. É complicado, quem é que pode ter um pai em casa a tempo inteiro? Só se o tiverem fechado horas seguidas sozinho e contra isso é que eu sou (E15).*

### *Perceção em relação a uma ERPI Ideal*

O indicador *perceção em relação a uma ERPI ideal* tem como objetivo identificar e analisar o que os entrevistados consideram que seria o ideal de ERPI.

As perceções apresentadas vão desde as entre condições das infraestruturas, à qualidade dos serviços e à qualidade e tratamento da pessoa mais velha.

Considerando as condições da infraestrutura, são identificadas como ERPI's ideais aquelas que proporcionem espaços adequados à individualidade de cada utente.

*Para mim um lar ideal, às vezes penso nisso, é um lar que ... como eu disse, pequenos apartamentos ou pequenas casinhas, é tipo viver em comunidade, vão lá prestar os serviços todos (E4).*

*Por exemplo os que eu conheço, aqui da zona são bons. Aqueles ali em baixo têm umas cozinhas, tipo estúdios, que eu acabo por ver que pode ser interessante. Pois, claro. Também pode ser um contra, que às vezes quando estão dois ou três num quarto podem-se auxiliar, mas eu secalhar era capaz de preferir, agora, estar sozinho, a descansar, a ler, quer dizer, são coisas depois a ver (E11).*

No que diz respeito às condições e qualidade dos cuidados e serviços prestados são identificadas como ERPI ideais aquelas que promovam o sentimento de pertença e sentimento de estar em casa, que garantam uma boa e adequada prestação de serviços às pessoas mais velhas, que lhes assegurem um bom tratamento e que promovam o desenvolvimento de atividades socioculturais.

*O lar ideal é onde todos os velhinhos se sentissem como se estivessem em casa, onde tivessem conforto no lar, tivessem atividades e ... principalmente carinho, que se sentissem acarinhados e bem recebidos, um bocado em sua casa (E1).*

*Não te sei responder a isso, mas estimarem as pessoas. É preciso é que estimem as pessoas, os velhotes, e há muitos que não estimam (E2).*

*É como o que estive a minha madrinha. É um espetáculo, é novo, as raparigas são um espetáculo para as pessoas, há música, há brincadeira, conversa, animação, aquilo é uma festa (E5).*

*Um lar ideal é aquele onde qualquer idoso se sente bem, que está a sentir que está a ser acarinhado, bem tratado que se sente bem ali, é um lar ideal. Se a pessoa estiver bem, para mim, eu acho que, onde a pessoa se sinte bem é um lar ideal (E7).*

*É quando, se tiver de ir para um lar, é porque preciso já de apoio ... higiene e outros cuidados... e espero ser bem recebido e que seja cuidado com carinho e com um bocado de amor também. Portanto, todos os lares que funcionem nesse sistema julgo que estão a funcionar como deve de ser, com pessoal também qualificado, com formação, verem como é que se cuida dos idosos, porque não é muito fácil lidar com idosos (...) (E10).*

*Um lar ideal é ter as condições que as pessoas precisam para viverem bem. Acredito que há muita gente que é difícil, porque não somos todos iguais (...) mas um lar eu acho que é indicado para a qualidade de vida (E12).*

*Um lar ideal, então principalmente onde cuidem bem, e é a base fundamental de um lar. Não ser maltratada (E13).*

É ainda de referir que a adequação às possibilidades financeiras da pessoa mais velha foi referida como característica para uma ERPI ideal, uma vez que, por vezes, o valor praticado nestas instituições pode ser considerado uma barreira de acesso.

## Capítulo 5 - Discussão de Resultados da Investigação

Após a apresentação dos dados recolhidos proceder-se-á à relação estabelecida entre os resultados da investigação e revisão da literatura anteriormente realizada.

No decorrer da investigação, considerando a *experiência em ERPI*, a totalidade dos entrevistados teve uma experiência direta através da visita de amigos ou vizinhos, no entanto apenas alguns dos entrevistados manifestaram a experiência com familiares institucionalizados em ERPI. Esta dimensão contribui para a emergência de uma perceção positiva acerca do processo de institucionalização em ERPI, pois tal como afirmado por Lee (1997) existe uma maior possibilidade de identificação de aspetos positivos quando os indivíduos conhecem a instituição em resultado da institucionalização de parentes ou amigos. Com tal, torna-se possível analisar que a presença prévia em ERPI torna possível ao entrevistado identificar aspetos positivos deste tipo de instituição e respetivo processo, em resultado da sua experiência, o que contribui para uma perceção positiva do processo.

Entre as *causas da institucionalização* identificadas pelos entrevistados, identifica-se a necessidade de acompanhamento, principal causa identificada em resultado do avançar da idade, da necessidade de prestação de cuidados, da incapacidade dos familiares, da deterioração do estado de saúde entre outros. Tal como Dhlamini-Siband et al. (2017) referem no seu estudo, quando a pessoa mais velha reconhece que o processo de envelhecimento é gerador de transformações biopsicossociais, surge uma maior capacidade de compreender a institucionalização como forma de assegurar o acompanhamento e a prestação de cuidados.

A necessidade de prestação de cuidados formais pode resultar da deterioração do estado de saúde, considerando o estudo de Melanie et al. (2010) e Lini et al. (2016) que revelam que, o agravamento das condições de saúde da pessoa mais velha gera um aumento na complexidade de prestação de cuidados a assegurar no domicílio, o que leva à procura da prestação de cuidados formais. O combate à solidão foi identificado pelos entrevistados como uma das causas do processo, uma vez que esta gera a ausência da interação e participação social do indivíduo (Faria & Carmo, 2015).

A incapacidade de prestação de cuidados por parte dos familiares é também identificada como principal causa da institucionalização, uma vez que a ausência da rede familiar no

quotidiano da pessoa mais velha não garante o apoio necessário (Lini et al., 2016). No entanto, indo ao encontro das autoras Guadalupe e Cardoso (2017) sabe-se que, em Portugal, o pilar família é o que apresenta maior representatividade na prestação de cuidados informais à pessoa mais velha, ainda que as condições existentes para famílias prestadoras de cuidados sejam muito limitadas.

Ainda que os motivos identificados como preditores da institucionalização sejam classificados como válidos pelas pessoas com 65 e mais anos, é notada alguma ambivalência em relação à família, uma vez que determinados entrevistados referem que a família deveria ser o principal garante de auxílio como forma de promover a permanência da pessoa mais velha.

Apesar de a institucionalização em ERPI ser uma resposta frequente, é notória a vontade de as pessoas mais velhas permanecerem no domicílio (Crispim, 2021), em linha com as tendências das medidas de *ageing in place*, que têm o propósito de promover o envelhecimento de forma positiva, através da permanência no domicílio e respetiva comunidade (Fonseca, 2021; Ribeirinho et al., 2024).

Considerando a *perceção em relação à institucionalização em ERPI*, a opinião dos entrevistados é predominantemente de carácter positivo uma vez que é percecionada como algo necessário e adequado à pessoa mais velha que necessita da prestação de cuidado, de acompanhamento psicossocial e sociocultural, através do desenvolvimento de atividades lúdicas bem como o combate à solidão aumentando e potenciando a interação social através do estabelecimento de relações interpessoais e sentido de maior acompanhamento (Lee, 1997; Evangelista et al., 2014).

Em contrapartida, surgem como desvantagens apontadas uma maior perceção de fim de vida, a ausência dos familiares, a falta de privacidade e os custos e encargos financeiros associados ao processo de institucionalização. Estas desvantagens identificadas são também referidas no estudo de Lee (1997, p. 603) o qual afirma que a “crença sobre a qualidade dos cuidados que os residentes recebem, a qualidade de vida dos residentes, os custos dos cuidados e o papel da família na prestação de cuidados” poderão contribuir para uma perceção negativa em relação ao processo de institucionalização em ERPI. Também o estudo de Calanzani et al. (2014) afirma que as preocupações para com a qualidade da prestação de cuidados e os custos associados ao

processo contribuem para a representação negativa da ERPI ainda presente na sociedade.

Quando questionados acerca da necessidade de mais ERPI's a nível nacional, é referido, pela totalidade dos entrevistados, a concordância com esta necessidade, essencialmente em resultado da escassez de vagas atendendo à procura existente. De acordo com Gil (2022) e Daniel (2019) as ERPI's são insuficientes para a população mais velha necessitada da prestação de cuidados formais, o que vai ao encontro da perceção da necessidade de infraestruturas adicionais identificada pelos entrevistados.

De acordo com o autor Löfqvist et al. (2013) o estigma negativo em relação às ERPI's, é resultado das imagens e representações partilhadas pelos meios de comunicação. No entanto tal facto não se comprovou na totalidade dos entrevistados, uma vez que, ainda que alguns reconheçam a influência dos *media* para uma elevada proporção da população, também há entrevistados que referem que, apesar das imagens negativas partilhadas pelos meios de comunicação, esta não gera influência na sua perceção e opinião em relação às ERPI's e respetivo processo de institucionalização.

É de realçar que todos os exemplos de notícias abordados em contexto de entrevista, são de carácter negativo o que, conseqüentemente, contribui para uma representação negativa das ERPI's, uma vez que, segundo Miller et al. (2017) a representação da ERPI nos meios de comunicação geram uma exposição negativa em função da partilha de situações de negligência e fraude.

No que diz respeito à *possibilidade de institucionalização em ERPI*, ainda que a maioria dos entrevistados a reconheça como uma possibilidade, há também quem não a considere ou que, no momento de vida em que se encontra, ainda não pondera sobre esse assunto. Considerando os entrevistados que perspetivam a possibilidade de institucionalização em ERPI, esta resulta da consciência que poderão no futuro instalar-se situações de dependência que os impossibilite de permanecer no domicílio devido à incapacidade de prestação de cuidados dos familiares e a necessidade de acompanhamento. As razões anteriormente identificadas vão ao encontro dos resultados do estudo de Marques et al., (2010) ao afirmarem que a institucionalização em ERPI se assume como um processo que visa enfrentar e superar os desafios que se colocam ao apoio informal assegurado à pessoa mais velha, bem como dos estudos de Mazza e Lefèvre (2004) e Ferreira (2013) ao referirem que, em determinados casos, a

pessoa mais velha reconhece a institucionalização em ERPI como uma solução para os seus problemas, uma vez que nem sempre se torna possível assegurar a permanência no domicílio.

No que refere aos entrevistados que não consideram a institucionalização em ERPI como uma possibilidade pessoal, esta deve-se à vontade de permanecer no domicílio ou receber cuidados prestados pelos familiares. Ainda que a literatura nos demonstre que, a incapacidade dos familiares em assegurar a prestação de cuidados à pessoa mais velha é um dos fatores que geram a institucionalização (Marques et al., 2010; Lee, 1997) também nos leva a inferir que é possível constatar o interesse e vontade demonstrada pela pessoa mais velha de permanecer no seu domicílio (Crispim, 2021). Assim sendo, permite-nos compreender que, ainda que determinados entrevistados considerem a institucionalização como uma possibilidade pessoal, demonstram este interesse apenas se em alguma situação de maior dependência não lhe for possível permanecer no domicílio.

A institucionalização pode ser compreendida pelas pessoas mais velhas como um ganho, pela segurança e proteção asseguradas, bem como pela possibilidade de oportunidades e estabilidade, considerando “(...) que é uma alternativa que lhe garante alguma estabilidade, pois sabem que têm apoio em qualquer circunstância, sentindo-se mais seguros e protegidos a esse nível” (Pimentel, 2005 citado em Santos, 2013, p. 37). Assim sendo, esta representação torna possível compreender as expectativas identificadas pelos entrevistados quando consideram o processo de institucionalização, nomeadamente a prestação de cuidados de assistência, de bom trato e promoção da qualidade de vida.

Em contrapartida, são identificados como receios ao processo a inadequação nos cuidados prestados ou a necessidade de supervisão do serviço prestado pela ERPI. Segundo o autor Cavalcanti (2013) a baixa oferta dos serviços assegurados pela ERPI gera uma preocupação para o processo uma vez que, diversas vezes demonstra-se aquém das necessidades identificadas pela população mais velha.

Por fim, em relação à percepção dos entrevistados sobre o que considerariam ser uma ERPI ideal verificou-se que essa percepção se baseia nas condições infraestruturais, na qualidade dos cuidados, no sentimento de pertença, no desenvolvimento de atividades para a pessoa mais velha entre outras. Tal como referem Quaresma e Ribeirinho (2016),

Mariano et al. (2020) e Barreto (2022) é responsabilidade da instituição atuar em conformidade com as necessidades da pessoa mais velha, promovendo a qualidade de vida, a manutenção da independência e autonomia e o superior interesse da pessoa. Neste sentido, a atuação e dinâmica institucional é fundamental para uma percepção positiva em relação à ERPI.

## Considerações Finais

A temática definida para a investigação deveu-se, em muito, à motivação pessoal para o tema, para além da sua pertinência e relevância numa sociedade cada vez mais envelhecida.

O envelhecimento percecionado na sociedade contemporânea é resultado dos avanços sentidos, nomeadamente a nível científico, tecnológico e social. O crescente aumento da população com 65 e mais anos resulta do aumento da esperança de vida, da quebra da natalidade, da emancipação feminina, mas também, do aumento dos encargos sociais e familiares, entre outros (Martins, 2002; Silva et al., 2021).

Face a este aumento da população com 65 e mais anos é fundamental aprofundar e desenvolver o estudo da Gerontologia, que assume como foco o envelhecimento e respetivas transformações (Batista, 2019), centrando-se no bem-estar da pessoa mais velha. A Gerontologia Social visa promover a qualidade de vida das pessoas com 65 e mais anos, bem como analisar e compreender a influência dos fatores pessoais, sociais, culturais, legais, económicos e psicológicos no decorrer do envelhecimento (Netto, 2013; Câmara, 2015). Neste sentido, sendo a institucionalização um processo gerador de mudanças na pessoa mais velha, em resultado das transformações no quotidiano e contexto de vida, que por sua vez influencia a forma como decorre o envelhecimento, torna-se fundamental compreender como é percecionada a institucionalização em ERPI, pelas pessoas mais velhas, sob o ponto de vista gerontológico.

Sendo a sociedade contemporânea caracterizada pela elevada proporção de população mais velha necessitada da prestação de cuidados, surge a necessidade de infraestruturas adicionais que assegurem a institucionalização em ERPI. A necessidade de infraestruturas adicionais é justificada pela escassez de oferta face à elevada procura de instituições, pela necessidade de melhoria das condições institucionais e em resultado do aumento da esperança de vida, promovendo e prestando cuidados em função das necessidades da pessoa mais velha.

O processo de institucionalização resulta de diversos motivos que interatuam entre si e não apenas de fatores isolados. Esta investigação tornou possível identificar e analisar algumas daquelas que são consideradas as causas geradoras deste processo. A necessidade de acompanhamento da pessoa mais velha, no âmbito da prestação de

serviços e cuidados, pela deterioração do estado de saúde e/ou por situações de solidão, é identificada como a principal causa indireta geradora do processo, uma vez que é agravada em função da dificuldade, incapacidade ou inexistência de acompanhamento por parte da rede familiar.

Sendo o objetivo da investigação identificar quais as percepções que as pessoas com 65 e ou mais anos, não institucionalizadas, possuem sobre a institucionalização em ERPI, verificámos que estas são predominantemente positivas, em resultado da experiência prévia que estas pessoas tinham com este tipo de instituição, por exemplo através da institucionalização de familiares, vizinhos ou amigos. Neste sentido, tornou-se possível a identificação de aspetos positivos, quer em relação à instituição e respetivos serviços, quer em relação ao próprio processo de institucionalização. No que diz respeito aos meios de comunicação social, ainda que grande parte das notícias partilhadas sejam de carácter negativo, influenciando a percepção da ERPI, é referido o benefício da dúvida, o que permite compreender que os entrevistados reconheceram que nem todas as instituições funcionam da mesma maneira.

A institucionalização em ERPI pode ser percecionada quer de forma positiva quer negativa, em resultado de diversos fatores e aspetos. O processo é percecionado de forma positiva quando consideradas as vantagens associadas ao processo, nomeadamente prestação de cuidados de higiene, alimentação, saúde, entre outros e acompanhamento psicossocial e sociocultural, através do desenvolvimento de atividades, bem como quando são consideradas as expectativas em relação ao processo, como a promoção da qualidade de vida da pessoa mais velha e a prestação de acompanhamento e cuidados adequados à condição e contexto de vida da pessoa.

Em contrapartida, as desvantagens e receios identificados no processo contribuem para uma percepção negativa da institucionalização em ERPI. Considerando as desvantagens identificadas, é de realçar os custos e encargos financeiros que o processo acarreta para o indivíduo e respetivas famílias, a percepção de fim de vida, a ausência ou afastamento da rede familiar e, em determinados casos, a falta de privacidade. Por outro lado, surgem como receios a inadequação no trato da pessoa mais velha face às suas expectativas e, novamente, a preocupação com os encargos financeiros.

Ao analisar as percepções das pessoas com mais de 65 anos, não institucionalizadas, sobre a institucionalização em ERPI, esta é percecionada de forma positiva, bem como

o processo de institucionalização, uma vez que é reconhecido como necessário e adequado para as necessidades e contexto em que se insere a pessoa mais velha, garantindo um acompanhamento permanente.

Tendo presentes os objetivos da presente investigação, estes foram atingidos, em termos metodológicos, a entrevista semiestruturada, realizada de forma presencial, demonstrou ser uma técnica bastante adequada para a recolha de dados necessários à investigação, uma vez que gerou proximidade entre a investigadora e os participantes, fulcral à partilha de pormenores essenciais à investigação. Como qualquer estudo exploratório de natureza qualitativa nenhum dos dados aqui analisados poderão ser extrapolados, apesar de a sua confrontação com a revisão da literatura efetuada terem permitindo aferir múltiplas concordâncias. Não obstante, poderá ser identificada como uma potencial limitação deste estudo a sua reduzida amostra, ainda que se tenham procurado garantir o princípio da saturação teórica. Neste sentido, deixam-se algumas hipóteses futuras de investigação sobre este tema.

Além de ser fundamental compreender como é percecionada a institucionalização em ERPI, sob o ponto de vista gerontológico, em resultado da importância que esta tem na sociedade contemporânea, é realçada a relevância de se desenvolverem novos estudos dentro desta temática. Sugere-se a continuidade da realização de mais estudos que aprofundem a compreensão deste processo, designadamente ouvindo os próprios destinatários destas instituições, suas famílias, profissionais envolvidos e corpos diretivos. Seria também pertinente a auscultação de decisores políticos estratégicos sobre a forma como este tipo de respostas estão pensadas e de que forma se irão adequar aos novos perfis de pessoas mais velhas, bem como ao inevitável aumento de procura de respostas nesta área.

Espera-se que este trabalho seja mais um contributo para a compreensão do processo de institucionalização em ERPI, que tem vindo a ganhar crescente visibilidade na sociedade contemporânea.

## Referências Bibliográficas

- Akambigo, A. B. & Wolinsky, F. D. (2004). Reported expectations for nursing home placement among older adults and their role as risk factors for nursing home admissions. *The Gerontologist*, 46(4), 464-473. <https://doi.org/10.1093/geront/46.4.464>
- Alkema, G. E. & Alley, D. E. (2006). Gerontology's future: An Integrative Model for Disciplinary Advancement. *The Gerontologist*, 46(5), 574-582. <https://doi.org/10.1093/geront/46.5.574>
- António, S. B. (2013). Das políticas sociais da Velhice à Política Social do Envelhecimento. Carvalho (Ed.), *Serviço Social no Envelhecimento* (pp.81-104). Pactor.
- Ávila, M. M., Romaguera, M. R., Hechavarria, H. G. & Hechavarria, A. G. (2018). El envejecimiento. Repercusión Social e individual. *Revista Información Científica*, 97(6), 1172-1188. <https://www.redalyc.org/journal/5517/551758539009/551758539009.pdf>
- Azeredo, Z. (2016). Envelhecimento: Um desafio para o século XXI. *Journal of Aging & Innovation*, 5(2), 20-26. [https://journalofagingandinnovation.org/wp-content/uploads/2-agosto\\_2016.pdf](https://journalofagingandinnovation.org/wp-content/uploads/2-agosto_2016.pdf)
- Bangerter, L. R., Haitzma, K. V., Heid, A. R. & Abbott, K. (2016). "Make me feel at ease and at home": Differential care preferences of nursing home residents. *The Gerontologist*, 56(4), 702-713. <https://doi.org/10.1093/geront/gnv026>
- Barreto, J. (2022). Ética nos cuidados a pessoas idosas. *Revista Portuguesa De Medicina Geral E Familiar*, 38(1), 114–24. <https://doi.org/10.32385/rpmgf.v38i1.13398>
- Batista, L. (2019). *Envelhecimento, Redes Sociais e Qualidade de Vida* [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Viana do Castelo]. Repositório IPVC. [http://repositorio.ipv.pt/bitstream/20.500.11960/2334/1/Lara\\_Batista.pdf](http://repositorio.ipv.pt/bitstream/20.500.11960/2334/1/Lara_Batista.pdf)
- Bento, M. (2020). Políticas Públicas e Respostas Sociais para Pessoas Idosas em Portugal: Uma Proposta de Reorganização do SAD em Direção ao Ageing in Place. In M.C. Faria, J. P. Ramalho, A. C. Nunes & A. I. Fernandes (Eds.), *Visões sobre o Envelhecimento* (pp. 271-286). IPBeja. <http://repositorio.ipbeja.pt:8080/bitstream/20.500.12207/5193/4/VIS%C3%95ES%20S OBRE%20%20ENVELHECIMENTO.pdf>

- Bessa, M. & Silva, M. (2008). Motivações para o ingresso dos idosos em instituições de longa permanência e processos adaptativos: um estudo de caso. *Texto Contexto Enferm* 17(2), 258-265. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000200006>
- Blanco, M. (2011). El enfoque de curso de vida: orígenes y desarrollo. *Revista Latinoamericana de Población*, 5(8), 5-31. <https://www.redalyc.org/pdf/3238/323827304003.pdf>
- Birren, J. E., & Schroots, J. J. F. (1996). History, concepts and theory in the psychology of aging. In J. E. Birren & K. W. Schaie (Eds.), *Handbook of the psychology of aging* (4th ed., pp. 3–23). San Diego, CA: Academic Press.
- Braun, V., Clarke, V., Hayfield, N., & Terry, G. (2019). Thematic analysis. In P. Liamputtong (Ed.), *Handbook of Research Methods in Health Social Sciences* (pp.843-860). Springer. [https://doi.org/10.1007/978-981-10-5251-4\\_103](https://doi.org/10.1007/978-981-10-5251-4_103)
- Bryman, A. (2012). *Social Research Methods*. (4ª Ed). Oxford University Press.
- Calanzani, N., Moens, K., Cohen, J., Higginson, I. J., Harding, R., Deliens, L., Toscani, F., Ferreira, P., Bausewein, C., Daveson, B., Gysels, M., Culemans, L. & Gomes, B. (2014). Choosing care homes as the least preferred place to die: a cross-national survey of public preferences in seven European countries. *BMC Palliative Care*, 13, 1-11. [10.1186/1472-684X-13-48](https://doi.org/10.1186/1472-684X-13-48)
- Caldas, C. & Pamplona, C.(2013). Institucionalização do idoso: percepção do ser numa óptica existencial. *Revista Kairós Gerontologia*, 16(5), 201-219. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2013v16i3p201-219>
- Câmara, S. B. (2015). *Atitudes de futuros profissionais de saúde e serviço social face ao trabalho com a população idosa. Escala de Kogan e relações intergeracionais* [Tese de doutoramento, Universidade da Coruña, Departamento de Medicina]. Repositório da Universidade de Coruña. <http://hdl.handle.net/2183/14386>
- Capucha, L. (2014). Envelhecimento e Políticas Sociais em tempos de crise. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 74, 113-134. <https://doi.org/10.7458/SPP2014743203>
- Carmo, H. O., Rangel, J. A., Ribeiro, N. P. & Araújo, C. L. O. (2013). Institucionalização: por que me trouxeram pra cá?. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(2), 191–201. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2012v15i2p191-201>

- Carta Social. (2024). Indicadores das respostas sociais. <https://www.cartasocial.pt/capacidade-das-respostas-sociais>
- Carvalho, M.I. & Almeida, M.J. (2014). Contributo para o desenvolvimento de um modelo de proteção social na velhice em Portugal, 1-11. [https://www.app.com.pt/wp-content/uploads/2014/07/Artigo\\_Contributo-para-o-desenvolvimento-de-um-modelo-de-prote%C3%A7%C3%A3o-social-na-velhice-em-Portugal\\_M%C2%AAIC-e-MJA.pdf](https://www.app.com.pt/wp-content/uploads/2014/07/Artigo_Contributo-para-o-desenvolvimento-de-um-modelo-de-prote%C3%A7%C3%A3o-social-na-velhice-em-Portugal_M%C2%AAIC-e-MJA.pdf)
- Cavalcanti, A. D. (2013). Envelhecimento e institucionalização: uma revisão bibliográfica à luz da promoção da saúde. *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(4), 159–174. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2013v16i4p159-174>
- Cooney, A. (2012). ‘Finding home’: a grounded theory on how older people ‘find home’ in long-term care settings. *International journal of older people nursing*, 7(3), 188-199. <https://doi.org/10.1111/j.1748-3743.2011.00278.x>
- Creswell, J. (2009). *Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. (3ª ed). Sage. [https://www.ucg.ac.me/skladiste/blog\\_609332/objava\\_105202/fajlovi/Creswell.pdf](https://www.ucg.ac.me/skladiste/blog_609332/objava_105202/fajlovi/Creswell.pdf)
- Crispim, R. (2020). Velhice(s) e participação em estruturas residenciais para idosos percecionadas por pessoas idosas e assistentes sociais: um estudo qualitativo. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 6(1), 81-96. <https://doi.org/10.31211/rpics.2020.6.1.172>
- Crispim, R. (2021). Institucionalização na velhice: uma revisão sistemática da literatura sobre preditores em contexto de Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas (ERPI). *methaodos. Revista De Ciencias Sociales*, 9(2), 258-271. <https://doi.org/10.17502/mrcs.v9i2.499>
- Daniel, F. (2006). O Último Lugar no Mundo: Considerações e Reconsiderações sobre Espaço e Velhice. *Interações: Sociedade E As Novas Modernidades*, 6(11). <https://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/197>
- Daniel, F. (2009). Profissionalização e Qualificação da Resposta Social “Lar de Idosos” em Portugal. *Interações: Sociedade E As Novas Modernidades*, 9(17), 65-74. <https://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/316/328>

Daniel, F., Brites, A., Monteiro, R. & Vicente, H. (2019). De “lar” abominado (ou tolerado): reconfiguração das representações sobre institucionalização. *Revista Saúde e Sociedade*, 28(4), 214-228. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019180699>

Dhlamini-Siband, S., Dube-Mawerewere V., Nkhoma G. & Haruzivishe C. (2017). A study to examine the relationship between social support and perception of being institutionalized among the elderly aged 65 years and above who are institutions in Bulawayo Urban, Zimbabwe. *Open Journal of Nursing*, 7(8), 905-917. [10.4236/ojn.2017.78067](https://doi.org/10.4236/ojn.2017.78067)

Duarte, L. (2014). O processo de institucionalização do idoso e as territorialidades: espaço como lugar?. *Estudos Interdisciplinares Sobre O Envelhecimento*, 19(1), 201-217. <https://doi.org/10.22456/2316-2171.33754>

Elder Jr, G. (1994). Time, human agency and social change: perspectives on the life course. *Social Psychology Quarterly*, 57(1), 4-15. <https://doi.org/10.2307/2786971>

EUROSTAT. (2024, janeiro). Base de Dados. [https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/view/tps00028/default/table?lang=en&category=t\\_demo.t\\_demo\\_ind](https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/view/tps00028/default/table?lang=en&category=t_demo.t_demo_ind)

Evangelista, R., Bueno, A., Castro, P., Nascimento, J., Araújo, N. & Aires, G. (2014). Percepções e Vivências dos idosos residentes de uma instituição asilar. *Revista da Escola de Enfermagem*, 48(2), 85-91. <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000800013>

Faria, C. & Carmo, M. (2015). Transição e (In)Adaptação ao Lar de Idosos: Um Estudo Qualitativo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(4), 435-442. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015042472435442>

Fechine, B. & Trompieri, N. (2012). O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. *Revista Científica Internacional*, 1(7), 106-132. <http://dx.doi.org/10.6020/1679-9844/2007>

Fernández-Carro, C. (2016). Ageing at home, co-residence or institutionalisation? Preferred care and residential arrangements of older adults in Spain. *Ageing & Society*, 36(3), 586-612. <https://doi.org/10.1017/S0144686X1400138X>

Ferreira, C. S. (2013). *O efeito das percepções da velhice e da institucionalização no envelhecimento ativo: um estudo de caso*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do

Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/75896/2/28465.pdf>

Freire, S. & Resende, M. (2008). Estudos e intervenções para a promoção da velhice satisfatória. *Revista Psicologia para a América Latina*, 14. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2008000300002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000300002)

Fonseca, A. M. (2021). Ageing in Place- Envelhecimento em casa e na comunidade. (1ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.

Gil, A. P. (2020). Estruturas residenciais para pessoas idosas: Relação entre qualidade dos cuidados e qualidade do emprego. *Cidades, Comunidades e Territórios*, 40, 67-87. <https://doi.org/10.15847/cct.jun2020.040.doss-edit05>

Gil, A. P. (2022). (In)Decent work conditions and quality care: an issue for long-term care policy. *Ageing & Society*, 42(9), 2154-2179. <https://doi.org/10.1017/S0144686X20002032>

Guadalupe, S. & Cardoso, J. (2017). As redes de suporte social informal como fontes de provisão social em Portugal: o caso da população idosa. *Revista Sociedade e Estado*, 33(1), 215-250. <https://doi.org/10.1590/s0102-699220183301009>

Guedes, J. (2008). *Desafios Identitários associados ao internamento em lar* [Congresso]. Atas do V Congresso Português de Sociologia, 339, 2-12. <http://associacaoportuguesasociologia.pt/vicongresso/pdfs/339.pdf>

Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo*. (1ª Ed.) Principia

Hendricks, J. (2012). Considering Life Cours Concepts. *The Journals of Gerontology*, 67(2), 226-231. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbr147>

Instituto de Segurança Social, I.P. (2007). Manual de Processos Chave – Estrutura Residencial para Idosos. [https://www.seg-social.pt/documents/10152/13652/gqrs\\_lar\\_estrutura\\_residencial\\_idosos\\_Processos\\_Chave/1378f584-8070-42cc-ab8d-9fc9ec9095e4](https://www.seg-social.pt/documents/10152/13652/gqrs_lar_estrutura_residencial_idosos_Processos_Chave/1378f584-8070-42cc-ab8d-9fc9ec9095e4)

Jacob, L. (2012). Respostas Sociais para Idosos em Portugal. In F. Pereira (Ed.), *Teoria e Prática da Gerontologia- Um Guia para Cuidadores de Idosos*. (pp. 129-148). PsicoSoma.

- Jardin, V., Medeiros, B. & Brito, A. (2006). Um olhar sobre o processo de envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. *Revista Brasileira Geriátrica e Gerontologia*, 9(2), 25-34. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2006.09023>
- Keller, S. B. & Peruzzo, J. F. (2017). Paradigmas da Gerontologia: quando o envelhecimento humano se transforma em objeto de conhecimento. *Revista Kairós - Gerontologia*, 20(3), 329-348. <http://dx.doi.org/10.23925/2176-901X.2017v20i3p329-348>
- Komp-Leukkunen, K. (2023). A Life-course perspective on older workers in workplaces undergoing transformative digitalization. *The Gerontologist*, 63(9), 1413-1419. <https://doi.org/10.1093/geront/gnac181>
- Lee, D. T. (1997). Residential care placement: perceptions among elderly Chinese people in Hong Kong. *Journal of Advanced Nursing*, 26(3), 602-607. [10.1046/j.1365-2648.1997.t01-22-00999.x](https://doi.org/10.1046/j.1365-2648.1997.t01-22-00999.x)
- Lini, E., Portella, M. & Doring, M. (2016). Fatores associados à institucionalização de idosos: estudo caso-controle. *Revista Brasileira Geriatria e Gerontologia*, 19(6), 1004-1014. <https://doi.org/10.1590/1981-22562016019.160043>
- Löfqvist, C., Granbom, M., Himmelsbach, I., Iwarsson, S., Oswald, F. & Haak, M. (2013). Voices on relocation and aging in place in very old age—a complex and ambivalent matter. *The Gerontologist*, 53(6), 919-927. <https://doi.org/10.1093/geront/gnt034>
- Marconi, M., & Lakatos, E. (2003). *Fundamentos da Metodologia Científica*. (5 ed). Atlas S.A. [http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy\\_of\\_historia-i/historia-ii/china-e-india/view](http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view)
- Mariano, P. P., Carreira, L., Lucena, A. C. & Salci, M. (2020). Desenvolvimento de atividades de estímulo cognitivo e motor: perspectiva de idosos institucionalizados. *Escola Anna Nery*, 24(3), 1-8. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2019-0265>
- Marques, F., Correia, F., Pires, R. & Pereira, P. A. (2010). Apoio social em idosos institucionalizados. *Gestão E Desenvolvimento*, 17-18, 99-121. <https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.2010.131>
- Martins, R. (2002). Envelhecimento Demográfico. *Millenium-Journal of Education, Technologies and Health*, 26.

<https://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/626/1/Envelhecimento%20demogr%C3%A1fico.pdf>

Martins, R. M. (2016). Envelhecimento e políticas sociais. *Millenium - Journal of Education, Technologies, and Health*, 32, 126–140. <https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/8398>

Martins, N. F., Abreu, D. P., Silveira, R. S., Lima, J. P., Bandeira, E. O. & Santos, C.S. (2021). O processo saúde-doença e a velhice: reflexões acerca do normal e do patológico. *Research Society and Development*, 10(1), 1-7. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11977>

Matos, D. A. & Jardimino, J. R. (2016). Os conceitos de concepção, percepção, representação e crença no campo educacional: similaridades, diferença e implicações para a pesquisa. *Revista Educação & Formação*, 1(3), 20-36. <https://doi.org/10.25053/edufor.v1i3.1893>

Mazza, M. & Lefèvre, F. (2004). A instituição asilar segundo o cuidador familiar do idoso. *Revista Saúde e Sociedade*, 13(3), 68-77. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902004000300008>

Melanie L., Tobias L., Siegfried W., Hans-Helmut K., Brähler E. & Riedel-Heller S. (2010). Prediction of institutionalization in the elderly. A systematic review, *Age and Ageing*, 39(1), 31–38. <https://doi.org/10.1093/ageing/afp202>

Medeiros, M. M., Carletti, T. M., Magno, M. B., Maia, L. C., Cavalcanti, Y. W. & Rodrigues-Garcia, R. C. (2020). Does the institutionalization influence elderly's quality of life? A systematic review and meta-analysis. *BMC geriatrics*, 20, 1-25. <https://doi.org/10.1186/s12877-020-1452-0>

Miller, E. A., Livingstone, I. & Ronneberg, C. R. (2017). Media portrayal of the nursing homes sector: A longitudinal analysis of 51 US newspapers. *The Gerontologist*, 57(3), 487-500. <https://doi.org/10.1093/geront/gnv684>

Mitchell, B. (2003). Teoria do Curso de Vida. In J. Ponzetti (Ed.), *The International Encyclopedia of marriage and Family Relationships* (pp. 1051-1055). Macmillan Reference, USA. [https://www.researchgate.net/publication/269096178\\_Life\\_Course\\_Theory](https://www.researchgate.net/publication/269096178_Life_Course_Theory)

- Moore, K. (2014). An Ecological Framework of Place: Situating Environmental Gerontology within a Life Course Perspective. *Aging Humane Development*, 79(3), 183-209. <https://doi.org/10.2190/AG.79.3.a>
- Netto, M. (2013). O estudo da Velhice: Histórico, definição do campo e termos básicos. In E. Freitas & L. Py (Eds.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 1-2360). guanaBara Koogan. <https://framomartins.files.wordpress.com/2016/09/tratado-de-geriatria-e-gerontologia-3c2aa-ed.pdf>
- Neto, M. J. & Corte-Real, J.(2008). A pessoa idosa institucionalizada: depressão e suporte social. *Sociedade Portuguesa de Geriatria e Gerontologia*, 2(3), 1-16. <https://www.spgg.com.pt/UserFiles/File/A%20pessoa%20idoso%20institucionalizada.pdf>
- Novikoff, C. (2020). Proposições científicas e éticas aplicadas em entrevista e questionário. *Revista Valore, Volta Redonda*, 5, 1-16. [10.22408/revva502020472e-5027](https://doi.org/10.22408/revva502020472e-5027)
- Paratela, M. F. & Correa A, M. R.(2012) *Envelhecimento humano: desafios biopsicossociais*. Departamento de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO/FEMM, 1-12. <http://www.cic.fio.edu.br/anaisCIC/anais2011/PDF/Psicologia/ENVELHECIMENTO%20HUMANO.pdf>
- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative Research and Evaluation Methods* (3rd ed.). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Paúl, C. (2005). Envelhecimento activo e redes de suporte social. *Sociologia: Revista Da Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto*, 15, 275-287. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2392>
- Pereira, F. & Pimentel, H. (2012). Emergência da gerontologia e do gerontólogo. In F. Pereira (Ed.), *Teoria e Prática da Gerontologia- Um Guia para Cuidadores de Idosos*. (pp. 27-40). Psicosoma
- Pimentel, L. G. (2005). *O lugar do idoso na família: contextos e trajetórias*. Coimbra: Quarteto Editora.
- PORDATA. (2024, março). Base de dados. <https://www.pordata.pt/portugal>

Portaria nº67/2012 do Ministério da Solidariedade e da Segurança Social (2012). Diário da República: 1ª série, nº 58. <https://dre.pt/dre/detalhe/portaria/67-2012-553657>

Portaria nº349/2023 do Ministério do Trabalho, Solidariedade e da Segurança Social (2023). Diário da República: 1ª série, nº 219. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/67-2012-553657>

Quaresma, M. & Ribeirinho, C. (2016). Envelhecimento –Desafios do Séc. XXI. *Revista Kairós Gerontologia*, 19(3), 29-49. <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/30900/21382>

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (2ª Ed). Gradiva. <https://tecnologiamidiaeinteracao.files.wordpress.com/2018/09/quivy-manual-investigacao-novo.pdf>

Ramalho, A. P. & Ramalho, J. G. (2014). A relevância da formação em Gerontologia Social na implementação das políticas sociais em Portugal. In H. Luz & I. Miguel (Eds.), *Gerontologia Social- Perspetivas de Análise e Intervenção* (pp. 39-50). Centro de Investigação em Inovação Social e Organizacional (CIS). <https://www.ideg.pt/wp-content/uploads/GERONTOLOGIA-SOCIAL.pdf>

Resolução do Conselho de Ministros nº14/2024 da Presidência do Conselho de Ministros (2024). Diário da República: 1ª série, nº 9. <https://files.diariodarepublica.pt/1s/2024/01/00900/0003100078.pdf>

Ribeirinho, C., Crispim, R. & Gordo, S. (2024). Políticas de cuidados de longa duração para pessoas idosas em Portugal: um olhar sobre as estruturas residenciais para pessoas idosas. In Paiva, S., Teixeira, S. & Soares, N. (Ed.), *Proteção Social Especializada para Pessoas Idosas em Diferentes Contextos*. (pp. 81-102). EDUPE.

Rosenberg, E. (2022). Social Gerontology Theory. *Europasian Journal of Medical Sciences*, 4, 20-30. <https://doi.org/10.46405/ejms.v4i0.454>

Sampieri, R., Collado, C., Lucio, M. (2013). *Metodologia da Pesquisa*. (5ª Ed). Mc Graw Hill. <https://www.pdfdrive.com/metodologia-de-pesquisa-d187693241.html>

Santos, V. M. (2013). *Institucionalização na terceira idade: escolha ou última alternativa?*. [Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior]. Repositório Digital da Universidade da Beira Interior.

[https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2833/1/Dissertacao\\_Veronica\\_Santos.pdf](https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2833/1/Dissertacao_Veronica_Santos.pdf)

Santos, M., Gerlach, K. & Drügg, A. (2015). Psicologia do Envelhecimento. *Salão Do Conhecimento*, 1(1).

<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/4868>

Segurança Social. (2024, março 05). Apoios Sociais e Programas-Idosos. <https://www.seg-social.pt/idosos>

Schneider, R. H. & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspetos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, 25(4), 583-595. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>

Silva, A. S., Azevedo, B. P., Faria, B. S., Nabbout, T. G. & d'Avila, J. C. (2021). Envelhecimento Populacional: realidade atual e desafios. *Global Academic Nursing Journal*, 2(3), 1-5. <https://dx.doi.org/10.5935/26755602.20200188>

Souza, I. M., Fernandes, H. M., Fernandes, D. C. & Barbosa, E. S. (2020, dezembro). *Envelhecimento Saudável: Uma Reflexão biopsicossocial sobre o processo de senescência* [Congresso]. VII Congresso Internacional de Envelhecimento Humano, Campina Grande, Brasil.

[https://www.researchgate.net/publication/347441316\\_ENVELHECIMENTO\\_SAUDAVEL\\_UMA\\_REFLEXAO\\_BIOPSIKOSSOCIAL\\_SOBRE\\_O\\_PROCESSO\\_DE\\_SENESCENCIA](https://www.researchgate.net/publication/347441316_ENVELHECIMENTO_SAUDAVEL_UMA_REFLEXAO_BIOPSIKOSSOCIAL_SOBRE_O_PROCESSO_DE_SENESCENCIA)

Smith, P. J. (2014). A percepção como uma relação: uma análise do conceito comum de percepção. *Analytica*, 18(1), 109-132. <https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/2326/2126>

Tier, C., Fontana, R. & Soares, N. (2004). Refletindo sobre idosos institucionalizados. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(3), 332-335. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000300015>

Wada, M., Canham, S. L., Battersby, L., Sixsmith, J., Woolrych, R., Fang, M. L. & Sixsmith, A. (2020). Perceptions of home in long-term care settings: Before and after institutional relocation. *Ageing & Society*, 40(6), 1267-1290. <https://doi.org/10.1017/S0144686X18001721>

Wahl, H. & Weisman, G. (2003). Environmental Gerontology at the Beginning of the New Millennium: Reflections on Its Historical, Empirical, and Theoretical Development. *The Gerontologist*, 43(5), 616-627. <https://doi.org/10.1093/geront/43.5.616>

Wahl, H. W. & Oswald, F. (2010). *Environmental Perspectives on ageing*. In D. Dannefer & C. Phillipson (Eds.), *The Sage Handbook of Social Gerontology* (pp. 111-124). SAGE Publications. [https://www.uni-frankfurt.de/54421080/Wahl\\_Oswald-2010-Environmental-Perspectives-on-Ageing.pdf](https://www.uni-frankfurt.de/54421080/Wahl_Oswald-2010-Environmental-Perspectives-on-Ageing.pdf)

Wahl, H. W., Iwarsson, S. & Oswald, F. (2012). Aging Well and the Environment: Toward an Integrative Model and Research Agenda for the Future. *The Gerontologist*, 52(3), 306-316. <https://doi.org/10.1093/geront/gnr154>

## Apêndices

### Apêndice A- Guião da Entrevista

Entrevista Nº: \_\_\_\_\_

A presente investigação desenvolve-se no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, tendo como principal objetivo estudar as perceções que as pessoas com mais de 65 anos possuem acerca do processo de institucionalização em Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas.

Ao longo de toda a entrevista, é garantida a disponibilidade para esclarecimento de qualquer tipo de dúvida bem como após a realização da mesma, a entrevistadora assegura disponibilidade para qualquer tipo de esclarecimento.

A Estrutura Residencial para Pessoas Idosas é uma resposta social que garante o alojamento coletivo temporário ou permanente, para pessoas com 65 e mais anos, tendo como objetivo promover e assegurar a prestação de serviços e cuidados adequados às necessidades da população alvo, contribuir para a promoção do envelhecimento ativo e incentivar a integração social dos utentes.

#### Caracterização Sociodemográfica

1. Caracterização Sociodemográfica
  - 1.1. Qual a sua idade?
  - 1.2. Qual o sexo?
  - 1.3. Qual o seu estado civil?
  - 1.4. Quais as suas habilitações literárias?
  - 1.5. Qual a sua profissão?
2. Alguma vez esteve num lar? Por exemplo a visitar alguém
3. Alguma vez teve um familiar num lar?
  - 3.1. Se sim, como foi essa experiência?
4. O que pensa sobre os lares?

5. Quais os motivos que levam a ida da pessoa para o lar?
  - 5.1. Para cada um desses motivos, qual a sua opinião?
6. Considera que deveriam existir mais lares?
7. Quais as vantagens de ir para um lar?
  - 7.1. Qual a razão?
8. Quais as desvantagens de ir para um lar?
  - 8.1. Qual a razão?
9. Considera que os meios de comunicação influenciam o que acha dos lares? Pedir exemplos ou se se recorda de alguma notícia (positiva ou negativa)
10. Alguma vez pensou na possibilidade de ir para um lar?
  - 10.1. Porquê?
11. E tem algum receio em relação a essa possibilidade?
12. Em caso negativo, se um dia vier a precisar de cuidados, onde e por quem desejaria recebê-los?
13. Em caso positivo, o que espera quando pensa em ir para um lar?
14. O que é para si um lar “ideal”?

## Apêndice B- Declaração de Consentimento Informado

A presente investigação desenvolvida no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, pela aluna Maria João do Nascimento Plácido Costa, com o e-mail mj.costa00@gmail.com, orientada pela Professora Doutora Carla Ribeirinho tem como objetivo estudar as percepções que as pessoas com mais de 65 anos possuem acerca do processo de institucionalização em Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas.

A sua colaboração na entrevista é voluntária, podendo desistir a qualquer momento sem que advenham quaisquer consequências. Realizar-se-á de forma anónima, sendo garantido o sigilo a toda a informação recolhida. A entrevista destina-se a pessoas com 65 e mais anos, que nunca experienciaram o processo de Institucionalização em Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas, estimando-se uma duração aproximada de 45 min a 1 hora.

Solicita-se a autorização para a realização da entrevista, bem como respetiva gravação de voz.

Estará garantido o sigilo de todas as informações recolhidas.

Neste sentido, a entrevistadora compromete-se a não usar nem divulgar o seu nome, nem nenhuma informação que o possa identificar.

Atenciosamente

---

Eu, \_\_\_\_\_, aceito participar no estudo de Maria João do Nascimento Plácido Costa, de livre vontade. Declaro de forma consciente, livre e informada que compreendi a informação partilhada acerca da investigação a desenvolver. Autorizo as gravações da entrevista e declaro que não me oponho à utilização das mesmas para o seu estudo, desde que seja garantido o anonimato.

Data: \_\_\_\_\_

Entrevistado: \_\_\_\_\_

Entrevistadora: \_\_\_\_\_

## Apêndice C- Grelha de Análise de Conteúdo

1. Caracterização Sociodemográfica
1.1. Idade
"65" "85" "73" "67" "68" "66" "65" "71" "85" "85" "81" "68" "69" "75" "73"
1.2. Género
"Feminino" "Masculino" "Masculino" "Feminino" "Feminino" "Masculino" "Feminino" "Masculino" "Feminino" "Masculino" "Masculino" "Feminino" "Feminino" "Masculino" "Masculino"
1.3. Estado Civil
"Viúva" "Casado" "Casado" "Casada" "Casado" "Viúva" "Casado" "Viúva" "Casado" "Casado" "Casada" "Viúva" "Casado" "Casado"
1.4. Habilitações Literárias
"2º Ano" "4º Ano" "4º Ano" "Licenciatura" "9º Ano" "5º Ano" "12º Ano" "4º Ano" "Sem Escolaridade" "4º Ano" "Não sei responder" "9º Ano" "4º Ano"

<p>“Sem Escolaridade” “4º Ano”</p>
<p>1.5. Situação Profissional</p>
<p>“Desempregada” “Reformado” “Reformado” “Professora” “Reformada” “Reformado” “Reformada” “Reformado” “Reformada” “Reformado” “Reformado” “Reformada” “Reformado” “Reformada” “Reformado” “Reformado”</p>
<p>2. Alguma vez esteve num lar?</p>
<p>“Sim, eu tive a minha mãe num lar”.</p> <p>“Sim, fui visitar vizinhos e amigos. E costumo ir ao lar aqui da terra entregar uma caixa de fruta. Tinha lá uma vizinha e eu gostei de a ver lá, gostei de ver aquilo acho que estimam as pessoa, vi muito asseio e ela da maneira que estava, estava muito estimada. Estava muito estimada, depois fomos lá à sala onde estavam todos e achei aquilo muito bom, muito bom mesmo, eu gostei de lá ir ver. eu gostei de ver, cada qual no seu sofá, estavam ali todos a ver televisão, estava lá a senhora com eles a fazer ginástica. Eles ali tratam-nos muito bem”.</p> <p>“Sim já, já visitei, já participei em eventos”.</p> <p>“Já, já visitei vários lares, mesmo com os meus alunos”.</p> <p>“Ora ... tive num aqui perto”.</p> <p>“Fui, visitar o meu tio”.</p> <p>“Sim”.</p> <p>“Sim”.</p> <p>“Sim, estive nuns aqui na zona”.</p> <p>“Já estive no lar aqui perto, a conferenciar lá com os idosos aqui por causa da nossa zona e tudo isso”.</p> <p>“Sim, com frequência”.</p> <p>“Não, só a visitar. (...) Ah sim, a minha vizinha faz de conta que era a minha segunda mãe. Estava num lar aqui perto”.</p> <p>“Sim, já estive. Também costumo ir a lares aqui na zona onde tenho amigos, fui aqui a um muito perto”.</p> <p>“Eu já”.</p> <p>“Já estive em vários lares a visitar pessoas amigas”.</p>
<p>3. Alguma vez teve um familiar num lar?</p>
<p>“Não, nunca lá quis os meus pais, mas no tempo deles também não havia”.</p> <p>“Não”.</p> <p>“Já, já tive”.</p> <p>“A minha madrinha ... que é tua avó ... E um tio do meu marido, não sei se vale a pena dizer”.</p> <p>“Familiar não”.</p> <p>“Sim”.</p> <p>“Eu tive a minha mãe”.</p> <p>“Tive o meu irmão, aqui perto”.</p> <p>“Tive uma irmã, e tive e tenho amigos”.</p> <p>“Da minha família não, mas a minha sogra sim”.</p> <p>“Não. Só tive uns tios em Centro de Dia”.</p> <p>“Já sim”.</p> <p>“Tenho também a minha mãe, na associação aqui da terra”.</p>
<p>3.1. Se sim, como foi essa experiência?</p>
<p>“Pronto ... eu acho que a minha mãe foi bem tratada e tratavam-na muito bem, só que muitas vezes os lares também não têm atividades suficientes para os velhinhos, muitas vezes estão ali sentados e...a televisão às vezes até está alta e eles não percebem nada do que se está a passar. Deveria de haver mais diálogo e mais brincadeira com eles, eu talvez entenda que os lares também não tenham pessoal suficiente para isso. De resto, achei que eram bem tratados, têm um médico, têm uma enfermeira, às vezes têm animadora, às vezes nem sempre... É isto, é a realidade dos lares, que eu acho</p>

que muitos não podem, não conseguem dar mais atenção é a realidade, agora enquanto a minha mãe esteve num lar eu achei que ela foi bem cuidada, chegava lá a caminha estava sempre limpinha, ela estava sempre limpinha e bem cuidada, pele com creme, sem peles secas ... as empregadas eram meigas e atenciosas, para os utentes e familiares. Acho que ela foi bem cuidada, talvez precisassem de mais coisas no lar”.

“Até foi positiva, portanto, aquele lar era no distrito de Leiria e até foi positiva, era um tio meu, a família estava ainda a trabalhar portanto não podiam tomar conta dele e não foi desagradável, pronto”.

“Olha, no tio do meu marido, não sei se é para dizer desse. No tio do meu marido, pronto era assim uma coisinha mais ... como é que eu hei-de dizer ... estava sozinho num quarto e já estava acamado, eu ia lá ao fim de semana com o meu marido, só tinha um filho que estava na américa e nos íamos lá fazer o pagamento e eu ia mais ele para o ver, pronto. Sim, as raparigas comecei a conhece-las e ele dizia-me que era bem tratado, que o tratavam bem e estava tudo assim limpinho”.

“Havia dias bons, havia dias menos bons, depende de como ele estava também”.

“Acho que foi boa”.

“Pronto, ela estava bem, estava muito bem. Só que um dia pronto ... ela estava já muito malzinha e eu fui lá vê-la, estava a máquina do soro e uma janela aberta a fazer uma corrente de ar nas costas. (...) Foi, sim ela estava bem, quer dizer, eu não a tive lá, a minha irmã é que a pôs lá no mês dela, só nos dela, quando era o meu irmão fazia-lhe eu o trabalho por ele. Só não gostei porque ela nunca disse a ninguém e ela não tinha necessidade de a lá ter posto”.

“Foi boa, porque o meu irmão era mongoloide, já tinha 50 e poucos anos e então havia problemas entre a família porque os meus pais já tinham falecido e depois optámos por pensar em pô-lo num lar. Como ele era mongoloide os lares não aceitam muito bem esse tipo de situações mas eu tinha lá uma pessoa conhecida e ele deu a informação que ele era uma pessoa amável, muito simpático, que não era agressivo e então aceitaram-no, acabou por falecer lá. E eu gostei, íamos lá visitá-lo, foi sempre bem atendido. Ah quando fazia anos faziam uma festinha nos anos, foi bom, eu gostei”.

“Eu gostei, a pontos que às vezes ia para lá que tempos e estava lá à tarde e dizia que estava ali para me habituar. Aquilo era um ambiente agradável. Era muita gente que se dava, eu e a minha mulher tínhamos lá muitos amigos. Eu estava lá o tempo que fosse preciso, porque me sentia bem, e cheguei a dizer lá “Eu vou passando aqui uns bocados que é para me ir habituando ao meu futuro”. Cheguei a estar lá à espera das refeições para depois passar mais tempo com eles. É o que eu conheço melhor”.

“Foi ótima. Ela foi para lá com 92, ela é do norte e, por coisas que vi, achei que já não era bom estar sozinha e pensava muitas vezes se lhe acontecia alguma coisa por ela estar sozinha, falei com o meu marido e arranjàmos um lar para ela. (...) . Quando chegámos ao lar já com ela, a primeira coisa que encontrou foi uma prima dela, que ficou logo muito feliz e contente. Foi, foi mesmo. Para mim foi uma tranquilidade”.

“Não foi, de todo, má”.

“É ótima, hoje em dia ninguém passava sem os lares. As pessoas hoje já não estão preparadas para terem os pais em casa o resto da vida, como era antigamente”.

#### 4. O que pensa sobre os lares?

“Sim, eu fiquei satisfeita não é? Apesar de eu achar que há lares que não são assim como o que a minha mãe esteve, e também há melhores”.

“Do que já vi, acho uma coisa boa para quem lá quiser estar e tiver dinheiro para pagar. Há muita gente que não tem possibilidade de ter os pais em casa”.

“A minha ideia sobre o lar é ... acho que é bom. Principalmente para nós idosos que não temos por exemplo que estar ... a prejudicar a vida dos nossos filhos que eles trabalham e não sei quanto, acho que, havendo possibilidades, porque não? Não sou contra o lar porque acho que se fizeram para os idosos”.

“É assim eu acho que em primeiro lugar deve-se tentar tudo para que seja a família a cuidar dos familiares, mas há casos em que é totalmente impossível e depois também há lares e lares. Há lares que eu tenho muito boa impressão portanto, eu não encaro o lar como um depósito de idosos, que há lares que são assim, agora aqueles lares que são, que já estão humanizados, e eu sei que há pessoas que até foram elas próprias que quiseram ir para os lares. Sentem-se bem lá e depois há aqueles lares que estão muito bem programados, com atividades, tirar as pessoas da solidão também é muito importante, porque há as pessoas que persistem ficar em casa mas sentem muita solidão, e o lar combate isso”.

“Por exemplo ... onde estava a minha madrinha é muito bom, a minha madrinha não estava sozinha, é uma coisa nova ... pronto, é muito bom em tudo ... as raparigas são muito boas para as pessoas por aquilo que lá fui e me apercebi. Ah, muito boa para quem, por exemplo, não tiver família e há quem tenha família e não podem tomar conta deles. Acho muito bem, e não estão sozinhos, têm companhia de noite e de dia, e tanta gente sozinha que não tem, pronto, familiares que não podem estar com eles”.

“Os lares são precisos, para mim só tem uma coisa: o dinheiro que levam é muito alto para os ordenados que nós temos no nosso país, as reformas que temos não dão para ir para um lar”.

“Acho que os lares é uma coisa boa, porque as pessoas em vez de estarem sozinhas em casa, têm tudo o que precisam num lar, desde a alimentação, a higiene, a medicação, tudo o que é necessário para um idoso”.

“Penso que é uma boa prestação de serviços para os idosos, onde são bem cuidados”.

“Eu penso que os lares são uma coisa que é boa porque pronto, há muita gente que não tem quem cuide deles e isso, e ali estão zelados, uns estão melhores, outros estão piores”.

“Olha eu penso que são necessários, porque ... há muito idoso que se não fosse os lares teriam um fim de vida muito triste ... o problema às vezes, segundo eu penso, é a parte financeira porque as reformas algumas são baixas e os familiares às vezes também não têm grandes possibilidades e isso é que faz com às vezes as pessoas não vão por causa disso. Pronto, mas acho que eles são necessários”.

“Penso que são precisos. Penso que são muito úteis. A minha irmã, se não fosse isso, teria muita dificuldade em tomar conta dela, partiu as pernas e pronto, eu acho que não hesitarei se tiver necessidade em ir para lá”.

“Eu acho que os lares são precisos, os lares são necessários e dos lares que eu conheço, onde já visitei pessoas em muitos lares nunca vi nada que fosse mau. Conheço e reconheço que há pessoas muito difíceis no feitio mas em todos os lares onde já visitei, gostei”.

“Eu penso bem, é o meu futuro se lá chegar”.

“É bom. Mas há falta de apoios ... dos nossos serviços”.

“Olha, do melhor. Eu penso que é uma coisa indispensável, já não se vivia sem isso”.

#### 5. Quais os motivos que levam a ida da pessoa para o lar?

“Chega a uma determinada altura da nossa vida e nós não podemos estar sozinhos, essa é a realidade. Quem consegue chegar aos 80 e poucos anos e que ainda está ativa a fazer um bocadinho a sua vida, com a cabecinha bem orientada, apesar das perninhas não ajudarem muito, ainda conseguem estar em casa com o apoio dos filhos ou assim. Quem não consegue porque a saúde lhe começou a faltar os filhos não têm condições para nos ter, então a única hipótese é o lar. Mas o lar é mesmo para isso, para as pessoas, desde que estejam lá cuidadas, bem tratadas, o lar não é um depósito de velhinhas. É uma continuação até chegarem ao fim da vida. sim, muitas vezes é a falta de saúde não é, e os filhos não poderem cuidar deles”.

“Os filhos não podem ter os pais e os pais não querem sobrecarregar os filhos, e lá estão estimados”.

“para terem ... melhor vida por exemplo, para não estarem na solidão ... que acontece a muitos”.

“Eu um dia quando for para mim é precisamente isso, quando eu achar que já não consigo ... estar totalmente independente acho que é preferível ir para um lar do que deixar arrastar. Vejo que há pessoas com muita aversão aos lares e estão ali sozinhos em casa. Não eu acho que já falei com o meu marido isso, vamos programar isso quando acharmos que chegamos a altura, neste momento ainda não”.

“A necessidade de não estarem sozinhas, a companhia, a limpeza, a comida a horas. Terem cuidados de limpeza, de banho, tudo. Sim claro, há pessoas velhinhas que em casa já não conseguem ter cuidados”.

“Os filhos não querem tomar conta dos pais ou não têm hipótese de cuidar e põe-nos num lar. Há filhos que vão lá vê-los e há outros que nunca mais lá vão ver”.

“Há vários. Há familiares que não podem estar com o utente porque trabalham, há utentes que não têm mesmo família, e há os que vão por vontade própria, que querem ir por vontade própria, isto é o que eu acho”.

“Os familiares não terão tempo disponível para os tratar e ... cuidar”.

“Porque não têm quem cuide delas, que os filhos andam a trabalhar e pronto, não conseguem zelá-los em casa e põe-nos lá para estarem cuidados”.

“Olha, quando começam a ter imobilidade, problemas de saúde que precisam de assistência permanente, até sobre a alimentação, cuidados de higiene ... e carinho”.

“Ah, por vezes talvez por falta de assistência familiar, penso eu. E é difícil uma pessoa sozinha ou com outra pessoa ... cuidarmos de nós. Nós aqui em casa ainda podemos, podemos movimentarmo-nos, mas quem não pode como é que é? A higiene e tudo isso, é muito complicado”.

“A minha sogra foi para não estar sozinho e a minha vizinha foi por ter partido uma perna. (...) Há mais, os filhos não podem cuidar dos pais, não têm tempo para isso. Tudo trabalha, tudo tem os seus horários e vemos que agora está tudo a correr muito depressa e as pessoas não têm tempo”.

“Em muitos casos é os familiares que não conseguem tomar conta deles, é a maioria dos casos, porque secalhar por opção própria as pessoas não iam”.

“... para não se sentirem tão isolados em casa”.

“Vários, por exemplo começarem-se a sentir em casa um peso para a família, deixarem de andar ou começarem a ter problemas. Exatamente, quando precisam de cuidados e apoio”.

#### 5.1. Para cada um desses motivos, qual a sua opinião?

“Eu acho que é a decisão mais acertada porque os filhos não podem e é a maneira de nós estarmos melhor até ao fim da nossa vida e dos nossos dias ... porque depois nós vamos sempre caindo, não vamos melhorar nada”.

“Sim, acho que sim, é muito válido”.

“Eu acho que sim, para termos ... mais assistência. Só é pena é que nem toda a gente possa”.

“É assim, se a pessoa precisar de ir, é melhor do que estar sozinha, mas se tiver por exemplo a família, quem tiver, também acho que seja bom, agora quem não tiver família e que possa ir para um lar, muito bem, tem companhia, tem zelo, tem tudo”.

“É, se os filhos conseguissem cuidar dos pais não os punham no lar”.

“Eu acho que sim, porque nestes motivos ninguém está a ser obrigado”.

“Sim, a maior parte é por isso”.

“Sim, eu acho que sim, que é bom”.

“Exatamente. Há pessoas que estão sós, não têm apoio, não tem carinho e zelo como deve ser, deve ser muito triste. Embora conheça que há muita gente que não gostaria de ir para lá. Mas há circunstâncias que os obrigam a aceitar ir para lá. Eu acho que é bom porque é uma qualidade de vida diferente. Só é pena que haja casos como tem acontecido em alguns lares que as coisas não correm muito bem, isso é que eu acho muito mal, os idosos irem para lá e não serem bem tratados, dignamente”.

“Sim, acho. Há muitos que não têm companhia e não podem, não têm nada. Aquele ali eu achei muito agradável porque ali é uma família. Só isso já vale”.

“Justificam sim, e quando são bem tratados não há nada melhor”.

“Então sim, é ... Não se podem abandonar os mais velhos”.

“Então pois, é um princípio, é um bom motivo. Então se os filhos trabalham, é como pôr os filhos na creche”.

“Sim, eu acho que as pessoas estão muito melhor num lar, estão mais acompanhadas”.

#### 6. Considera que deveriam existir mais lares?

“Sim, deviam de haver e com melhores condições para nós não ouvirmos o que estamos sempre a deparar com certas situações que aparecem na televisão, que é um dor de alma e é de lamentar um velhinho ter trabalhado, lutado e ter chegado ao fim da vida com as condições que nós muitas das vezes nos deparamos, isso é que é triste”.

“Não sei se há muitos se há poucos, mas secalhar acho que há poucos, até há muitos que nem são lares. Há lares que nem haviam de existir, tratam mal as pessoas”.

“Sim, porque eu sei que ... pelo menos ouço falar, que há pessoas que estão meses há espera de vaga para poderem entrar num lar, portanto se isso acontece é porque há falta de lares, embora nós quando estamos assim, ainda como eu, não é o caso de não se preocuparmos com isso, mas não ligamos tanto a isso, a gente às vezes esquece-se desses assuntos”.

“Ai acho que sim, há muito poucos ... Mas lares de qualidade”.

“Sim”.

“Acho que deveriam de haver”.

“Eu acho que sim, porque segundo o que nós ouvimos há muita procura de lares e pouca oferta”.

“SIM. Mas um sim bem grande”.

“Ajuda-me que eu não sei, sei que há muitos mas não sei se é melhor haver mais ou não, porque há alguns que estão a fechar não é? Por falta de cuidados”.

“Acho que sim, acho porque há lares que têm lista de espera e às vezes as pessoas precisam e não têm vaga”.

“Eu não conheço muito bem mas acho que em muitos lados são poucos. Havendo muitos e bons é sempre interessante”.

“Sim. Porque as pessoas estão a durar mais anos, a população está a durar mais anos e ao durar mais anos precisamos de muito apoio”.

“Sim, mas em condições. Há muitos que não têm”.

“Posso te responder de duas formas, há os privados e os públicos. O que eu noto é que os privados estão a fazer o trabalho dos públicos, o público não está a dar condições às necessidades do nosso povo, ora recorremos aos privados, onde não temos meios para os suportar”.

“Penso que sim, haviam de haver o que fosse, pronto, o que chegasse para toda a gente. Andam pessoas por aí às vezes à procura e não encontram”.

#### 7. Quais as vantagens de ir para um lar?

“Eu acho que é, como nós não nos podemos cuidar precisamos de ser bem tratados, termos higiene, alimentação e também trabalharem um bocadinho connosco, estarmos ativos e fazermos qualquer coisa no lar, porque os lares não são depósitos de velhinhos. Não é depósito, não vão para o lar como se fossem desprezados, não é isso”.

“Acho uma coisa boa, lá estão mais estimados, têm comida à hora certa, mas também há pessoas que vão contrariados e morrem mais depressa, eu conheço alguns. Mas lá têm mais cuidados, os filhos deixam os pais sozinhos em casa e lá têm outra assistência pronto”.

“De momento não estou a ser capaz de me exprimir logo na primeira, mas é estarmos acompanhados 24h por dia, porque há pessoas que necessitam disso, não é?”.

“É como eu estava a dizer, é um sair da solidão também, é o ser bem tratado, portanto haver uma supervisão mesmo a nível de tomada de medicamentos, de saúde, portanto da própria saúde,... e também manter esses lares de qualidade e manter a ocupação das pessoas para elas não se sentirem, quer dizer, não se sentarem à espera que venha a morte porque há muitos lares que me impressiona. Já visitei e parece que as pessoas estão assim mas agora não, já começa a haver lares, aliás, acho que isto devia ser extensível a toda a gente”.

“É como eu disse, em zelo, companhia, ... de noite e de dia estarem ..., e passeios e mais, como e que hei-de dizer... não estão tão sozinhos, não estão tão sós. Menos Solidão, ISSO, isso tudo”.

“As vantagens de ir para um lar é ... para os filhos estarem mais à vontade, não estarem a tomar conta dos pais (...) Há, sou mais zelado no lar do que em casa, tenho mais condições, além de se estar a pagar balúrdios, mas há mais condições do que estar em casa”.

“As vantagens de ir para um lar, além das que já disse, eu acho que pronto, é bom, têm um final de vida com mais assistência, têm um final de vida melhor”.

“Acho que são mais bem cuidados do que em casa dos familiares. Têm mais condições”.

“Então as vantagens é ter ali companhia e quem olhe por elas e que cuide delas, que as tratem bem. Se as tratarem bem, não pode haver melhor”.

“Olha, o acompanhamento, carinho, a alimentação, os cuidados de higiene, ... só coisas boas, o apoio contínuo não é? Porque é dia e noite”.

“... depende. Pela assistência talvez, para não estar sozinho também. É porque, pronto ... e depois todo o acompanhamento é também a assistência não é?”.

“Olha, porque têm sempre vigilantes de noite e de dia, nunca estão sozinhos que eu sei que há pessoas que vão de noite ver como é que eles estão, e é uma mais valia para eles, estão num sossego onde tudo aparece feito”.

“Então as vantagens é o estar bem cuidado, bem medicado, é em todos os aspetos. Pelo menos os lares que eu conheço, têm médicos, enfermeiros, têm tudo”.

“É não se estar isolado”.

“Eu acho que para as pessoas são muitas. Exemplos? O que hei-de dizer ... as coisas boas é as pessoas conviverem umas com as outras, estarem acompanhadas, têm entretenimento, têm ginástica por vezes, jogos de cartas e outras coisas do género. Claro, e tudo isso faz a diferença, ajuda a passar o tempo, as pessoas sentem-se bem”.

8. Quais as desvantagens de ir para um lar?

“As desvantagens é acharmos que estamos no fim, na nossa reta final e que não há outra opção, que é a realidade ... Porque eu acho que ninguém gosta de sair da sua casa, mas a realidade é aquela que eu te disse anteriormente”.

“Eu para mim, ... se eles não querem ir para lá e não vão de vontade, para as pessoas é uma coisa muito custosa, até vão embora mais depressa, morrem mais depressa. Conheço alguns casos assim, ali perto foi para lá uma pessoa e passado uns dias morreu logo”.

“Não”.

“Às vezes as pessoas vão para os lares e as famílias, se não continuarem a ter um bom apoio da família, as pessoas também sofrem um pouco. Embora estejam acompanhadas, sentem falta dos familiares. Acho que é a grande desvantagem, é essa. Uma outra desvantagem que pode haver, pronto que eu um dia talvez, se eu for ter a um lar, gostava de ter o meu quarto individual, a privacidade assusta-me um bocadinho mas há lares que asseguram isso. A privacidade das pessoas não é? Portanto, um dia eu procurarei um lar que me garanta isso”.

“Ah, as desvantagens que eu acho para mim não existe, o que existe é ... há pessoas que não tem possibilidades de ir para lá”.

“É os filhos não quererem tomar conta dos pais, é uma das principais coisas, os filhos herdaram aquilo que eles tinham e depois põe-nos no lar”.

“Acho que as desvantagens ... eu não vejo nenhuma, só se for para aqueles que às vezes não querem ir, mas eu acho que, depois com o hábito, eles até gostam”.

“A desvantagem será o numerário”.

“Também há. É algumas que estão a trabalhar a cuidar delas, que não fazem o que devem fazer e tratam-nas mal ainda, por vezes em alguns lares”.

“As desvantagens só se for naqueles lares que não funcionem bem. Portanto os lares têm de ter capacidade para zelar pelos idosos e dar-lhe carinho como eles necessitem, embora alguns sejam difíceis Porque há idosos que são muito complicados. Quando os idosos vão para um lar, pelo menos não sendo conhecidos aqui da zona, eu acho que primeiro tem que se estudar a maneira de ser do idoso, conhecer como ele viveu, as maneiras de ser dele, o que é que ele viveu de bom, viveu de mau, o que ele aceita melhor (...)”.

“Eu não sei bem, porque eu ainda não paguei para nenhum, mas creio eu que os preços podem ser elevados para aquilo que as pessoas ganham ou recebem das pequenas reformas. É isso o inconveniente que eu vejo para muitas pessoas. As pessoas secalhar não frequentam mais pelo facto de os lares serem tão caros”.

“Nos lares não conheço desvantagem nenhuma”.

“As desvantagens é só porque muitos não gostam de lá estar. É o que eu acho, muitos não gostam”.

“Se o lar oferecer as condições que promete não. Nós ouvimos as duas versões da realidade e nenhum caso é igual”.

“As desvantagens podem acontecer se as pessoas no lar não tomarem conta dos idosos, o resto penso que só vantagens”.

9. Considera que os meios de comunicação influenciam o que acha dos lares?

“Sim servem mas apesar de eu achar que não são todos a mesma coisa, nem todos do mesmo saco, até porque eu acabei de te dizer bem de um lar onde eu passei com a minha mãe e porque achei que faltavam coisas, deviam ter mais atividades, mas não há pessoal e pronto, estava tudo bem, apesar de achar que deveriam de haver outras dinâmicas, mas nem sempre é possível”.

“Eu acho que sim por aquilo que a gente às vezes vê ...As notícias dizem tanta coisa que às vezes nem sabemos no que acreditar. Temos de acreditar naquilo que a gente vê”.

“Eu acho que sim também, não sei, às vezes há informação duvidosa mas...”.

“Ai sim sim, mas o triste é a comunicação social transmitir só as más experiências dos lares. Deveriam também fazer reportagens sobre boas experiências dos lares. geralmente são lares particulares, em habitações particulares. Esta última que eu ouvi no telejornal, estavam a maltratar as pessoas de uma forma horrível, quase que estavam subnutridas. Foi a última notícia que eu vi que me impressionou muito”.

“Algumas, sim. Alguns em mau estado sim, não é como aqueles que conheço, que são um espetáculo. (...) Sim, lembro, Só não me recordo do nome, mas uma senhora que até formigas tinha, isso fez-me um bocado de confusão. Não foi aqui perto”.

“Epa não, porque ... o que passa na comunicação é só a dizer mal dos lares e a tratar mal dos idosos, por isso se estão a tratar mal os idosos não é bom para os velhos. Mas influencia, muito”.

“Eu acho que sim, mas como eu trabalhei num lar eu não preciso muito da influência da comunicação não é, acho eu. Agora que influencia, há pessoas que influencia, há pessoas que não conhecem (...) ... negativa, aquela que passou na televisão que deixaram a senhora cheia de formigas, até foi recente”.

“Umás vezes sim, outras vezes não ... como é que hei-de dizer ... Há notícias boas e outras vezes má”.

“Sim, quer dizer já se sabe que sim, a gente pensa nisso. (...) Então quando os idosos são maltratados na cama e isso assim. Quando não são tratados como deve de ser”.

“Nem sempre. Depende da mentalidade das pessoas. Porque há pessoas que não aceitam o lar de maneira nenhuma, acabam secalhar por ter que lá ir ter não é? Mas ainda há aquela mentalidade “Eu não quero! Eu não quero!” e ainda há isso, mas acho que já está um pouco mais mentalizada a população”.

“... não sei. Eles podiam secalhar falar mais, não sei se têm razão para isso. Os que falam muitas vezes até dizem bem mas há um ou outro que dizem mal e é aí que há muita coisa a vigiar por esses lares, postos de um dia para o outro sem qualquer segurança e sem vigia. Porque isso é o que eu acho pior e qualquer um de nós pode cair, porque às vezes não é a pessoa que vai pedir para ir para um tal sítio, é a família que os envia por ser mais barato, não vale a pena esconder. Os lares que são organizados, que têm acompanhamento, eu acho que são bons”.

“Eu acho que há muita coisa de pessoas que não são assim tão boas e fazem coisas a difamar certos sítios, para mim é isso. Eu acho que as críticas que fazem, algumas não têm muito sentido”.

“Nuns aspetos sim, noutros não. (...) Ah, de vez em quando ... vê-se que fecham por falta de condições. Vê-se coisas horríveis e uma vez passou que até estavam cheias de formigas”.

“Não, as notícias não são corretas perante os lares. Porque muitas vezes quando vêm já vêm muito tarde, só vêm quando há queixas ... queixas e mais queixas. Mas isto é só a minha opinião”.

“Não, de maneira nenhuma. Às vezes passam-se casos aqui e acolá mas sei que não têm de pagar todos pela mesma coisa, não é? (...) Não, houve um caso que nem me lembro bem onde é que foi ... sei que houve para lá uns problemazinhos mas não sei o que é que foi, segui isso e ouvi mas não me recordo. Eu estou ligado à associação aqui da terra, embora não esteja na intervenção direta lá, eu vou lá muita vez”.

#### 10. Alguma vez pensou na possibilidade de ir para um lar?

“Sim, eu acho que no fim da minha vida, se eu não tiver condições para estar na minha casa, as minhas filhas não vão ter tempo para mim. Não podem deixar a vida delas, a delas é para continuar e a minha já está feita, e então eu acho que vou para um lar como todas as outras pessoas, é a realidade da vida, pelo menos desde que eu, bem eu não vou ter reforma para pagar esse lar, que é um problema que todos os filhos têm. As reformas não dão para pagar um lar, os médios, onde a minha mãe estava pelo menos são 1200 euros, se for um lar melhor vai para os 1500 ou 1600, com a reforma que eu vou ter, que ainda não sou reformada, devo ter uns 400 euros ou assim, nunca mais vou ter reforma para pagar um lar quando chegar à minha vez, têm de ser as minhas filhas a pagar, e tem de se ver as condições que elas têm, têm a rendas de casa e todas as despesas, e consoante haja um ordenado melhor também as despesas acompanham esses ordenados, é a realidade. E não se sabe até que ponto os filhos têm condições para nos pôr num lar melhor, e é preciso arranjar que, mesmo que seja mais económico, é preciso vaga. Mas eu vejo o fim da minha vida num lar como eu acho que todas as pessoas devem começar a pensar nessa realidade”.

“Não, para mim não é, nem penses nisso, deixa-me ficar aqui no meu buraquinho. Deixem-me estar aqui no meu buraquinho”.

“Sim. Sempre disse às minhas filhas quando, se eu não tiver cabeça, que há pessoas que eles próprios querem mas há outros que já não têm capacidade para isso, e que se me virem nessa situação, que me ponham lá”.

“Ai sim, e provavelmente irei, só tenho uma filha e acho que quando ela tiver na vida ativa não vou, depende também da minha situação e do meu marido, que nós já falamos quando for, vamos os dois, não nos vamos separar. Porque também às vezes uma desvantagem dos lares é separarem os casais. Eu não quero, de modo nenhum e já falámos nisso, separar-me do meu marido”.

“É assim, por enquanto ainda não, mas o futuro o dirá, não sei”.

“Eu nem quero ir para lá”.

“Secalhar ainda não mas eu acho que, um dia, se eu estiver a dar trabalho, eu não me importo em ir para um lar porque eu acho que se a minha filha não puder cuidar de mim, eu acho que, se ela me puder por num lar não é, eu acho que é bom. Se puder evitar de não ir, isto é a minha opinião, e foi sempre o que eu disse, eu digo à minha filha muita vez se eu puder estar em casa que tenha o meu juizinho e que esteja bem, ela que me deixe estar, se eu já não puder estar sozinha que precise de uma companhia diária aí sim, eu acho que é preferível”.

“Sim”.

“Nunca pensei. Porque primeiro penso que não tenho dinheiro para ir para um lar mas se for não me importo, se tiverem que me pôr não me importo mesmo. Só tenho uma preocupação que é com a minha filha, mais nada, esse é sempre o pensamento”.

“Ah eu quando, idade já tenho, mas se me vir imobilizado, com muitas dificuldades, não me importo nada de ir. Porque facilito a família e para mim também acho que é, acho que tenho mais facilidade de viver”.

“Tenho pensado algumas vezes, ainda não cheguei à altura, penso eu, mas já pensei. Em último caso, por exemplo, se um dia estiver sozinho, o meu filho está na Suíça, poderei estar aqui em casa um tempo com uma pessoa que me assista, ou que me faça limpeza, mas é difícil. Nós aqui estamos bem e perto do hospital, mas não é fácil”.

“Sim, eu acho que depois de certa idade precisamos de companhia, os nossos filhos vão trabalhar e nós ficamos em casa sozinhos? A ver uma televisão?”.

“Ai sim, sim. Se eu precisar vai ser o meu futuro”.

“Não te vou dizer que sim nem que não, enquanto estiver capaz não sei, por agora não”.

“Sim”.

#### 10.1. Porquê?

“Sim, eu acho que a nossa casa é a nossa casa, o problema é se começamos a dar muito trabalho e elas (filhas) não podem, aí é que está. Não vem a mãe, vêm as netas”.

“Sim para a minha filha é um grande peso estar a sobrecarregar a minha filha para tomar conta dos pais”.

“Se eu ando a sacrificar-me para criar os meus filhos eles deviam ter em atenção que eu passei fome mais a mãe para os criar, por isso para a minha velhice eles também deviam cuidar de mim”.

“Porque os meus não terão disponibilidade de tempo”.

“Porque se tiver problemas de saúde e assim que começar a não conseguir andar é evidente que também procurarei, porque quero passar uns bocados, não quero estar sozinho em casa”.

#### 11. E tem algum receio em relação a essa possibilidade?

“Eu acho que vou aceitar bem porque ... eu acho que vou estar na minha casa até eu conseguir mexer-me e orientar, mas chegará o ponto em que vou ter de ir, desde que seja bem cuidada e que me tratem bem, porque o tratar bem não é só darem-me comer “tens aqui comer então come”, é todo o resto. Mas também muitos velhinhos estão em casa porque os filhos não têm condições de os ter em lar e só asseguram a alimentação, não é o suficiente, o velhinho está horas sozinho e quando lá chegar pode ter acontecido alguma coisa”.

“NADA”.

“É isso, eu irei procurar um que tenha as condições que eu acho que pelo menos corresponda aquilo que desejo não é? Porque agora há lares que eu acho muito interessantes, é tipo mini apartamentos onde há assistência. E no estrangeiro vê-se mesmo pequenas habitações que são um lar, e as pessoas convivem mas depois lá têm a sua privacidade”.

“Até ver, nunca tive receio nenhum se pensar nisso”.

“Ah não. É assim eu podia dizer-te que sim porque nós irmos para um lar não é a mesma coisa que irmos para um hospital ou outra instituição, estamos num lado qualquer e temos pessoas ESPETACULARES, temos outras que um dia secalhar até já não é igual ao de ontem, não estão tão meigas, tão carinhosas, porque a gente sabe, mas isso acontece em qualquer sítio e em qualquer instituição. Então é assim, quando nós temos o nosso juízo perfeito talvez seja a pior coisas que nós pensamos”.

“Não tenho receio nenhum. A questão é que algumas pessoas não aceitam a ideia, quando não estão bem da cabeça ou podem ter alzheimer e não aceitam, pensam que o que se faz é por mal”.

“Não, não tenho receio porque se eu vir que alguém me trata lá mal eu digo ((risos)) se tiver capacidade para isso”.

“Sim porque eu acho que os lares deviam ser mais vigiados, por assistentes sociais, por pessoas, enfim ligadas aos hospitais ou serviços de saúde, penso eu, não sei. Não assisto aos serviços interiores, mas penso que poderia alguém ... de fora, inclusive o serviço passar de vez em quando, é o que eu penso para vários serviços”.

“NÃO”.

“Não. Uma pessoa quando chega assim ... pelo menos com demência, tanto está num lado como no outro, estar em casa ou ali é igual”.

“Não. Acho que hoje, se as pessoas tiverem a cabeça a funcionar, acho que é a coisa mais natural. Quem é que hoje consegue ter um pai em casa? É muito difícil, e complicado, a vida hoje passa, nós andamos sempre a correr. É complicado, quem é que pode ter um pai em casa a tempo inteiro? Só se o tiverem fechado horas seguidas sozinho e contra isso é que eu sou”.

#### 12. Em caso negativo, se um dia vier a precisar de cuidados, onde e por quem desejaria recebê-los?

“Os nossos, se os nossos não poderem que peçam ajuda. Aqui vêm as pessoas ali do lar, vem a casa cuidar das pessoas. Vêm trazer o comer e pronto, se precisarem de alguma coisa, limpeza ou assim também”.

“Ah, se tiver companhia não me importava de ficar em casa, mas para estar sozinha estava bem num lar, com cuidados, comida, companhia. Portanto, se não pudesse ser os filhos, que eles tivessem possibilidades de ter alguém que me assistisse de noite e de dia. Por exemplo, em conjunto com a minha reforma se eu tivesse possibilidades não me importava que os meus filhos pagassem aqui em casa, com companhia de noite e de dia, se fosse sozinha preferia ir para um lar”.

“Em casa. Pelos meus filhos ou eles a pagarem a alguém que pudesse cá vir. Também podem estar a pagar a alguém para cá vir se eles não puderem vir, para tomarem conta de nós”.

“É assim, o que eu já falei é, se eu puder estar em casa que venha o apoio, e depois se não puder estar em casa sim, ir para um lar”.

“Olha, quem não me fizesse mal. (...) Não sei, secalhar em casa, em princípio em casa, mas pronto, não posso só contar com a minha filha. (...) Se for preciso, deus queira que não seja, mas se for preciso que venha cá alguém que possa”.

“Pois, quero ver se fico em minha casa mas em último caso tentarei um lar. Uma pessoa ... eu sei lá ... há uma pessoa que nós gostamos dela mas ela nem está preparada, nem pode nem quer tomar conta de uma pessoa, porque é preciso dar-lhe assistência, é preciso higiene, tudo isso. Depois se verá não é? ((pergunta direcionada à esposa)). Se eu tivesse capacidade para tomar banho, para fazer a minha atividade isso ia estando aqui em casa, penso eu, agora só uma pessoa sozinha, se esbarra, é complicado. E também há pouca gente que esteja preparado para ficar assim a tomar conta, é por isso que os lares é uma salvação, em caso de haver outros não é?”.

“É uma boa pergunta, não sei dar essa resposta. É como ir para uma creche, onde é que elas estão?”.

#### 13. Em caso positivo, o que espera quando pensa em ir para o lar?

“Espero ser bem tratada e que cuidem de mim, essencialmente que me cuidem de mim no fim da minha vida. Acho que todo o velhinho merece ser cuidado e estimado e acarinhado. Não é só darem-me comer, é terem-me limpinha e estimada, não é deixarem-me com xixi”.

“Se me fizerem o necessário, não é, não se vai exigir daquilo que ... mas se me fizerem o necessário, para mim já estou bem, sempre vivi assim”.

“Continuar a ter um pouco de independência apesar de me prestarem os serviços que eu necessito, eu necessito ter sempre à noite, por exemplo ir para o meu cantinho, para o meu espaço, é isso que eu irei procurar um dia”.

“Como por exemplo? Eu espero ser bem tratada, como há lares que ouço falar que são tao bons e vejo certas coisas que eu também já assisti, muito bom. Agora para ser maltratada, acho que cada vez... penso que sim que já há lares muito bons”.

“Espero aquilo que eu sempre fiz aos outros. Ser bem tratada, que me tratem bem e que cuidem de mim como eu cuidei dos outros. Se me fizerem a mim aquilo que eu fiz aos outros fico muito feliz”.

“Espero, como é que hei-de dizer ... espero ser tratado dentro do normal e do necessário”.

“Olha, boas pessoas, que cuidem de mim, e que as coisas corressem bem. O mal às vezes é as pessoas não conseguirem se portarem bem e depois as pessoas cansam-se”.

“Se tiver de ir para um lar, é porque preciso já de apoio ... higiene e outros cuidados ... e espero ser bem recebido e que seja cuidado com carinho e com um bocado de amor também”.

“O que espero receber? Por exemplo, o mais assistência possível, secalhar um bocadinho de carinho e amizade, não é? Mas é claro, aquilo que nós vemos quando lá vamos aparentemente é tudo mais ou menos agradável, por isso é que eu digo, se houvesse pessoas que frequentassem, não tomando partindo e que aparecessem inesperadamente, acho que era muito bom”.

“Não sei, espero ter qualidade de vida mais anos. Ir para um lar deve ser uma necessidade quando eu já não puder, ou a minha cabeça já não funcionar. Eu já estive acamada uma vez por uma fratura que fiz na anca e não era operável e sei dar valor ao que é precisar de cuidados, estive um mês a olhar para o teto”.

“Pelo menos ser bem cuidada, é o mínimo que uma pessoa pode esperar”.

“É que cuidem de mim, com amor e carinho, mais nada”.

#### 14. O que é para si um lar “ideal”?

“O lar ideal é onde todos os velinhos se sentissem como se estivessem em casa, onde tivessem conforto no lar, tivessem atividades e ... principalmente carinho, que se sentissem acarinhados e bem recebidos, um bocado em sua casa”.

“Não te sei responder a isso, mas estimarem as pessoas. É preciso é que estimem as pessoas, os velhotes, e há muitos que não estimam”.

“Um lar ideal é um que nos deem um mínimo de condições porque ... também não temos um idoso, aliás nem só os idosos para lá vão, mas uma pessoa que esteja um bocado ... incapacitado”.

“Para mim um lar ideal, às vezes penso nisso, é um lar que ... como eu disse, pequenos apartamentos ou pequenas casinhas, é tipo viver em comunidade, vão lá prestar os serviços todos mas que haja atividades programadas, ... que vão de encontro aos gostos das pessoas, ou seja, jardinagem, costura, ou teatro, ginástica. Que haja oferta de atividades para as pessoas continuarem a desenvolver os seus hobbies”.

“É como o que esteve a minha madrinha. É um espetáculo, é novo, as raparigas são um espetáculo para as pessoas, há música, há brincadeira, conversa, animação, aquilo é uma festa”.

“Era um com preços mais baixos para todos lá poderem estar, não digo que levem muitos ordenados mas grande percentagem da população portuguesa não tem possibilidade de pagar aquilo que os lares cobram”.

“Um lar ideal é aquele onde qualquer idoso se sente bem, que está a sentir que está a ser acarinhado, bem tratado que se sente bem ali, é um lar ideal. Se a pessoa estiver bem, para mim, eu acho que, onde a pessoa se sinta bem é um lar ideal”.

“É funcionar dentro das normalidades, que cumpram com os seus direitos e deveres”.

“Para mim, mesmo que não seja espetacular, um lar qualquer para mim servia”.

“Se tiver de ir para um lar, é porque preciso já de apoio ... higiene e outros cuidados ... e espero ser bem recebido e que seja cuidado com carinho e com um bocado de amor também. Portanto, todos os lares que funcionem nesses sistema julgo que estão a funcionar como deve de ser, com pessoal também ah qualificado, com formação, verem como é que se cuida dos idosos, porque não é muito fácil lidar com idosos (...)”.

“Por exemplo os que eu conheço, aqui da zona são bons. Aqueles ali em baixo têm umas cozinhas, tipo estúdios, que eu acabo por ver que pode ser interessante. Pois, claro. Também pode ser um contra que às vezes quando estão dois ou três num quarto podem-se auxiliar mas eu secalhar era capaz de preferir, agora, estar sozinho, a descansar, a ler, quer dizer, são coisas depois a ver”.

“Um lar ideal é ter as condições que as pessoas precisam para viverem bem. Acredito que há muita gente que é difícil, porque não somos todos iguais e há muitas pessoas que podem estar bem e não estão contentes com nada, acontece, mas um lar eu acho que é indicado para a qualidade de vida”.

“Um lar ideal, então principalmente onde cuidem bem, e é a base fundamental de um lar. Não ser maltratada”.

“O lar ideal é nós sabermos-nos movimentar e nem todos estão à altura disso. Isto é a minha opinião, enquanto cá estivermos a fazer a nossa vidinha tudo bem, quando deixarmos de fazer não é viver, o que é que estamos cá a fazer? Isso não é viver”.

“Olha, neste momento, enquanto eu puder andar, se tiver que ir para um lar gostava de fazer como se faz aqui na terra, passar o dia e vir dormir à minha casa, no dia em que eu tiver problemas e deixar de andar aí terá de ser de outra maneira”.

## Apêndice D- Transcrição das Entrevistas

### **Entrevista 1**

**Local:** Domicílio

**Duração:** 11min 49s

**Data:** 26 de março de 2024

---

**Idade:** 65

**Sexo:** Feminino

**Estado Civil:** Viúva

**Habilitações Literárias:** 2º ano (equivalente ao 6º ano)

**Profissão:** Desempregada- Doméstica

**Entrevistadora:** **Alguma vez esteve num lar? Por exemplo a visitar alguém?**

**Entrevistada:** sim, eu tive a minha mãe num lar.

**Entrevistadora:** **e como é que foi essa experiência? Considerando que tem lá a sua mãe e que a visita e conhece a instituição?**

**Entrevistada:** pronto ... eu acho que a minha mãe foi bem tratada e tratavam-na muito bem, só que muitas vezes os lares também não têm atividades suficientes para os velhinhos, muitas vezes estão ali sentados e...a televisão às vezes até está alta e eles não percebem nada do que se está a passar. Deveria de haver mais diálogo e mais brincadeira com eles, eu talvez entenda que os lares também não tenham pessoal suficiente para isso. De resto, achei que eram bem tratados, têm um médico, têm uma enfermeira, às vezes têm animadora, às vezes nem sempre... É isto, é a realidade dos lares, que eu acho que muitos não podem, não conseguem dar mais atenção é a realidade, agora enquanto a minha mãe esteve num lar eu achei que ela foi bem cuidada, chegava lá a caminha estava sempre limpinha, ela estava sempre limpinha e bem cuidada, pele com creme, sem peles secas ... as empregadas eram meigas e atenciosas, para os utentes e familiares. Acho que ela foi bem cuidada, talvez precisassem de mais coisas no lar.

**Entrevistadora:** **acabou por responder um bocadinho à próxima pergunta, que é o que pensa sobre os lares, deixou implícito o que considera.**

**Entrevistada:** sim, eu fiquei satisfeita não é? Apesar de eu achar que há lares que não são assim como o que a minha mãe esteve, e também há melhores.

**Entrevistadora:** **o que é que acha que leva a que as pessoas vão para os lares?**

**Entrevistada:** chega a uma determinada altura da nossa vida e nós não podemos estar sozinhos, essa é a realidade. Quem consegue chegar aos 80 e poucos anos e que ainda está ativa a fazer um bocadinho a sua vida, com a cabecinha bem orientada, apesar das perninhas não ajudarem muito, ainda conseguem estar em casa com o apoio dos filhos ou assim. Quem não consegue porque a saúde lhe começou a faltar os filhos não têm condições para nos ter, então a única hipótese é o lar. Mas o lar é mesmo para isso, para as pessoas, desde que estejam lá cuidadas, bem tratadas, o lar não é um depósito de velhinhos. É uma continuação até chegarem ao fim da vida.

**Entrevistadora:** **portanto, o principal motivo que me dá é a saúde?**

**Entrevistada:** sim, muitas vezes é a falta de saúde não é, e os filhos não poderem cuidar deles.

**Entrevistadora:** **Qual é a sua opinião acerca da ida para o lar por falta de saúde? Considera ser uma decisão acertada?**

**Entrevistada:** eu acho que é a decisão mais acertada porque os filhos não podem e é a maneira de nós estarmos melhor até ao fim da nossa vida e dos nossos dias ... porque depois nós vamos sempre caindo, não vamos melhorar nada.

**Entrevistadora: considera que, a nível nacional, em Portugal, deveriam de haver mais lares?**

**Entrevistada:** sim, deviam de haver e com melhores condições para nós não ouvirmos o que estamos sempre a deparar com certas situações que aparecem na televisão, que é um dor de alma e é de lamentar um velhinho ter trabalhado, lutado e ter chegado ao fim da vida com as condições que nós muitas das vezes nos deparamos, isso é que é triste.

**Entrevistadora: quais é que identifica como as vantagens de ir para um lar?**

**Entrevistada:** eu acho que é, como nós não nos podemos cuidar precisamos de ser bem tratados, termos higiene, alimentação e também trabalharem um bocadinho connosco, estarmos ativos e fazermos qualquer coisa no lar, porque os lares não são depósitos de velhinhos. Não é depósito, não vão para o lar como se fossem desprezados, não é isso.

((pausa para beber água))

**Entrevistadora: Considerando as vantagens, quais as desvantagens de ir para um lar?**

**Entrevistada:** as desvantagens é acharmos que estamos no fim, na nossa reta final e que não há outra opção, que é a realidade ... Porque eu acho que ninguém gosta de sair da sua casa, mas a realidade é aquela que eu te disse anteriormente.

**Entrevistadora: achas que os meios de comunicação, os jornais, radio, televisão, tudo isso, influenciam a sua opinião acerca dos lares?**

**Entrevistada:** sim servem mas apesar de eu achar que não são todos a mesma coisa, nem todos do mesmo saco, até porque eu acabei de te dizer bem de um lar onde eu passei com a minha mãe e porque achei que faltavam coisas, deviam ter mais atividades, mas não há pessoal e pronto, estava tudo bem, apesar de achar que deveriam de haver outras dinâmicas, mas nem sempre é possível.

**Entrevistadora: na sua possibilidade, alguma vez pensou em ir para um lar?**

**Entrevistada:** sim, eu acho que no fim da minha vida, se eu não tiver condições para estar na minha casa, as minhas filhas não vão ter tempo para mim. Não podem deixar a vida delas, a delas é para continuar e a minha já está feita, e então eu acho que vou para um lar como todas as outras pessoas, é a realidade da vida, pelo menos desde que eu, bem eu não vou ter reforma para pagar esse lar, que é um problema que todos os filhos têm. As reformas não dão para pagar um lar, os médios, onde a minha mãe estava pelo menos são 1200 euros, se for um lar melhor vai para os 1500 ou 1600, com a reforma que eu vou ter, que ainda não sou reformada, devo ter uns 400 euros ou assim, nunca mais vou ter reforma para pagar um lar quando chegar à minha vez, têm de ser as minhas filhas a pagar, e tem de se ver as condições que elas têm, têm a rendas de casa e todas as despesas, e consoante haja um ordenado melhor também as despesas acompanham esses ordenados, é a realidade. E não se sabe até que ponto os filhos têm condições para nos pôr num lar melhor, e é preciso arranjar que, mesmo que seja mais económico, é preciso vaga. Mas eu vejo o fim da minha vida num lar como eu acho que todas as pessoas devem começar a pensar nessa realidade.

**Entrevistadora: em relação à ida para o lar, tem algum receio para com essa possibilidade? Ou aceita bem essa ideia?**

**Entrevistada:** eu acho que vou aceitar bem porque ... eu acho que vou estar na minha casa até eu conseguir mexer-me e orientar, mas chegará o ponto em que vou ter de ir, desde que seja bem cuidada e que me tratem bem, porque o tratar bem não é só darem-me comer “tens aqui comer então come”, é todo o resto.

**Entrevistadora: Sim, tem de ser, é dar comer, é tratar, são vários cuidado.**

**Entrevistada:** Mas também muitos velhinhos estão em casa porque os filhos não têm condições de os ter em lar e só asseguram a alimentação, não é o suficiente, o velhinho está horas sozinho e quando lá chegar pode ter acontecido alguma coisa.

**Entrevistadora:** sim claro, e olha-se para as necessidades físicas e estão satisfeitas, mas não é só isso que conta.

**Entrevistada:** Sim, é tudo.

**Entrevistadora:** considerando que pondera ir para o lar saltamos uma pergunta, segue-se o que espera uma vez que considera ir para um lar?

**Entrevistada:** espero ser bem tratada e que cuidem de mim, essencialmente que me cuidem de mim no fim da minha vida. Acho que todo o velho merece ser cuidado e estimado e acarinhado. Não é só darem-me comer, é terem-me limpinha e estimada, não é deixarem-me com xixi.

**Entrevistadora:** última pergunta, o que seria um lar ideal?

**Entrevistada:** O lar ideal é onde todos os velhos se sentissem como se estivessem em casa, onde tivessem conforto no lar, tivessem atividades e ... principalmente carinho, que se sentissem acarinhados e bem recebidos, um bocado em sua casa.

**Entrevistadora:** obrigada

## **Entrevista 2**

**Local:** Domicílio do entrevistado

**Duração:** 08 min 10 s

**Data:** 29 de março de 2024

---

**Idade:** 85

**Sexo:** Masculino

**Estado Civil:** Casado

**Habilitações Literárias:** 4º Classe

**Profissão:** Reformado (empregado fabril / alfaiate)

**Entrevistadora: Alguma vez estive num lar? Por exemplo a visitar alguém**

**Entrevistados:** sim, fui visitar vizinhos e amigos. E costumo ir ao lar aqui da terra entregar uma caixa de fruta. Tinha lá uma vizinha e eu gostei de a ver lá, gostei de ver aquilo acho que estimam as pessoa, vi muito asseio e ela da maneira que estava, estava muito estimada. Estava muito estimada, depois fomos lá à sala onde estavam todos e achei aquilo muito bom, muito bom mesmo, eu gostei de lá ir ver.

**Entrevistadora: é sempre bom irmos e vermos os nossos bem e ver que estão bem.**

**Entrevistada:** eu gostei de ver, cada qual no seu sofá, estavam ali todos a ver televisão, estava lá a senhora com eles a fazer ginástica. Eles ali tratam-nos muito bem.

**Entrevistadora: alguma vez teve algum familiar seu num lar?**

**Entrevistados:** não, nunca lá quis os meus pais, mas no tempo deles também não havia.

**Entrevistadora: o que pensa sobre os lares?**

**Entrevistados:** do que já vi, acho uma coisa boa para quem lá quiser estar e tiver dinheiro para pagar. Há muita gente que não tem possibilidade de ter os pais em casa.

**Entrevistadora: porque é que acha que as pessoa vão para o lar?**

**Entrevistados:** os filhos não podem ter os pais e os pais não querem sobrecarregar os filhos, e lá estão estimados.

**Entrevistadora: acha que é um motivo válido que justifica a ida para o lar?**

**Entrevistados:** sim, acho que sim, é muito válido

**Entrevistadora: em Portugal, acha que os lares são poucos, deviam de haver mais ou consideram suficientes?**

**Entrevistados:** não sei se há muitos se há poucos, mas secalhar acho que há poucos, até há muitos que nem são lares. Há lares que nem haviam de existir, tratam mal as pessoas.

**Entrevistadora: quais é que acha que são as vantagens de ir para o lar?**

**Entrevistados:** acho uma coisa boa, lá estão mais estimados, têm comida à hora certa, mas também há pessoas que vão contrariados e morrem mais depressa, eu conheço alguns. Mas lá têm mais cuidados, os filhos deixam os pais sozinhos em casa e lá têm outra assistência pronto.

**Entrevistadora: considerando as vantagens, quais acha que são as desvantagens de ir para o lar? Acha que há desvantagens ou é algo só com aspetos bom?**

**Entrevistados:** eu para mim, ... se eles não querem ir para lá e não vão de vontade, para as pessoas é uma coisa muito custosa, até vão embora mais depressa, morrem mais depressa. Conheço alguns casos assim, ali perto foi para lá uma pessoa e passado uns dias morreu logo.

**Entrevistadora:** sim, há casos em que acontece isso. Então e diga-me uma coisa, acha que os meios de comunicação, por exemplo aquilo que passa nas notícias, na rádio e nos jornais, as notícias que saem sobre os lares influenciam a opinião que as pessoas têm sobre os lares?

**Entrevistados:** eu acho que sim por aquilo que a gente às vezes vê ...As notícias dizem tanta coisa que às vezes nem sabemos no que acreditar. Temos de acreditar naquilo que a gente vê.

**Entrevistadora:** e possibilidades de ir para o lar, já pensou nisso, acha que é uma hipótese ou não?

**Entrevistados:** não, para mim não é, nem penses nisso, deixa-me ficar aqui no meu buraquinho.

**Entrevistadora:** Não venho aqui para levar para lado nenhum, não fique com medo que só venho ouvir a vossa opinião

**Entrevistados:** deixem-me estar aqui no meu buraquinho.

**Entrevistadora:** Qual é que é a razão, porque há muita gente que pensa em ir e quer ir, e a sua opinião é sua, como também há muitas, que querem ficar no seu sítio, qual é a razão? É por ser a sua casa, por se sentir bem aqui?

**Entrevistados:** sim, eu acho que a nossa casa é a nossa casa, o problema é se começamos a dar muito trabalho e elas (filhas) não podem, aí é que está. Não vem a mãe, vêm as netas.

**Entrevistadora:** e a próxima questão é, as pessoas que pretendem ir para o lar, um dia, agora vocês estão bem e esperemos que esteja muito tempo mas um dia que precisem de cuidados e de mais apoio, onde e quem é que espera e gostava que vos prestasse esse apoio?

**Entrevistados:** os nossos, se os nossos não poderem que peçam ajuda. Aqui vêm as pessoas ali do lar, vem a casa cuidar das pessoas. Vêm trazer o comer e pronto, se precisarem de alguma coisa, limpeza ou assim também.

**Entrevistadora:** pronto, e aqui a última pergunta é, o que é que acha que, apesar daquilo que sabemos e ouvimos dizer, num mundo ideal o que é que seria o lar perfeito?

**Entrevistados:** Não te sei responder a isso, mas estimarem as pessoas. É preciso é que estimem as pessoas, os velhotes, e há muitos que não estimam.

**Entrevistadora:** pronto, é só isto. Muito obrigada.

### **Entrevista 3**

**Local:** Domicílio do entrevistado

**Duração:** 6 min e 11 s

**Data:** 02 de abril de 2024

---

**Idade:** 74

**Sexo:** Masculino

**Estado Civil:** Casado

**Habilitações Literárias:** 4º Classe

**Profissão:** Reformados (era vidreiro)

**Entrevistadora:** ora então, a primeira pergunta, alguma vez esteve num lar?

**Entrevistado:** não

**Entrevistadora:** por exemplo a visitar alguém?

**Entrevistado:** sim já, já visitei, já participei em eventos

**Entrevistadora:** e alguma vez teve algum familiar num lar?

**Entrevistado:** não

**Entrevistadora:** o que é que pensa sobre os lares?

**Entrevistado:** a minha ideia sobre o lar é ... acho que é bom

**Entrevistadora:** sim

**Entrevistado:** principalmente para nós idosos que não temos por exemplo que estar ... a prejudicar a vida dos nossos filhos que eles trabalham e não sei quanto, acho que, havendo possibilidades, porque não? Não sou contra o lar porque acho que se fizeram para os idosos.

**Entrevistadora:** diga-me uma coisa, quais é que achas que são os motivos que levam que as pessoas vão para os lares? Ou seja, as pessoas vão para os lares porquê?

**Entrevistado:** para terem... melhor vida por exemplo, para não estarem na solidão ... que acontece a muitos.

**Entrevistadora:** sim. Na sua opinião, esses motivos de irem para o lar, porque procuram uma vida melhor, mais cuidados ou para não terem solidão, acha que são motivos válidos e que justificam essa ida?

**Entrevistado:** eu acho que sim, para termos ... mais assistência. Só é pena é que nem toda a gente possa.

**Entrevistadora:** então e na sua opinião considera que a nível nacional, em Portugal, deveriam de haver mais lares?

**Entrevistado:** sim, porque eu sei que ... pelo menos ouço falar, que há pessoas que estão meses há espera de vaga para poderem entrar num lar, portanto se isso acontece é porque há falta de lares, embora nós quando estamos assim, ainda como eu, não é o caso de não se preocuparmos com isso, mas não ligamos tanto a isso, a gente às vezes esquece-se desses assuntos.

**Entrevistadora:** pois, como ainda não precisam

**Entrevistado:** pois, claro, exatamente.

**Entrevistadora:** e quais é que são as vantagens que acha em ir para um lar? Ou seja, ir para um lar tem vantagens?

**Entrevistado:** sim

**Entrevistadora:** quais é que são essas vantagens?

**Entrevistado:** ... de momento não estou a ser capaz de me exprimir logo na primeira, mas é estarmos acompanhados 24h por dia, porque há pessoas que necessitam disso, não é?

**Entrevistadora:** claro. Então e agora considerando que estas são as vantagens, que desvantagens é que existem? Identifica alguma desvantagem de ir para o lar?

**Entrevistado:** não.

**Entrevistadora:** ou seja ir para o lar é uma coisa boa?

**Entrevistado:** eu acho que sim.

**Entrevistadora:** então e acha que os meios de comunicação, por exemplo que se ouve na rádio, na televisão, que vem no jornal, essas noticias influenciam aquilo que as pessoas pensam do lar?

**Entrevistado:** eu acho que sim também, não sei, às vezes há informação duvidosa mas...

**Entrevistadora:** e lembra-se de alguma noticia assim recente? Alguma coisa que tenha ouvido?

**Entrevistado:** não, tirando por exemplo, o ultimo foi de maus tratos mas, acontece em tantos lados.

**Entrevistadora:** e na sua possibilidade pessoal, alguma vez pensou em ir para um lar?

**Entrevistado:** Sim. Sempre disse às minhas filhas quando, se eu não tiver cabeça, que há pessoas que eles próprios querem mas há outros que já não têm capacidade para isso, e que se me virem nessa situação, que me ponham lá.

**Entrevistadora:** aqui a próxima pergunta era porquê mas vimos, já disse que quando houver necessidade. E diga-me uma coisa, em relação a ir para o lar, tem algum receio sobre isso?

**Entrevistado:** NADA.

**Entrevistadora:** ou seja, respondeu-me em caso positivo sim considera ir para um lar e considerando isso, o que é que espera que venha a acontecer nesse lar? Quais é que são as suas expectativas do que espera receber quando for para o lar?

**Entrevistado:** se me fizerem o necessário, não é, não se vai exigir daquilo que ... mas se me fizerem o necessário, para mim já estou bem, sempre vivi assim.

**Entrevistadora:** e assim passamos à ultima pergunta, considerando que vivíamos num mundo, que infelizmente, nem sempre é como nós queremos, o que seria um lar ideal?

**Entrevistado:** um lar ideal é um que nos deem um mínimo de condições porque ... também não temos um idoso, aliás nem só os idosos para lá vão, mas uma pessoa que esteja um bocado ... incapacitado

**Entrevistadora:** Ou seja, que lhe prestem os cuidados que necessita considerando a condição em que está, para si é o suficiente?

**Entrevistado:** Exatamente, é um lar ideal

**Entrevistadora:** obrigada.

#### **Entrevista 4**

**Local:** Domicílio da entrevistada

**Duração:** 08 min e 26 s

**Data:** 04 de abril de 2024

---

**Idade:** 67

**Sexo:** feminino

**Estado Civil:** Casada

**Habilitações Literárias:** Licenciatura

**Profissão:** Professora

**Entrevistadora:** **alguma vez esteve num lar? Por exemplo a visitar alguém, algum familiar, amigo, conhecido?**

**Entrevistada:** já, já visitei vários lares, mesmo com os meus alunos.

**Entrevistadora:** **ok, e alguma vez teve algum familiar num lar?**

**Entrevistada:** já, já tive.

**Entrevistadora:** **portanto, agora pergunto-lhe, considerando que teve um familiar num lar, como é que foi esse experiência?**

**Entrevistada:** até foi positiva, portanto, aquele lar era no distrito de Leiria e até foi positiva, era um tio meu, a família estava ainda a trabalhar portanto não podiam tomar conta dele e não foi desagradável, pronto.

**Entrevistadora:** **então gostou da experiência?**

**Entrevistada:** sim.

**Entrevistadora:** **o que é que pensa sobre os lares?**

**Entrevistada:** é assim eu acho que em primeiro lugar deve-se tentar tudo para que seja a família a cuidar dos familiares, mas há casos em que é totalmente impossível e depois também há lares e lares. Há lares que eu tenho muito boa impressão portanto, eu não encaro o lar como um depósito de idosos, que há lares que são assim, agora aqueles lares que são, que já estão humanizados, e eu sei que há pessoas que até foram elas próprias que quiseram ir para os lares

**Entrevistadora:** **exato, também já acontecem essas situações.**

**Entrevistada:** sentem-se bem lá e depois há aqueles lares que estão muito bem programados, com atividades, tirar as pessoas da solidão também é muito importante, porque há as pessoas que persistem ficar em casa mas sentem muita solidão, e o lar combate isso.

**Entrevistadora:** **na sua opinião quais é que acha que são os motivos que levam a ida da pessoa para o lar, ou seja, porque é que elas vão para os lares?**

**Entrevistada:** Eu um dia quando for para mim é precisamente isso, quando eu achar que já não consigo ... estar totalmente independente acho que é preferível ir para um lar do que deixar arrastar. Vejo que há pessoas com muita aversão aos lares e estão ali sozinhos em casa não, eu acho que já falei com o meu marido isso, vamos programar isso quando acharmos que chegou a altura, neste momento ainda não.

**Entrevistadora:** **Então, estava aqui a fazer-lhe uma pergunta mais geral, acha que as pessoas, seja no seu caso, seja num âmbito mais geral vão para o lar porque já não conseguem manter essa independência? E acha que esses motivos são motivos válidos e que justificam a ida para o lar?**

**Entrevistada:** Ai sim, eu acho que sim

**Entrevistadora:** **acha que deveriam existir a nível nacional mais lares?**

**Entrevistada:** Ai acho que sim, há muito poucos ... Mas lares de qualidade.

**Entrevistadora:** **Sim claro. Quais é que acha que são as vantagens de ir para um lar?**

**Entrevistada:** É como eu estava a dizer, é um sair da solidão também, é o ser bem tratado, portanto haver uma supervisão mesmo a nível de tomada de medicamentos, de saúde, portanto da própria saúde,... e também manter esses lares de qualidade e manter a ocupação das pessoas para elas não se sentirem, quer dizer, não se sentarem à espera que venha a morte porque há muitos lares que me impressiona. Já visitei e parece que as pessoas estão assim mas agora não, já começa a haver lares, aliás, acho que isto devia ser extensível a toda a gente.

**Entrevistadora:** **a próxima pergunta era porquê mas acabou por explicar quais são as vantagens. E considerado as vantagens acha que há desvantagens em ir para um lar?**

**Entrevistada:** também há.

**Entrevistadora:** **e quais é que acha que são as desvantagens?**

**Entrevistada:** às vezes as pessoas vão para os lares e as famílias, se não continuarem a ter um bom apoio da família, as pessoas também sofrem um pouco. Embora estejam acompanhadas, sentem falta dos familiares.

**Entrevistadora:** **sim, claro.**

**Entrevistada:** Acho que é a grande desvantagem, é essa. Uma outra desvantagem que pode haver, pronto que eu um dia talvez, se eu for ter a um lar, gostava de ter o meu quarto individual, a privacidade... assusta-me um bocadinho, mas há lares que asseguram isso.

**Entrevistadora:** **claro**

**Entrevistada:** A privacidade das pessoas não é? Portanto, um dia eu procurarei um lar que me garanta isso.

**Entrevistadora:** **então e a próxima questão é, considera que os meios de comunicação influenciam o que acha dos lares? Por exemplo, as notícias, aquilo que ouvimos na rádio, na televisão, influencia a opinião que as pessoas têm?**

**Entrevistada:** Ai sim sim, mas o triste é a comunicação social transmitir só as más experiências dos lares. Deveriam também fazer reportagens sobre boas experiências dos lares.

**Entrevistadora:** **exatamente, infelizmente aquilo que ainda passa é muito negativo. Recordasse assim de alguma notícia recente que a tenha impressionado mais?**

**Entrevistada:** geralmente são lares particulares, em habitações particulares. Esta última que eu ouvi no telejornal, estavam a maltratar as pessoas de uma forma horrorosa, quase que estavam subnutridas. Foi a última notícia que eu vi que me impressionou muito.

**Entrevistadora:** **aqui tinha a próxima questão, que já me respondeu, mas era se alguma vez pensou na sua possibilidade de ir para um lar?**

**Entrevistada:** ai sim, e provavelmente irei, só tenho uma filha e acho que quando ela tiver na vida ativa não vou, depende também da minha situação e do meu marido, que nós já falamos quando for, vamos os dois, não nos vamos separar. Porque também às vezes uma desvantagem dos lares é separarem os casais.

**Entrevistadora:** **pois, há instituições onde acontecem**

**Entrevistada:** eu não quero, de modo nenhum e já falámos nisso, separar-me do meu marido.

**Entrevistadora:** **Claro, querem ficar juntos. A próxima questão era porquê, mas já me falou que era por causa da filha que tem.**

**Entrevistada:** sim para a minha filha é um grande peso estar a sobrecarregar a minha filha para tomar conta dos pais.

**Entrevistadora:** **E em relação a ir para um lar, tem algum receio em relação a isso?**

**Entrevistada:** É isso, eu irei procurar um que tenha as condições que eu acho que pelo menos corresponda aquilo que desejo não é? Porque agora há lares que eu acho muito interessantes, é tipo mini apartamentos onde há assistência. E no estrangeiro vê-se mesmo pequenas habitações que são um lar, e as pessoas convivem mas depois lá têm a sua privacidade.

**Entrevistadora:** **Sim, o seu espaço. O que temos mais semelhante aqui na zona são aquelas residências na Santa Casa**

**Entrevistada:** Sim, exatamente.

**Entrevistadora:** **pronto, aqui perguntava-lhe se não precisasse, ou seja, se não considerasse um dia ir para o lar, quem e onde é queria ficar a receber cuidados?**

**Entrevistada:** não, eu considero ir para o lar um dia.

**Entrevistadora:** **Em caso positivo, ou seja, em caso de ir o que é que espera quando pensa em ir para um lar?**

**Entrevistada:** continuar a ter um pouco de independência apesar de me prestarem os serviços que eu necessito, eu necessito ter sempre à noite, por exemplo ir para o meu cantinho, para o meu espaço, é isso que eu irei procurar um dia.

**Entrevistadora:** **e agora aqui, considerando um bocadinho aquilo que por vezes até é hipotético mas o que é que é na sua opinião um lar ideal?**

**Entrevistada:** Para mim um lar ideal, às vezes penso nisso, é um lar que ... como eu disse, pequenos apartamentos ou pequenas casinhas, é tipo viver em comunidade, vão lá prestar os serviços todos mas que haja atividades programadas, ... que vão de encontro aos gostos das pessoas, ou seja, jardinagem, costura, ou teatro, ginástica.

**Entrevistadora:** **Sim, onde haja oferta de atividades**

**Entrevistada:** Que haja oferta de atividades para as pessoas continuarem a desenvolver os seus hobbies

**Entrevistadora:** **Ou seja, pegamos um bocadinho no que me disse anteriormente, apesar de prestarem esses cuidados e haver convívio, onde possa manter o seu espaço**

**Entrevistada:** Exatamente.

**Entrevistadora:** **obrigada**

## **Entrevista 5**

**Local:** Domicílio da entrevistada

**Duração:** 8 min e 52 s

**Data:** 15 de abril de 2024

---

**Idade:** 68

**Sexo:** feminino

**Estado Civil:** Casada

**Habilitações Literárias:** 9º Ano

**Profissão:** Reformada (Cerâmica)

**Entrevistadora:** **alguma vez estiveste num lar? Por exemplo a visitar alguém, algum familiar, algum amigo?**

**Entrevistada:** ora ... tive num aqui perto.

**Entrevistadora:** **alguma vez teve algum familiar num lar?**

**Entrevistada:** a minha madrinha ... que é tua avó ... E um tio do meu marido, não sei se vale a pena dizer.

**Entrevistadora:** **vale sim**

**Entrevistada:** No do vimeiro

**Entrevistadora:** **Certo. Aqui a próxima pergunta é, se sim, que já me disseste que tiveste alguns familiares, como é que foi a experiência de teres alguém num lar?**

**Entrevistada:** Olha, no tio do meu marido, não sei se é para dizer desse

**Entrevistadora:** **É o que quiseres**

**Entrevistada:** No tio do meu marido, pronto era assim uma coisinha mais ... como é que eu hei-de dizer ... estava sozinho num quarto e já estava acamado, eu ía lá ao fim de semana com o meu marido, só tinha um filho que estava na américa e nos íamos lá fazer o pagamento e eu ía mais ele para o ver, pronto

**Entrevistadora:** **E gostaste? Da experiência?**

**Entrevistada:** Sim, as raparigas comecei a conhece-las e ele dizia-me que era bem tratado, que o tratavam bem e estava tudo assim limpinho.

**Entrevistadora:** **O que é que pensas sobre os lares?**

**Entrevistada:** Por exemplo ... onde estava a minha madrinha é muito bom, a minha madrinha não estava sozinha é uma coisa nova ... pronto, é muito bom em tudo ... as raparigas são muito boas para as pessoas por aquilo que lá fui e me apercebi.

**Entrevistadora:** **Mas numa opinião geral, sem ser esse específico e o outro que me disseste. O que achas sobre os lares, qual é a tua opinião sobre os lares?**

**Entrevistada:** Ah, muito boa para quem, por exemplo, não tiver família e há quem tenha família e não podem tomar conta deles. Acho muito bem, e não estão sozinhos, têm companhia de noite e de dia, e tanta gente sozinha que não tem, pronto, familiares que não podem estar com eles.

**Entrevistadora:** **na tua opinião quais é que achas que são os motivos que levam que as pessoas vão para o lar?**

**Entrevistada:** A necessidade de não estarem sozinhas, a companhia, a limpeza, a comida a horas

**Entrevistadora:** **Terem os cuidados que em casa não conseguem ter?**

**Entrevistada:** Terem cuidados de limpeza, de banho, tudo. Sim claro, há pessoas velhinhas que em casa já não conseguem ter cuidados

**Entrevistadora:** E em relação a cada um desses motivos, a companhia, receberem os cuidados, sentirem-se acompanhadas, achas que todos os motivos são válidos? São motivos que justificam ir para o lar?

**Entrevistada:** É assim, se a pessoa precisar de ir, é melhor do que estar sozinha, mas se tiver por exemplo a família, quem tiver, também acho que seja bom, agora quem não tiver família e que possa ir para um lar, muito bem, tem companhia, tem zelo, tem tudo.

**Entrevistadora:** E em Portugal, consideras que deveriam existir mais lares?

**Entrevistada:** Sim

**Entrevistadora:** Quais é que achas que são as vantagens de ir para um lar?

**Entrevistada:** É como eu disse, em zelo, companhia, ... de noite e de dia estarem ...

**Entrevistadora:** Terem mais acompanhamento?

**Entrevistada:** Exato, e passeios e mais, como e que hei-de dizer... não estão tão sozinhos, não estão tão sós

**Entrevistadora:** Menos solidão?

**Entrevistada:** ISSO, isso tudo

**Entrevistadora:** E desvantagens? Quais é que são as desvantagens de ir para um lar?

**Entrevistada:** Ah, as desvantagens que eu acho para mim não existe, o que existe é ... há pessoas que não tem possibilidades de ir para lá

**Entrevistadora:** E que precisam?

**Entrevistada:** Sim, que precisam e que com reformas mais pequenas não têm possibilidades de ir para lá. Isso sim é que é muito chato.

**Entrevistadora:** Achas que os meios de comunicação influenciam o que as pessoas pensam dos lares? Por exemplo as notícias, a rádio, aquilo que se ouve?

**Entrevistada:** Algumas, sim. Alguns em mau estado sim, não é como aqueles que conheço, que são um espetáculo.

**Entrevistadora:** E lembras-te de alguma notícia recente que tenham falados dos lares?

**Entrevistada:** Sim, lembro

**Entrevistadora:** Qual é que foi?

**Entrevistada:** Só não me recordo do nome, mas uma senhora que até formigas tinha, isso fez-me um bocado de confusão. Não foi aqui perto.

**Entrevistadora:** E na tua possibilidade pessoal, alguma vez pensaste em ir para o lar?

**Entrevistada:** É assim, por enquanto ainda não, mas o futuro o dirá, não sei.

**Entrevistadora:** Mas pensando, um dia vou precisar de cuidados, pensas em ir para o lar ou ficar em casa?

**Entrevistada:** Ah, se tiver companhia não me importava de ficar em casa, mas para estar sozinha estava bem num lar, com cuidados, comida, companhia.

**Entrevistadora:** Se pensares em ir para o lar tens algum receio relativamente a isso?

**Entrevistada:** Até ver, nunca tive receio nenhum se pensar nisso.

**Entrevistadora:** Pronto, e em caso negativo, se não quiseses ir para um lar e precisares de cuidados, já me disseste que gostavas de ficar em casa, mas quem é que gostavas que te prestasse esses cuidados?

**Entrevistada:** Portanto, se não pudesse ser os filhos, que eles tivessem possibilidades de ter alguém que me assistisse de noite e de dia. Por exemplo, em conjunto com a minha reforma se eu tivesse possibilidades não me importava que os meus filhos pagassem aqui em casa, com companhia de noite e de dia, se fosse sozinha preferia ir para um lar.

**Entrevistadora:** Certo. Então e em caso positivo, se pensares em ir para um lar o que esperas receber, como esperas que seja essa experiência?

**Entrevistada:** Como por exemplo? Eu espero ser bem tratada, como há lares que ouço falar que são tao bons e vejo certas coisas que eu também já assisti, muito bom. Agora para ser maltratada, acho que cada vez... penso que sim que já há lares muito bons.

**Entrevistadora:** O que é para ti um lar ideal?

**Entrevistada:** É como o que estive a minha madrinha.

**Entrevistadora:** Como é que é esse lar?

**Entrevistada:** É um espetáculo, é novo, as raparigas são um espetáculo para as pessoas, há música, há brincadeira, conversa, animação, aquilo é uma festa.

**Entrevistadora:** Obrigada.

## **Entrevista 6**

**Local:** Domicílio do Entrevistado

**Duração:** 5 min e 36 s

**Data:** 15 de abril de 2024

---

**Idade:** 66

**Sexo:** Masculino

**Estado Civil:** Casado

**Habilitações Literárias:** 5ª Classe

**Profissão:** Reformado (serralheiro civil)

**Entrevistadora:** alguma vez esteve num lar? Por exemplo a visitar amigos, familiares, alguém?

**Entrevistado:** fui, visitar o meu tio.

**Entrevistadora:** como é que foi esse experiência? De ter o seu tio num lar?

**Entrevistado:** havia dias bons, havia dias menos bons, depende de como ele estava também.

**Entrevistadora:** o que é que pensa sobre os lares?

**Entrevistado:** os lares são precisos, para mim só tem uma coisa.

**Entrevistadora:** o quê?

**Entrevistado:** o dinheiro que levam é muito alto para os ordenados que nós temos no nosso país, as reformas que temos não dão para ir para um lar.

**Entrevistadora:** achas que as pessoas vão para um lar porquê? Ou seja, que motivos levam a pessoa a ir para o lar?

**Entrevistado:** os filhos não querem tomar conta dos pais ou não têm hipótese de cuidar e põe-nos num lar. Há filhos que vão lá vê-los e há outros que nunca mais lá vão ver.

**Entrevistadora:** acha que isso é um motivo válido? Os filhos não poderem cuidar dos pais é um motivo que justifica ir para os lares?

**Entrevistado:** É, se os filhos conseguissem cuidar dos pais não os punham no lar.

**Entrevistadora:** Acha que em Portugal deveriam de haver mais lares?

**Entrevistado:** Acho que deveriam de haver.

**Entrevistadora:** Quais é que são as vantagens de ir para um lar?

**Entrevistado:** As vantagens de ir para um lar é ... para os filhos estarem mais à vontade, não estarem a tomar conta dos pais.

**Entrevistadora:** E para a pessoa? não há vantagens?

**Entrevistado:** Como?

**Entrevistadora:** Por exemplo, os meus filhos põe-me num lar, para mim não há nenhuma vantagem?

**Entrevistado:** Há, sou mais zelado no lar do que em casa, tenho mais condições, além de se estar a pagar balúrdios, mas há mais condições do que estar em casa.

**Entrevistadora:** E quais é que são as desvantagens de ir para um lar?

**Entrevistado:** É os filhos não quererem tomar conta dos pais, é uma das principais coisas, os filhos herdaram aquilo que eles tinham e depois põe-nos no lar.

**Entrevistadora:** Acha que os meios de comunicação influenciam a sua opinião dos lares, ou seja aquilo que vê nas notícias e que passa na rádio, isso influencia a sua opinião dos lares?

**Entrevistado:** Epa não, porque ... o que passa na comunicação é só a dizer mal dos lares e a tratar mal dos idosos, por isso se estão a tratar mal os idosos não é bom para os velhos.

**Entrevistadora:** **Então mas só ver coisas negativas influencia aquilo que acha dos lares? Por exemplo, as notícias só falam as coisas más, e isso influencia a opinião que tem sobre um lar?**

**Entrevistado:** Influencia, muito.

**Entrevistadora:** **Alguma vez pensou na possibilidade de ir para um lar?**

**Entrevistado:** Eu nem quero ir para lá.

**Entrevistadora:** **Certo, e porque é que não?**

**Entrevistado:** Se eu ando a sacrificar-me para criar os meus filhos eles deviam ter em atenção que eu passei fome mais a mãe para os criar, por isso para a minha velhice eles também deviam cuidar de mim.

((telefone tocou))

**Entrevistadora:** **Certo**

**Entrevistado:** Isto é a minha opinião.

**Entrevistadora:** **Um dia que vier a precisar de cuidados onde é que os queria receber?**

**Entrevistado:** Em casa.

**Entrevistadora:** **E por quem?**

**Entrevistado:** Pelos meus filhos ou eles a pagarem a alguém que pudesse cá vir. Também podem estar a pagar a alguém para cá vir se eles não puderem vir, para tomarem conta de nós.

**Entrevistadora:** **Pronto, o que acha que era um lar ideal?**

**Entrevistado:** Era um com preços mais baixos para todos lá poderem estar, não digo que levem muitos ordenados mas grande percentagem da população portuguesa não tem possibilidade de pagar aquilo que os lares cobram.

**Entrevistadora:** **Obrigada.**

## **Entrevista 7**

**Local:** Domicílio da Entrevistada

**Duração:** 7 min e 14 s

**Data:** 23 de abril de 2024

---

**Idade:** 65

**Sexo:** Feminino

**Estado Civil:** Viúva

**Habilitações Literárias:** 12º ano

**Profissão:** reformada (assistente operacional- lar)

**Entrevistadora:** alguma vez esteve num lar?

**Entrevistada:** sim.

**Entrevistadora:** e alguma vez teve um familiar seu num lar?

**Entrevistada:** familiar não.

**Entrevistadora:** conte-me um bocadinho, já esteve num lar porque trabalhou num lar, correto?

**Entrevistada:** sim, trabalhei num lar durante 30 anos.

**Entrevistadora:** o que é pensa sobre os lares?

**Entrevistada:** Acho que os lares é uma coisa boa, porque as pessoas em vez de estarem sozinhas em casa, têm tudo o que precisam num lar, desde a alimentação, a higiene, a medicação, tudo o que é necessário para um idoso.

((interrupção de entrada na sala))

**Entrevistadora:** Quais é que acha que são os motivos que levam a ida da pessoa para um lar?

**Entrevistada:** Há vários. Há familiares que não podem estar com o utente porque trabalham, há utentes que não têm mesmo família, e há os que vão por vontade própria, que querem ir por vontade própria, isto é o que eu acho.

**Entrevistadora:** Para cada um desses motivos qual é que é a sua opinião? Acha que todos os motivos são válidos e justificam a ida da pessoa para o lar?

**Entrevistada:** Eu acho que sim, porque nestes motivos ninguém está a ser obrigado.

**Entrevistadora:** Acha que deviam de haver mais lares em Portugal?

**Entrevistada:** Eu acho que sim, porque segundo o que nós ouvimos há muita procura de lares e pouca oferta.

**Entrevistadora:** Quais são as vantagens de ir para um lar?

**Entrevistada:** As vantagens de ir para um lar, além das que já disse, eu acho que pronto, é bom, têm um final de vida com mais assistência, têm um final de vida melhor.

**Entrevistadora:** E desvantagens há?

**Entrevistada:** Acho que as desvantagens ... eu não vejo nenhuma, só se for para aqueles que às vezes não querem ir, mas eu acho que, depois com o hábito, eles até gostam.

**Entrevistadora:** Certo. Considera que os meios de comunicação influenciam a sua opinião sobre os lares? Ou seja, por exemplo aquilo que se ouve, aquilo que passa nas notícias, na rádio, tudo isso, influência?

**Entrevistada:** Eu acho que sim, mas como eu trabalhei num lar eu não preciso muito da influência da comunicação não é, acho eu. Agora que influencia, há pessoas que influencia, há pessoas que não conhecem.

**Entrevistadora: Então e recorda-se de alguma notícia recente que tenha passado sobre os lares? Seja positiva ou negativa**

**Entrevistada:** ... negativa, aquela que passou na televisão que deixaram a senhora cheia de formigas, até foi recente.

**Entrevistadora: Sim, foi relativamente recente essa notícia. Alguma vez pensou na possibilidade de ir para um lar?**

**Entrevistada:** Secalhar ainda não mas eu acho que, um dia, se eu estiver a dar trabalho, eu não me importo em ir para um lar porque eu acho que se a minha filha não puder cuidar de mim, eu acho que se ela me puder por num lar não é, eu acho que é bom. Se puder evitar de não ir, isto é a minha opinião, e foi sempre o que eu disse, eu digo à minha filha muita vez se eu puder estar em casa que tenha o meu juizinho e que esteja bem, ela que me deixe estar, se eu já não puder estar sozinha que precise de uma companhia diária aí sim, eu acho que é preferível.

**Entrevistadora: A minha próxima questão era perguntar-lhe porquê mas acabou por me justificar e responder que se estiver bem prefere continuar em casa.**

**Entrevistada:** Sim, exato.

**Entrevistadora: E em relação à possibilidade de ir um dia para o lar, tem algum receio em relação a isso?**

**Entrevistada:** Ah não. É assim eu podia dizer-te que sim porque nós irmos para um lar não é a mesma coisa que irmos para um hospital ou outra instituição, estamos num lado qualquer e temos pessoas ESPETACULARES, temos outras que um dia secalhar até já não é igual ao de ontem, não estão tão meigas, tão carinhosas, porque a gente sabe, mas isso acontece em qualquer sítio e em qualquer instituição. Então é assim, quando nós temos o nosso juízo perfeito talvez seja a pior coisas que nós pensamos.

((interrupção de entrada na sala))

**Entrevistadora: E em caso negativo, considerando que ainda não pensa em ir para um lar, um dia que venha a precisar de cuidados, na primeira instância onde e de quem gostaria de receber esses cuidados?**

**Entrevistada:** É assim, o que eu já falei é, se eu puder estar em casa que venha o apoio, e depois se não puder estar em casa sim, ir para um lar.

**Entrevistadora: E agora, considerando a possibilidade de ir, o que é que espera quando pensa em ir para um lar?**

**Entrevistada:** Espero aquilo que eu sempre fiz aos outros. Ser bem tratada, que me tratem bem e que cuidem de mim como eu cuidei dos outros. Se me fizerem a mim aquilo que eu fiz aos outros fico muito feliz.

**Entrevistadora: O que é para si um lar ideal?**

**Entrevistada:** Um lar ideal é aquele onde qualquer idoso se sente bem, que está a sentir que está a ser acarinhado, bem tratado que se sente bem ali, é um lar ideal. Se a pessoa estiver bem, para mim, eu acho que, onde a pessoa se sinta bem é um lar ideal.

**Entrevistadora: Obrigada.**

**Local:** Domicílio do Entrevistado

**Duração:** 4 min e 53 s

**Data:** 29 de abril de 2024

---

**Idade:** 71

**Sexo:** Masculino

**Estado Civil:** Casado

**Habilitações Literárias:** 4ª Classe

**Profissão:** Reformado (pedreiro de construção civil)

**Entrevistadora:** alguma vez teve num lar? Por exemplo a visitar amigo, ou a visitar alguém?

**Entrevistado:** sim.

**Entrevistadora:** alguma vez teve um familiar seu num lar?

**Entrevistado:** sim.

**Entrevistadora:** como foi a experiência de ter um familiar num lar?

**Entrevistado:** acho que foi boa.

**Entrevistadora:** gostou?

**Entrevistado:** sim.

**Entrevistadora:** o que é que pensa sobre os lares?

**Entrevistado:** Penso que é uma boa prestação de serviços para os idosos, onde são bem cuidados.

**Entrevistadora:** Acha que as pessoas vão para os lares porquê? Quais os motivos que levam as pessoas a irem para o lar?

**Entrevistado:** Os familiares não terão tempo disponível para os tratar e ... cuidar.

**Entrevistadora:** Sim. E considera que esse motivo é uma justificação válida? Concorda que as pessoas vão para o lar por esse motivo?

**Entrevistado:** Sim, a maior parte é por isso.

**Entrevistadora:** Considera que em Portugal deveriam de haver mais lares?

**Entrevistado:** SIM. Mas um sim bem grande.

((risos da esposa, em sinal de concordância))

**Entrevistadora:** É verdade. Quais é que são as vantagens de ir para um lar? Qual as coisas boas em ir?

**Entrevistado:** Acho que são mais bem cuidados do que em casa dos familiares. Têm mais condições.

**Entrevistadora:** E quais é que são as desvantagens?

**Entrevistado:** A desvantagem será o numerário.

**Entrevistadora:** Acha que os meios de comunicação, ou seja, aquilo que nós ouvimos nas notícias, na rádio, na televisão, influencia a sua opinião sobre o que pensa dos lares?

**Entrevistado:** Umhas vezes sim, outras vezes não ... como é que hei-de dizer ... Há notícias boas e outras vezes má.

**Entrevistadora:** E para a maioria da população, acha que muitas pessoas se deixam influenciar por aquilo que vêm nas notícias?

**Entrevistado:** Penso que sim.

**Entrevistadora:** Alguma vez pensou na possibilidade de ir para um lar?

**Entrevistado:** Sim.

**Entrevistadora:** E porque é que considera essa possibilidade?

**Entrevistado:** Porque os meus não terão disponibilidade de tempo.

**Entrevistadora:** Tem algum receio em relação a ir para o lar?

**Entrevistado:** Não.

**Entrevistadora:** Ou seja, um dia que precise de cuidados, é o lar a solução que define para si?

**Entrevistado:** Sim, sim.

**Entrevistadora:** O que espera quando pensa em ir para um lar?

**Entrevistado:** Espero, como é que hei-de dizer ... espero ser tratado dentro do normal e do necessário.

**Entrevistadora:** Espera ser bem cuidado e que lhe prestem os cuidados que necessita?

**Entrevistado:** Exato.

**Entrevistadora:** O que é para si um lar ideal?

**Entrevistado:** É funcionar dentro das normalidades, que cumpram com os seus direitos e deveres.

**Entrevistadora:** Obrigada

**Local:** Domicílio da entrevistada

**Duração:** 10 min e 31 s

**Data:** 30 de abril de 2024

---

**Idade:** 85

**Sexo:** feminino

**Estado civil:** viúva

**Habilitações Literárias:** sem escolaridade

**Profissão:** reformada (trabalhava por conta própria)

**Entrevistadora:** alguma vez esteve num lar? Por exemplo a visitar alguém, algum amigo, ou algo do género?

**Entrevistada:** Sim, estive nuns aqui na zona

**Entrevistadora:** E alguma vez teve um familiar seu num lar?

**Entrevistada:** Eu tive a minha mãe.

**Entrevistadora:** E como é que foi a experiência com a sua mãe no lar?

**Entrevistada:** Pronto, ela estava bem, estava muito bem. Só que um dia pronto ... ela estava já muito malzinha e eu fui lá vê-la, estava a maquina do soro e uma janela aberta a fazer uma corrente de ar nas costas.

**Entrevistadora:** Sente que faltou alguma atenção?

**Entrevistada:** Pois, eu pedi logo à mulher para vir ter comigo, mas a dona não estava e veio uma senhora que cuidava dos idosos e como não veio logo e demorou eu fui encostar a janela. E disse que não estava bem porque se ela estava tão malzinha e estava ali na corrente de ar.

**Entrevistadora:** Então e tirando esse caso que a marcou, no geral gostou de ter um familiar no lar? Foi uma boa experiência?

**Entrevistada:** Foi, sim ela estava bem, quer dizer, eu não a tive lá, a minha irmã é que a pôs lá no mês dela, só nos dela, quando era o meu irmão fazia-lhe eu o trabalho por ele. Só não gostei porque ela nunca disse a ninguém e ela não tinha necessidade de a lá ter posto.

**Entrevistadora:** Certo. O que é que pensa sobre os lares?

**Entrevistada:** Eu penso que os lares são uma coisa que é boa porque pronto, há muita gente que não tem quem cuide deles e isso, e ali estão zelados, uns estão melhores, outros estão piores.

**Entrevistadora:** Sim claro. Acha que as pessoas vão para o lar porquê?

**Entrevistada:** Porque não têm quem cuide delas, que os filhos andam a trabalhar e pronto, não conseguem zelá-los em casa e põe-nos lá para estarem cuidados.

**Entrevistadora:** E qual é que a sua opinião sobre isso? É um motivo válido para as pessoas irem para o lar por isso?

**Entrevistada:** Sim, eu acho que sim, que é bom.

**Entrevistadora:** Acha que em Portugal há muitos lares ou deveriam de haver mais?

**Entrevistada:** Se há muitos?

**Entrevistadora:** Sim, ou se deviam haver mais

**Entrevistada:** Ajuda-me que eu não sei, sei que há muitos mas não sei se é melhor haver mais ou não, porque há alguns que estão a fechar não é? Por falta de cuidados.

**Entrevistadora:** Exatamente. Quais é que são as coisas boas de ir para o lar? As vantagens?

**Entrevistada:** Então as vantagens é ter ali companhia e quem olhe por elas e que cuide delas, que as tratem bem. Se as tratarem bem, não pode haver melhor.

**Entrevistadora:** E as coisas más? Há?

**Entrevistada:** Também há.

**Entrevistadora:** Quais são?

**Entrevistada:** É algumas que estão a trabalhar a cuidar delas, que não fazem o que devem fazer e tratam-nas mal ainda, por vezes em alguns lares.

**Entrevistadora:** Sim, verdade. Acha que aquilo que passa nas notícias, ou na rádio sobre os lares influenciam aquilo que pensa sobre os lares?

**Entrevistada:** Sim, quer dizer já se sabe que sim, a gente pensa nisso.

**Entrevistadora:** Recorda-se de alguma notícia que tenha passado sobre os lares? Seja ela boa ou má

**Entrevistada:** Há boas notícias, mas também há más.

**Entrevistadora:** Lembram-se de alguma específica?

**Entrevistada:** Então quando os idosos são maltratados na cama e isso assim. Quando não são tratados como deve de ser.

**Entrevistadora:** É verdade, passam muitas essas notícias. Alguma vez pensou em ir para um lar?

**Entrevistada:** Nunca pensei. Porque primeiro penso que não tenho dinheiro para ir para um lar mas se for não me importo, se tiverem que me pôr não me importo mesmo. Só tenho uma preocupação que é com a minha filha, mais nada, esse é sempre o pensamento.

**Entrevistadora:** Ou seja, em relação à possibilidade de ir para o lar um dia, tem algum receio em relação a isso?

**Entrevistada:** Não tenho receio nenhum. A questão é que algumas pessoas não aceitam a ideia, quando não estão bem da cabeça ou podem ter alzheimer e não aceitam, pensam que o que se faz é por mal. Eu cheguei a pensar para o meu homem também porque ele falava muito alto sempre, e sempre que lhe pedia para falar mais baixo dizia-me que ainda falava era mais alto, tinha mais coisas assim. Nunca ninguém me disse que ele tinha alzheimer, eu é que fui pensando porque já a minha avó, mãe da minha mãe, teve isso, era uma pessoa que não pedia nada a ninguém, governava-se com o que tinha, era pobre e foi sempre pobre e depois veio para cá, depois de viver muitos anos em Lisboa onde era porteira. Quando veio para cá veio boazinha mas depois começou a ter algumas falhas e uma vez foi encontrada a pedir numa terra aqui perto, depois a minha mãe aí é que soube e a partir daí via-se mais as falhas. Mas pronto, a primeira vez que comecei a duvidar dele vínhamos de alcobaça para casa e não sei o que é que lhe deu, que ele levou alguma coisa a mal e começou a mandar-me parar o carro para ir a pé.

**Entrevistadora:** Desconfiou de alguma coisa?

**Entrevistada:** Sim. começou a dizer que parasse ou saía com o carro andar, depois de o deixar sair segui com o trator devagarinho e mais acima disse-me para parar que queria voltar a entrar. Numa outra vez, começou a discutir com a filha, eles gostavam muito do outro mas as vezes discutiam, vinha chateado com alguma coisa, e vinha ela no meio e eu lá lhe disse qualquer coisa e depois passou. Mas a partir daí comecei a reparar mais. Porque demora tempo para nós notarmos

**Entrevistadora:** Sim, claro. E um dia que venha a precisar de cuidados onde é que espera receber esses cuidados? e quem gostava que os prestasse?

**Entrevistada:** Olha, quem não me fizesse mal.

**Entrevistadora:** Claro, mas espera que quando precisar esteja em casa e aqui permaneça ou procura outra ajuda?

**Entrevistada:** Não sei, secalhar em casa, em princípio em casa, mas pronto, não posso só contar com a minha filha.

**Entrevistadora:** Sim claro, procurava algum apoio para cuidar de si?

**Entrevistada:** Ah sim, claro. Se for preciso, deus queira que não seja, mas se for preciso que venha cá alguém que possa.

**Entrevistadora:** Então e um dia que pense em ir para um lar, caso precise, o que espera receber um dia que vá para um lar?

**Entrevistada:** Olha, boas pessoas, que cuidem de mim, e que as coisas corressem bem. O mal às vezes é as pessoas não conseguirem se portarem bem e depois as pessoas cansam-se.

**Entrevistadora:** Então e para si, o que era um lar espetacular?

**Entrevistada:** Para mim, mesmo que não seja espetacular, um lar qualquer para mim servia.

**Entrevistadora:** Bastava que tomassem conta de si?

**Entrevistada:** Exatamente, já era espetacular.

**Entrevistadora:** Obrigada.

## **Entrevista 10**

**Local:** Domicílio do Entrevistado

**Duração:** 16 min e 32 s

**Data:** 01 de maio de 2024

---

**Idade:** 85

**Sexo:** Feminino

**Estado Civil:** Casado

**Habilitações Literárias:** 4ª Classe

**Profissão:** Reformado (operário fabril)

**Entrevistadora:** **alguma vez esteve num lar? Por exemplo a visitar algum vizinho, amigo...**

**Entrevistada:** Já estive no lar aqui perto, a conferenciar lá com os idosos aqui por causa da nossa zona e tudo isso.

**Entrevistadora:** **E alguma vez teve um familiar seu num lar?**

**Entrevistado:** Tive o meu irmão, aqui perto.

**Entrevistadora:** **E como é que foi essa experiência? De ter o seu irmão num lar?**

**Entrevistado:** Foi boa, porque o meu irmão era mongoloide, já tinha 50 e poucos anos e então havia problemas entre a família porque os meus pais já tinham falecido e depois optámos por pensar em pô-lo num lar. Como ele era mongoloide os lares não aceitam muito bem esse tipo de situações mas eu tinha lá uma pessoa conhecida e ele deu a informação que ele era uma pessoa amável, muito simpático, que não era agressivo e então aceitaram-no, acabou por falecer lá. E eu gostei, íamos lá visitá-lo, foi sempre bem atendido. Ah quando fazia anos faziam uma festinha nos anos, foi bom, eu gostei.

**Entrevistadora:** **O que é que pensa sobre ao lares?**

**Entrevistado:** Olha eu penso que são necessários, porque ... há muito idoso que se não fosse os lares teriam um fim de vida muito triste ... o problema às vezes, segundo eu penso, é a parte financeira porque as reformas algumas são baixas e os familiares às vezes também não têm grandes possibilidades e isso é que faz com às vezes as pessoas não vão por causa disso. Pronto, mas acho que eles são necessários.

**Entrevistadora:** **Certo. E na sua opinião quais é que acha que são os motivos que levam a ida da pessoa para o lar? Ou seja, vão para o lar porquê?**

**Entrevistado:** Olha, quando começam a ter imobilidade, problemas de saúde que precisam de assistência permanente, até sobre a alimentação, cuidados de higiene ... e carinho.

**Entrevistadora:** **É verdade. E acha que esse motivos são motivos válidos e que justificam a ida para o lar?**

**Entrevistado:** Exatamente. Há pessoas que estão sós, não têm apoio, não tem carinho e zelo como deve ser, deve ser muito triste. Embora conheça que há muita gente que não gostaria de ir para lá. Mas há circunstâncias que os obrigam a aceitar ir para lá. Eu acho que é bom porque é uma qualidade de vida diferente.

**Entrevistadora:** **Sim, sim tem outra assistência.**

**Entrevistado:** Só é pena que haja casos como tem acontecido em alguns lares que as coisas não correm muito bem, isso é que eu acho muito mal, os idosos irem para lá e não serem bem tratados, dignamente.

**Entrevistadora:** **Acha que em Portugal deveriam de haver mais lares?**

**Entrevistado:** Acho que sim, acho porque há lares que têm lista de espera e às vezes as pessoas precisam e não têm vaga.

**Entrevistadora:** Quais é que são as vantagens de ir para um lar?

**Entrevistado:** Ai são muitas.

**Entrevistadora:** Consegue-me dizer algumas?

**Entrevistado:** Olha, o acompanhamento, carinho, a alimentação, os cuidados de higiene, ...

((Risos))

**Entrevistadora:** São só coisas boas?

**Entrevistado:** ((Risos)) só coisas boas, o apoio contínuo não é? Porque é dia e noite.

**Entrevistadora:** Sim, há outro tipo de acompanhamento que em casa nem sempre é possível. E as desvantagens, quais é que são?

**Entrevistado:** As desvantagens só se for naqueles lares que não funcionem bem. Portanto os lares têm de ter capacidade para zelar pelos idosos e dar-lhe carinho como eles necessitem, embora alguns sejam difíceis.

**Entrevistadora:** Sim.

**Entrevistado:** Porque há idosos que são muito complicados. Quando os idosos vão para um lar, pelo menos não sendo conhecidos aqui da zona, eu acho que primeiro tem que se estudar a maneira de ser do idoso, conhecer como ele viveu, as maneiras de ser dele, o que é que ele viveu de bom, viveu de mau, o que ele aceita melhor.

**Entrevistadora:** Claro. Tudo isso influenciou aquilo que a pessoa vai ser nessa altura, todas essas experiências.

**Entrevistado:** Para se saber lidar com o idoso temos que o conhecer. Não é? Conhecer na maneira de ser dele, tudo. Porque eu tive aqui à uns anos, os idosos são muitos complicados, mais que as crianças, porque já têm noção, já dizem o que é bom e é mau, e as crianças às vezes ainda não. Tive um caso ali de uns senhores que viviam na agricultura, ele até era caçador, portanto faziam as comidas deles à antiga portuguesa e vieram para o apoio domiciliário, então e já se sabe que a comida é diferente. É mais à base de purés, não é aquelas sopas de entulho e então o homenzinho quando começou a aparecer lá a comida, a resposta dele “isto parece comida de porcos”, e quer dizer, agente fica assim um bocado, ah portanto não fizemos nenhuma observação e ele continuou conosco, mas logo aqui se vê a aceitação que as pessoas às vezes têm, porque é uma modificação do sistema alimentar.

**Entrevistadora:** Pois e nem sempre são facilmente aceites.

**Entrevistado:** É que muda um bocado, já se sabe que no lar, centro de dia e outros, a alimentação não é comidas pesadas, é adequada às necessidades. No centro de dia onde eu estava ligado tínhamos épocas por exemplo na entrada da quaresma que se come o bacalhau com o grão fazia-se essa comida, agora não sei que já não estou lá, mas tínhamos atenção nesses dias fazer, de vez em quando fazíamos um cozido à portuguesa, mas também não era tão pesado.

**Entrevistadora:** Sim claro, é importante manter-se esses pequenos hábitos, mas tem de ser adaptado às necessidades.

**Entrevistado:** Sim e eles gostavam disso, chegou-se a fazer também misturadas e eles adoravam essas coisas, ... também chegou-se a fazer, agora não sei se fazem, pessoas que gostam de um copo de vinho à refeição podiam beber porque o sistema de saúde deles dava para isso, ficavam todos contentes.

**Entrevistadora:** Sim, claro. São hábitos que as pessoas têm, e apesar de nem sempre se conseguem manter vamos buscando o que for possível.

**Entrevistado:** Pois, porque de vez em quando íamos buscar aquilo que eles gostam e eles ficavam todos contentes.

**Entrevistadora:** **Acha que os meios de comunicação, aquilo que passa nas notícias, na rádio, influenciam a sua opinião sobre aquilo que pensa dos lares?**

**Entrevistado:** Nem sempre.

**Entrevistadora:** **E de um modo geral, acha que a população se deixa influenciar por aquilo que passa nos meios de comunicação?**

**Entrevistado:** Depende da mentalidade das pessoas. Porque há pessoas que não aceitam o lar de maneira nenhuma, acabam secalhar por ter que lá ir ter não é? Mas ainda há aquela mentalidade “Eu não quero! Eu não quero!” e ainda há isso, mas acho que já está um pouco mais mentalizada a população.

**Entrevistadora:** **Certo. Alguma vez pensou na possibilidade de ir para um lar?**

**Entrevistado:** Ah eu quando, idade já tenho, mas se me vir imobilizado, com muitas dificuldades, não me importo nada de ir. Porque facilito a família e para mim também acho que é, acho que tenho mais facilidade de viver.

**Entrevistadora:** **E pensado em relação a essa possibilidade, de um dia ir para um lar, tem algum receio?**

**Entrevistado:** Não, não tenho receio porque se eu vir que alguém me trata lá mal eu digo ((Risos)) se tiver capacidade para isso. Por exemplo tenho uma situação de uma senhora, que morava aqui perto e até já morreu, eu dava muito apoio a essa senhora, eu é que era o filho dela, até às vezes Às duas horas da manha me telefonava para ir lá, e ela um dia foi para o hospital, já não sei porquê e então os filhos, um filho e uma nora, que a filha morava no Algarve, pensaram em pô-la num lar aqui perto, e como a nora dela conhecia alguém lá no lar falou e havia vaga e logo nesse dia ou no outro foi para lá, e ela precisava bem de lá estar, mas ela não tinha essa mentalidade. E então teve lá um mês, a desilusão dela é que não era o que estava a espera daqueles cuidados, que eu não me acredito, foi uma motivo para ir para casa, e o que é que surgiu, tiveram de arranjar uma pessoa para ir ali dormir, e depois vinham lá levar o comer, chegou a ser o centro de dia, que ela também não aceitava bem.

**Entrevistadora:** **Pois, as pessoas quando não estão dispostas também não é fácil.**

**Entrevistado:** Pois, porque o centro quando vai a casa dar apoio a idosos é a higiene, é a limpeza da casa, a lavandaria, é essas coisas todas, a alimentação é leite, é pão, várias coisas mas ela mesmo assim o tempo que teve ali, porque ela tinha a ideia de ser rica e achava que aquilo era só para os pobres. Depois teve lá um tempo mas acho que tinha vergonha de irem lá levar o comer, então contratou uma senhora para lhe fazer o comer, ía lá levar-lhe o almoço e depois ficava para jantar, e eu ali naquela situação. Em relação ao lar, ninguém percebeu o que tinha acontecido, mas ela também não queria lá estar, ela chegou a estar muito tempo sozinha em casa e sentava-se quase o dia todo em frente a uma janela que tem e via os carros passar e depois no lar, como a janela não dava para a estrada também secalhar isso influenciou.

**Entrevistadora:** **Pois, nem sempre é fácil a aceitação das pessoas. Quanto a si, um dia que vier a precisar de cuidados, quando necessitar de algum tipo de apoio, procuraria um lar?**

**Entrevistado:** Ah sim, claro.

**Entrevistadora:** **O que é que espera quando pensa em ir para um lar?**

**Entrevistado:** Se tiver de ir para um lar, é porque preciso já de apoio ... higiene e outros cuidados ... e espero ser bem recebido e que seja cuidado com carinho e com um bocado de amor também.

**Entrevistadora:** **Sim, claro. E agora aqui já aqui a última pergunta o que é que acha que seria para si um lar ideal?**

**Entrevistado:** Para mim um lar ideal será todos aqueles que funcionem bem, que é darem assistência aos idosos, como eles necessitarem, dar-lhes todo o apoio, tanto da parte da alimentação, como de higiene, como de apoio diário e noturno, ah, porque há pessoas que de noite também precisam de ter apoio.

**Entrevistadora: Sim, claro.**

**Entrevistado:** Portanto, todos os lares que funcionem nesse sistema julgo que estão a funcionar como deve de ser, com pessoal também ah qualificado, com formação, verem como é que se cuida dos idosos, porque não é muito fácil lidar com idosos. E depois quando se apanham idosos que já não têm a capacidade de discernir o que é mau, que já têm dificuldade mental, isso então ainda é mais difícil, porque há pessoas que se tornam arrogantes, é preciso uma grande preparação para se trabalhar com idosos, acho que ainda é mais do que com as crianças.

**Entrevistadora: São populações diferentes, apesar da sociedade dizer que são muito parecidas têm muitas diferenças e não é assim tão linear quanto dizer-se que são parecidas.**

**Entrevistado:** As crianças estão a caminhar para o futuro da vida, ah e os idosos já estão cansados e gastos

**Entrevistadora: Sim, eles já percorreram esse caminho.**

**Entrevistado:** Sim, até mesmo na parte da capacidade mental e isso tudo, já podem estar a dizer não a uma coisa que é bom, já não têm a capacidade de identificar. Mas de resto, isto é a experiência que eu tenho. Aqui na zona não tínhamos lar, é só o Centro de Dia e havia pessoas que a gente conhecia daqui, que se alimentavam mal em casa deles, porque nem sequer sabiam fazer comer bem confeccionado e ali diziam mal do comer. Portanto há estas situações que nós temos de saber lidar com elas não é? É preciso estudar a maneira de ser do idoso.

**Entrevistadora: Sim, isso é fundamental.**

**Entrevistado:** É fundamental porque nem todas as pessoas aceitam as coisas da mesma maneira e por isso é que eu digo que quando nós já conhecemos a pessoas, como ela viveu e tudo mais, quando vêm mais longe não conhecemos a sua maneira de viver e a sua formação, nada disso porque também tem a ver com a formação.

**Entrevistadora: Sim, tudo influencia.**

**Entrevistado:** É verdade.

**Entrevistadora: Obrigada.**

## **Entrevista 11**

**Local:** Domicílio do Próprio

**Duração:** 08min 37s

**Data:** 14 de maio de 2024

---

**Idade:** 81

**Sexo:** Masculino

**Estado Civil:** Casado

**Habilitações Literárias:** Estudou em França

**Profissão:** Reformado (Taxista em França, trabalhou no comércio, ...)

**Entrevistadora:** **Alguma vez esteve num lar? Por exemplo a visitar alguém, algum amigo,...**

**Entrevistado:** Sim, com frequência.

**Entrevistadora:** **E alguma vez teve algum familiar num lar?**

**Entrevistado:** Tive uma irmã, e tive e tenho amigos.

**Entrevistadora:** **Certo. Então e com esses amigos, ou com sua irmã, como é que foi essa experiência? O que achou?**

**Entrevistado:** Eu gostei, a pontos que às vezes ia para lá que tempos e estava lá à tarde e dizia que estava ali para me habituar. Aquilo era um ambiente agradável. Era muita gente que se dava, eu e a minha mulher tínhamos lá muitos amigos. Eu estava lá o tempo que fosse preciso, porque me sentia bem, e cheguei a dizer lá “Eu vou passando aqui uns bocados que é para me ir habituando ao meu futuro”. Cheguei a estar lá à espera das refeições para depois passar mais tempo com eles. É o que eu conheço melhor.

**Entrevistadora:** **O que é que pensa sobre os lares?**

**Entrevistado:** Penso que são precisos. Penso que são muito úteis. A minha irmã, se não fosse isso, teria muita dificuldade em tomar conta dela, partiu as pernas e pronto, eu acho que não hesitaria se tiver necessidade em ir para lá.

**Entrevistadora:** **Quais é que acha que são os motivos que levam a ida da pessoa para o lar? As pessoas vão para o lar porquê?**

**Entrevistado:** Ah, por vezes talvez por falta de assistência familiar, penso eu. E é difícil uma pessoa sozinha ou com outra pessoa ... cuidarmos de nós. Nós aqui em casa ainda podemos, podemos movimentarmo-nos, mas quem não pode como é que é?

**Entrevistadora:** **Pois, é muito complicado.**

**Entrevistado:** A higiene e tudo isso, é muito complicado.

**Entrevistadora:** **Sim claro. Acha que esses motivos são motivos válidos para a pessoa ir para o lar? São motivos que justificam a ida?**

**Entrevistado:** Sim, acho. Há muitos que não têm companhia e não podem, não têm nada. Aquele ali eu achei muito agradável porque ali é uma família.

**Entrevistadora:** **Claro, é muito bom de se ver.**

**Entrevistado:** Sim, só isso já vale.

**Entrevistadora:** **Considera que deviam de haver mais lares em Portugal?**

**Entrevistado:** Eu não conheço muito bem mas acho que em muitos lados são poucos. Havendo muitos e bons é sempre interessante.

**Entrevistadora:** **Quais é que são as vantagens de ir para um lar?**

**Entrevistado:** ... depende. Pela assistência talvez, para não estar sozinho também. É porque, pronto ... e depois todo o acompanhamento é também a assistência não é?

**Entrevistadora:** **Claro. Há outro tipo de acompanhamento. E as desvantagens? Quais são?**

**Entrevistado:** Eu não sei bem, porque eu ainda não paguei para nenhum, mas creio eu que os preços podem ser elevados para aquilo que as pessoas ganham ou recebem das pequenas reformas. É isso o inconveniente que eu vejo para muitas pessoas. As pessoas secalhar não frequentam mais pelo facto de os lares serem tão caros.

**Entrevistadora:** **Considera que os meios de comunicação, ou seja, aquilo que passa nas notícias, na rádio, na televisão influenciam aquilo que pensa sobre os lares?**

**Entrevistado:** ... não sei. Eles podiam secalhar falar mais, não sei se têm razão para isso. Os que falam muitas vezes até dizem bem mas há um ou outro que dizem mal e é aí que há muita coisa a vigiar por esses lares, postos de um dia para o outro sem qualquer segurança e sem vigia. Porque isso é o que eu acho pior e qualquer um de nós pode cair, porque às vezes não é a pessoa que vai pedir para ir para um tal sítio, é a família que os envia por ser mais barato, não vale a pena esconder. Os lares que são organizados, que têm acompanhamento, eu acho que são bons.

**Entrevistadora:** **E alguma vez pensou na possibilidade de ir para um lar?**

**Entrevistado:** Tenho pensado algumas vezes, ainda não cheguei à altura, penso eu, mas já pensei. Em último caso, por exemplo, se um dia estiver sozinho, o meu filho está na Suíça, poderei estar aqui em casa um tempo com uma pessoa que me assista, ou que me faça limpeza, mas é difícil. Nós aqui estamos bem e perto do hospital, mas não é fácil.

**Entrevistadora:** **Claro. E tem algum receio em relação à possibilidade de um dia ir para o lar?**

**Entrevistado:** Sim porque eu acho que os lares deviam ser mais vigiados, por assistentes sociais, por pessoas, enfim ligadas aos hospitais ou serviços de saúde, penso eu, não sei. Não assisto aos serviços interiores, mas penso que poderia alguém ... de fora, inclusive o serviço passar de vez em quando, é o que eu penso para vários serviços.

**Entrevistadora:** **Sim. Um dia que vier a precisar de cuidados procurará um lar ou outra solução para si?**

**Entrevistado:** Pois, quero ver se fico em minha casa mas em último caso tentarei um lar.

**Entrevistadora:** **Então e a ficar em casa, quem é que gostava que lhe prestasse cuidados?**

**Entrevistado:** Uma pessoa ... eu sei lá ... há uma pessoa que nós gostamos dela mas ela nem está preparada, nem pode nem quer tomar conta de uma pessoa, porque é preciso dar-lhe assistência, é preciso higiene, tudo isso. Depois se verá não é? ((pergunta direcionada à esposa)). Se eu tivesse capacidade para tomar banho, para fazer a minha atividade isso ia estando aqui em casa, penso eu, agora só uma pessoa sozinha, se esbarra, é complicado. E também há pouca gente que esteja preparado para ficar assim a tomar conta, é por isso que os lares é uma salvação, em caso de haver outros não é?

**Entrevistadora:** **Então e em caso de alguma vez ir para um lar, o que é que espera receber?**

**Entrevistado:** O que espero receber? Por exemplo, o mais assistência possível, secalhar um bocadinho de carinho e amizade, não é?

**Entrevistadora:** **Claro, também é fundamental.**

**Entrevistado:** Mas é claro, aquilo que nós vemos quando lá vamos aparentemente é tudo mais ou menos agradável, por isso é que eu digo, se houvesse pessoas que frequentassem, não tomando partido e que aparecessem inesperadamente, acho que era muito bom.

**Entrevistadora:** **Então e, para si, o que acha que seria um lar ideal?**

**Entrevistado:** Por exemplo os que eu conheço, aqui da zona são bons. Aqueles ali em baixo têm umas cozinhas, tipo estúdios, que eu acabo por ver que pode ser interessante.

**Entrevistadora: Sim, secalhar foge um bocadinho ao que é o tradicional do lar.**

**Entrevistado:** Pois, claro. Também pode ser um contra que às vezes quando estão dois ou três num quarto podem-se auxiliar mas eu secalhar era capaz de preferir, agora, estar sozinho, a descansar, a ler, quer dizer, são coisas depois a ver.

**Entrevistadora: Sim, claro que sim. muito obrigada!**

## **Entrevista 12**

**Local:** Domicílio da Entrevistada

**Duração:** 11 min e 09 s

**Data:** 24 de maio de 2024

---

**Idade:** 68

**Sexo:** feminino

**Estado civil:** casada

**Habilitações Literárias:** 9º ano

**Profissão:** reformada (trabalho na cerâmica e atendimento ao público)

**Entrevistadora:** **Alguma vez esteve num lar?**

**Entrevistada:** Não, só a visitar.

**Entrevistadora:** **Sim, referia-me a estar em lar a visitar alguém, alguma vez esteve?**

**Entrevistada:** Ah sim, a minha vizinha faz de conta que era a minha segunda mãe. Estava num lar aqui perto.

**Entrevistadora:** **E alguma vez teve algum familiar num lar?**

**Entrevistada:** Da minha família não, mas a minha sogra sim.

**Entrevistadora:** **E como é que foi a experiência com a sua sogra num lar?**

**Entrevistada:** Foi ótima. Se quiseres conto-te como correu bem, ela foi para lá com 92, ela é do norte e, por coisas que vi, de a agarrar, de subir um degrau, pronto ... achei que já não era bom estar sozinha, estava com ela agarrada e começava a ver buracos e degraus onde não existiam, e eu comecei a ver que a cabeça dela já não estava bem e pensava muitas vezes se lhe acontecia alguma coisa por ela estar sozinha. Fui a casa dela e ela morava sozinha, o meu medo era que ela morresse queimada, nós somos do Norte, de uma zona muito fria e lá os velhotes acendem a fogueira, falei com o meu marido e disse-lhe “Escuta, a tua mão não vai ficar sozinha, ou lhe arranjam um lar ou ela vai para a nossa casa” e eu sou apenas uma nora, ele disse-me que ela estava bem sozinha e que ficava bem, mas eu disse-lhe “eu amanhã de manhã vou procurar e arranjar um lar para a tua mãe” e eu fui, fui a um lar na nossa zona e quando entrei saí logo, a minha sogra não merecia um lar daqueles. Num dia, fui com a minha sobrinha ver a avó do namorado dela a um lar e gostei muito do que vi, um lar recente e novo, inserido no meio de um pomar, com muitas atividades para os mais velhos. ... Fui falar com a senhora do lar, que já trabalhou em Lares na França e perguntei se haviam vagas, expliquei-lhe o caso da minha sogra e disse-me que havia uma e pedi de imediato que a guardassem, era o sítio indicado para a minha sogra. Quando estive com ela não lhe disse que ia para o lar, não disse, disse-lhe para preparar as coisas dela, porque em casa ela só tinha Apoio Domiciliário mas não comia, não nada. Depois chegámos ao lar já com ela, a primeira coisa que encontrou foi uma prima dela, que ficou logo muito feliz e contente. Durante o período de adaptação falámos frequentemente ao telefone com ela para acompanhar como estava a ser e como ela também conhecia lá alguns funcionários, como o enfermeiro foi muito bom. Entretanto, disseram-nos para não ir até fazer três semanas, que telefonássemos, mas passado o tempo fomos lá, escuta, tinha rejuvenescido 10 anos, com uma cara muito bonita, cortaram-lhe o cabelo e então ... muito bonita, parecia que tinha rejuvenescido, estava muito bem.

**Entrevistadora:** **Portanto, considera que foi uma boa experiência? Tanto para ela como para vocês?**

**Entrevistada:** Foi, foi mesmo. Para mim foi uma tranquilidade. Olha, fomos com ela dar um passeiozinho e fomos para o lar, e ainda lhe disse “Agora que você já está tão bem já pode ir para a sua casa” e ela disse logo “Agora que eu estou aqui tão bem? Daqui não saio e daqui já

ninguém me tira” Foi muito bom, nós íamos lá de vez em quando ((tocou o telefone)) ... eu estou muito contente com esta experiência. Um dia telefonaram-me a dizer que ela estava muito em baixo e não queria comer, mas não podia ser, conseguiram dar-lhe um iogurte e uma maçã, e daí ela ficou a dormir... quando a foram ver, na ronda, já estava a dormir definitivamente, percebes?

**Entrevistadora: Sim, mas pela evolução que demonstrou foi algo bastante positivo para ela. Então e o que é que pensa sobre os lares? Qual é que é a sua opinião?**

**Entrevistada:** Eu acho que os lares são precisos, os lares são necessários e dos lares que eu conheço, onde já visitei pessoas em muitos lares nunca vi nada que fosse mau. Conheço e reconheço que há pessoas muito difíceis no feitio mas em todos os lares onde já visitei, gostei. Em todos os lares que vou, conheço aqui na zona e em arredores, visitei muitas pessoas e sempre gostei MUITO.

**Entrevistadora: O balanço que faz é positivo?**

**Entrevistada:** Sim, de tudo.

**Entrevistadora: E quais é que são os motivos que levam a ida da pessoa par ao lar? A pessoa vai porquê?**

**Entrevistada:** A minha sogra foi para não estar sozinha e a minha vizinha foi porque deu cabo da perna, era uma senhora alta, um bocadinho forte e fez uma prótese na anca, teve 6 meses no hospital, mas partiu e teve de fazer novamente e, já nessa altura, ainda teve 20 anos com qualidade de vida. Passado um tempo voltou a magoar-se e aí teve realmente de ir para um lar que eu já não conseguia tomar conta dela.

**Entrevistadora: Então e sem ser o exemplo dos casos que conhece, no geral, quais é que acha que são os motivos que levam a que a pessoa vá para o lar? Temos o exemplo da sua sogra que foi para o lar por precisar de acompanhamento e a sua vizinha por uma questão de recuperação, mas acha que há mais motivos que podem justificar?**

**Entrevistada:** Há mais, os filhos não podem cuidar dos pais, não têm tempo para isso. Tudo trabalha, tudo tem os seus horários e ... vemos que agora está tudo a correr muito depressa e as pessoas não têm tempo.

**Entrevistadora: E acha que estes motivos que identifica são motivos validos? Justificam a ida para o lar?**

**Entrevistada:** Justificam sim, e quando são bem tratados ... não há nada melhor. Não me venham cá com coisas. É espetacular.

**Entrevistadora: Acha que em Portugal deviam de haver mais lares?**

**Entrevistada:** Sim. sim, porque as pessoas estão a durar mais anos, a população está a durar mais anos e ao durar mais anos precisamos de muito apoio.

**Entrevistadora: E quais são as vantagens de ir para um lar?**

**Entrevistada:** Olha, porque têm sempre vigilantes, de noite e de dia, nunca estão sozinhos porque eu sei que há pessoas que vão de noite ver como é que eles estão, e é uma mais valia para eles ... estão num sossego onde tudo lhes aparece feito.

**Entrevistadora: E desvantagens? Há?**

**Entrevistada:** Nos lares não conheço desvantagem nenhuma.

**Entrevistadora: Acha que os meios de comunicação influenciam aquilo que pensa sobre os lares?**

**Entrevistada:** Os meios de comunicação?

**Entrevistadora: Sim, aquilo que passa na rádio, na televisão.**

**Entrevistada:** Eu acho que há muita coisa de pessoas que não são assim tão boas e fazem ... coisas a difamar certos sítios, para mim é isso, porque se uma pessoa faz xixi e está um bocadinho suja, acontece, nem sempre se consegue resolver logo no imediato. Eu acho que as críticas que fazem, algumas não têm muito sentido.

**Entrevistadora: Então não se deixa influenciar por aquilo que passa?**

**Entrevistada:** Não.

**Entrevistadora: E alguma vez pensou na possibilidade de um dia ir para o lar?**

**Entrevistada:** Eu? Por acaso no outro dia pensei e falei nisso.

**Entrevistadora: Considera um dia que precise de cuidados ir para o lar?**

**Entrevistada:** Sim, eu acho que depois de certa idade precisamos de companhia, os nossos filhos vão trabalhar e nós ficamos em casa sozinhos? A ver uma televisão?

**Entrevistadora: Em relação à possibilidade de ir para o lar, tem algum receio em relação a isso?**

**Entrevistada:** NÃO.

**Entrevistadora: Um dia que precise de cuidados aquilo que procuraria era um lar?**

**Entrevistada:** Ai sim, não ter pessoas em casa para cuidar, porque num lar há tudo. Eu acho que o lar tem tudo o que a pessoa precisa, vem um enfermeiro, vem um médico, há alguma coisa as ambulâncias vem logo.

**Entrevistadora: Sim, verdade. O que é que espera quando um dia pensa em ir para um lar?**

**Entrevistada:** Não sei, espero ter qualidade de vida mais anos. Ir para um lar deve ser uma necessidade quando eu já não puder, ou a minha cabeça já não funcionar. Eu já estive acamada uma vez por uma fratura que fiz na anca e não era operável e sei dar valor ao que é precisar de cuidados, estive um mês a olhar para o teto.

**Entrevistadora: E agora, por fim, o que é para si um lar ideal?**

**Entrevistada:** Um lar ideal é ter as condições que as pessoas precisam para viverem bem. Acredito que há muita gente que é difícil, porque não somos todos iguais e há muitas pessoas que podem estar bem e não estão contentes com nada, acontece, mas um lar eu acho que é indicado para a qualidade de vida.

**Entrevistada: Obrigada.**

### **Entrevista 13**

**Local:** Domicílio da Entrevistada

**Duração:** 5 min e 31 s

**Data:** 24 de maio de 2024

---

**Idade:** 69

**Sexo:** feminino

**Estado civil:** viúva

**Habilitações Literárias:** 4ª classe

**Profissão:** Reformada (doméstica)

**Entrevistadora:** **Alguma vez esteve num lar, por exemplo a visitar alguém?**

**Entrevistada:** Sim, já estive. Também costumo ir a lares aqui na zona onde tenho amigos, fui aqui a um muito perto.

((Pergunta para a sobrinha o nome do Lar))

**Entrevistadora:** **Alguma vez teve um familiar seu num lar?**

**Entrevistada:** Não. Só tive uns tios em Centro de Dia.

**Entrevistadora:** **O que é que pensa sobre os lares?**

**Entrevistada:** Eu penso bem, é o meu futuro se lá chegar.

**Entrevistadora:** **Quais é que são os motivos que levam a ida da pessoa para o lar? Ou seja, as pessoas vão para os lares porquê?**

**Entrevistada:** Em muitos casos é os familiares que não conseguem tomar conta deles, é a maioria dos casos, porque secalhar por opção própria as pessoas não iam.

**Entrevistadora:** **E acha que isso é um motivo válido para a pessoa ir para o lar?**

**Entrevistada:** Então sim, é ... Não se podem abandonar os mais velhos.

**Entrevistadora:** **Considera que em Portugal deveriam de haver mais lares?**

**Entrevistada:** Sim, mas em condições. Há muitos que não têm.

**Entrevistadora:** **Quais é que são as vantagens de ir para um lar?**

**Entrevistada:** Então as vantagens é o estar bem cuidado, bem medicado, é em todos os aspetos. Pelo menos os lares que eu conheço, têm médicos, enfermeiros, têm tudo.

**Entrevistadora:** **E desvantagens? Quais é que são?**

**Entrevistada:** As desvantagens é só porque muitos não gostam de lá estar. É o que eu acho, muitos não gostam.

**Entrevistadora:** **Considera que os meios de comunicação, aquilo que se diz nas notícias, na rádio, na televisão influencia aquilo que pensa sobre os lares?**

**Entrevistada:** Nuns aspetos sim, noutros não.

**Entrevistadora:** **E recorda-se de alguma notícia que tenha passado recentemente sobre os lares?**

**Entrevistada:** Ah, de vez em quando ... vê-se que fecham por falta de condições. Vê-se coisas horríveis e uma vez passou que até estavam cheias de formigas.

**Entrevistadora:** **Alguma vez pensou na possibilidade de ir para um lar?**

**Entrevistada:** Ai sim, sim. Se eu precisar vai ser o meu futuro.

**Entrevistadora:** **Tem algum receio em relação à possibilidade de ir para o lar?**

**Entrevistada:** Não. Uma pessoa quando chega assim ... pelo menos com demência, tanto está num lado como no outro, estar em casa ou ali é igual.

**Entrevistadora:** Então se um dia vier a precisar de cuidados desejaria recebe-los num lar?

**Entrevistada:** Sim.

**Entrevistada:** O que é que espera quando pensa em ir para um lar?

**Entrevistadora:** Pelo menos ser bem cuidada, é o mínimo que uma pessoa pode esperar.

**Entrevistadora:** E o que é que era para si um lar ideal?

**Entrevistada:** um lar ideal, então principalmente onde cuidem bem, e é a base fundamental de um lar. Não ser maltratada.

**Entrevistadora:** Obrigada.

#### **Entrevista 14**

**Local:** Domicílio do Entrevistado

**Duração:** 5 min e 33 s

**Data:** 04 de junho de 2024

---

**Idade:** 75

**Sexo:** masculino

**Estado civil:** casado

**Habilitações Literárias:** sem escolaridade

**Profissão:** Reformado (proprietário de estabelecimento comercial)

**Entrevistadora:** alguma vez esteve num lar? Por exemplo a visitar alguém?

**Entrevistado:** Eu já.

**Entrevistadora:** e alguma vez teve um familiar seu num lar?

**Entrevistado:** Já sim.

**Entrevistadora:** E como é que foi essa experiência? De ter alguém num lar?

**Entrevistado:** Não foi, de todo, má.

**Entrevistadora:** O que é que pensa sobre os lares?

**Entrevistado:** É bom. Mas há falta de apoios ... dos nossos serviços.

**Entrevistadora:** Quais é que acha que são os motivos que leva que as pessoas vão para o lar? Ou seja, as pessoas vão para o lar porquê?

**Entrevistado:** ... para não se sentirem tão isolados em casa.

**Entrevistadora:** Sim, há muitas pessoas que procuram essa solução. E acha que são motivos válidos? A pessoa que procura companhia justifica a ida para o lar?

**Entrevistado:** Então pois, é um princípio, é um bom motivo. Então se os filhos trabalham, é como pôr os filhos na creche.

**Entrevistadora:** Pois, não se consegue garantir o acompanhamento. Então e acha que deveriam de haver mais lares em Portugal?

**Entrevistado:** posso te responder de duas formas, há os privados e os públicos. O que eu noto é que os privados estão a fazer o trabalho dos públicos, o público não está a dar condições às necessidades do nosso povo, ora recorremos aos privados, onde não temos meios para os suportar.

**Entrevistadora:** Certo. E quais é que acha que são as vantagens de ir para um lar? Ou seja, as coisas boas?

**Entrevistado:** É não se estar isolado

**Entrevistadora:** Certo, e desvantagens, há?

**Entrevistado:** Se o lar oferecer as condições que promete não.

**Entrevistadora:** sim, claro.

**Entrevistado:** Nós ouvimos as duas versões da realidade e nenhum caso é igual.

**Entrevistadora:** Considera que os meios de comunicação influenciam o que acha dos lares? Ou seja as notícias, a rádio, a televisão? Isto é, as notícias que passam influenciam a sua opinião?

**Entrevistado:** Não, as notícias não são corretas perante os lares. Porque muitas vezes quando vêm já vêm muito tarde, só vêm quando há queixas ... queixas e mais queixas.

**Entrevistadora:** Sim, nem sempre saem no imediato.

**Entrevistado:** Mas isto é só a minha opinião.

**Entrevistadora:** Sim, claro. Alguma vez pensou na possibilidade de ir para um lar?

**Entrevistado:** Não te vou dizer que sim nem que não, enquanto estiver capaz não sei, por agora não.

**Entrevistadora:** Então se um dia vier a precisar de cuidados onde e por quem é que gostaria de os receber?

**Entrevistado:** É uma boa pergunta, não sei dar essa resposta. É como ir para uma creche, onde é que elas estão?

**Entrevistadora:** Pois. O que é que seria para si um lar ideal?

**Entrevistado:** O lar ideal é nós sabermo-nos movimentar e nem todos estão à altura disso. Isto é a minha opinião, enquanto cá estivermos a fazer a nossa vidinha tudo bem, quando deixarmos de fazer não é viver, o que é que estamos cá a fazer? Isso não é viver.

**Entrevistadora:** muito obrigada

## **Entrevista 15**

**Local:** Domicílio do Entrevistado

**Duração:** 5 min e 49 s

**Data:** 05 de junho de 2024

---

**Idade:** 73

**Sexo:** masculino

**Estado civil:** casado

**Habilitações Literárias:** 4ª classe

**Profissão:** Reformado (pedreiro/ cerâmica)

**Entrevistadora:** alguma vez esteve num lar? Por exemplo a visitar alguém, amigos?

**Entrevistado:** já estive em vários lares a visitar pessoas amigas.

**Entrevistadora:** certo, e alguma vez teve algum familiar seu num lar?

**Entrevistado:** Tenho também a minha mãe, na associação aqui da terra.

**Entrevistadora:** E como é que é essa experiência de ter um familiar num lar?

**Entrevistado:** É ótima, hoje em dia ninguém passava sem os lares. As pessoas hoje já não estão preparadas para terem os pais em casa o resto da vida, como era antigamente.

**Entrevistadora:** Pois, o ritmo de vida já é outro. E o que é que pensa sobre os lares?

**Entrevistado:** Olha, do melhor. Eu penso que é uma coisa indispensável, já não se vivia sem isso.

**Entrevistadora:** Acha que as pessoas vão para o lar porquê? Quais é que são os motivos que levam a ida da pessoa para o lar?

**Entrevistado:** Vários, por exemplo começam-se a sentir em casa um peso para a família, deixarem de andar ou começam a ter problemas.

((Entrada da esposa na sala))

**Entrevistadora:** É quando precisam de cuidados?

**Entrevistado:** Exatamente, quando precisam de cuidados e apoio.

**Entrevistadora:** Então e acha que esses motivos são motivos válidos que justificam a ida para o lar?

**Entrevistado:** Sim, eu acho que as pessoas estão muito melhor num lar, estão mais acompanhadas.

**Entrevistadora:** Acha que em Portugal deviam de haver mais lares?

**Entrevistado:** Penso que sim, haviam de haver o que fosse, pronto, o que chegasse para toda a gente. Andam pessoas por aí às vezes à procura e não encontram.

**Entrevistadora:** Pois, há falta de vagas.

**Entrevistado:** É muito complicado.

**Entrevistadora:** Sim, já se fala muito nisso, na falta de vagas.

**Entrevistado:** Sim, ouve-se muito dizer e é complicado.

**Entrevistadora:** Exato. Quais é que são as vantagens de ir para um lar?

**Entrevistado:** Eu acho que para as pessoas são muitas.

**Entrevistadora:** Tem alguns exemplos que me queira dar?

**Entrevistado:** Exemplos? O que hei-de dizer ... as coisas boas é as pessoas conviverem umas com as outras, estarem acompanhadas, têm entretenimento, têm ginástica por vezes, jogos de cartas e outras coisas do género.

((Riso de concordância da esposa))

**Entrevistadora:** Sim, é verdade. Há muitas pessoas que é isso que procuram.

**Entrevistado:** Claro, e tudo isso faz a diferença, ajuda a passar o tempo, as pessoas sentem-se bem.

**Entrevistadora:** E desvantagens, há?

**Entrevistado:** As desvantagens podem acontecer se as pessoas no lar não tomarem conta dos idosos, o resto penso que só vantagens.

**Entrevistadora:** Certo. Acha que os meios de comunicação, aquilo que ouvimos nas notícias, na rádio, na televisão, aquilo que passa a falar dos lares influencia a opinião que tem?

**Entrevistado:** Não, de maneira nenhuma. Às vezes passam-se casos aqui e acolá mas sei que não têm de pagar todos pela mesma coisa, não é?

**Entrevistadora:** Claro, recorda-se de alguma notícia que tenha passado mais recentemente?

**Entrevistado:** Não, houve um caso que nem me lembro bem onde é que foi ... sei que houve para lá uns problemazinhos mas não sei o que é que foi, segui isso e ouvi mas não me recordo. Eu estou ligado à associação aqui da terra, embora não esteja na intervenção direta lá, eu vou lá muita vez.

**Entrevistadora:** Alguma vez pensou na possibilidade de um dia ir para um lar?

**Entrevistado:** Sim.

**Entrevistadora:** E porquê? Porque considera essa possibilidade?

**Entrevistado:** Porque se tiver problemas de saúde e assim que começar a não conseguir andar é evidente que também procurarei, porque quero passar uns bocados, não quero estar sozinho em casa.

**Entrevistadora:** E tem algum receio em relação à possibilidade de um dia ir para um lar?

**Entrevistado:** Não. Acho que hoje, se as pessoas tiverem a cabeça a funcionar, acho que é a coisa mais natural. Quem é que hoje consegue ter um pai em casa? É muito difícil, e complicado, a vida hoje passa, nós andamos sempre a correr. É complicado, quem é que pode ter um pai em casa a tempo inteiro? Só se o tiverem fechado horas seguidas sozinho e contra isso é que eu sou.

**Entrevistadora:** Sim, claro. Então um dia que vier a precisar de cuidados procuraria um lar?

**Entrevistado:** Sim, procuraria, sem dúvida.

**Entrevistadora:** Então e o que é que espera quando pensa em ir para um lar?

**Entrevistado:** É que cuidem de mim, com amor e carinho, mais nada.

**Entrevistadora:** O que é que seria para si um lar ideal?

**Entrevistado:** Olha, neste momento, enquanto eu puder andar, se tiver que ir para um lar gostava de fazer como se faz aqui na terra, passar o dia e vir dormir à minha casa, no dia em que eu tiver problemas e deixar de andar aí terá de ser de outra maneira.

**Entrevistadora:** Certo, e como disse antes procura um sítio que cuide de si.

**Entrevistado:** Sim, isso é o principal.

**Entrevistadora:** Muito obrigada.